

Marcelo Marcon

**DEU NO O GLOBO: LEONEL BRIZOLA E A CRIAÇÃO DO  
PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA (1979-1982)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Luiza Setti Reckziegel.

Passo Fundo

2017

Dedico esta obra aos meus pais, Valdomiro e Silvana, e à minha noiva, Mariana.

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais Valdomiro e Silvana, por todo o esforço e dedicação que me permitiram chegar até esse momento. À minha noiva Mariana, por todo o apoio e companheirismo ao longo dessa jornada, e à minha irmã Aline, por toda a ajuda.

De forma muito especial, agradeço à minha orientadora, professora Ana Luiza Setti Reckziegel, pela incansável disponibilidade e empenho, e principalmente por poder aprender com ela o ofício do historiador. Seu constante auxílio contribuiu de forma imensurável para o êxito deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos os professores da UPF, tanto do mestrado como da graduação, por contribuírem de forma direta na minha formação, e em particular ao PPGH, pela estrutura oferecida nesses dois anos, e à Jênifer, secretária do programa, por todo o auxílio administrativo. Da mesma forma, agradeço aos demais colegas e amigos que estiveram presentes nesta jornada.

“A função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer”.

Peter Burke

## RESUMO

Essa pesquisa objetiva compreender o discurso do jornal *O Globo* sobre o processo que culminou na criação do Partido Democrático Trabalhista (PDT), por meio da ação de Leonel Brizola. O ex-governador do Rio Grande do Sul retornou do exílio em 1979 e buscou recriar o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), porém o Tribunal Eleitoral decidiu por entregar a sigla para Ivete Vargas. Brizola, então, criou o PDT, sob influência da social-democracia europeia, com quem teve contato no exílio, especialmente no Encontro de Lisboa, em 1979. Portanto, a pesquisa aborda a trajetória de Brizola desde o exílio em Portugal, seu retorno em 1979, a disputa judicial pela sigla PTB, a criação do PDT, e a campanha e eleição de Brizola para governador do Rio de Janeiro, em 1982. Todo esse processo teve como fonte o jornal *O Globo*, que se torna também objeto de estudo dessa dissertação. Essa pesquisa buscou responder a seguinte pergunta: Como o jornal *O Globo* elaborou seu discurso sobre a ação de Leonel Brizola no processo de criação do Partido Democrático Trabalhista, nos anos de 1979 a 1982? Para respondermos, buscamos compreender a forma como o jornal criou seu discurso, analisado de acordo com a metodologia proposta por Patrick Charaudeau, que entende o discurso político como um jogo de máscaras, que possui meios discursivos de que dispõe o sujeito político para tentar persuadir e seduzir seus interlocutores. Justifica-se a relevância da pesquisa pela importância da interdisciplinaridade entre história e imprensa, principalmente no contexto de renovação da história política, que elege os jornais como fonte relevante para a pesquisa histórica, e pelo papel exercido por Leonel Brizola e o jornal *O Globo* no processo de abertura política do regime militar brasileiro e de reorganização partidária, em que o trabalhismo, que estava fora do cenário político brasileiro desde 1964, ressurgiu e encontra resistência de *O Globo*.

**Palavras-chave:** Imprensa. Leonel Brizola. *O Globo*. Partido Democrático Trabalhista. Trabalhismo.

## ABSTRACT

This research aims to understand the newspaper “O Globo’s” speech about the process that culminates on the creation of the “Partido Democrático Trabalhista” (PDT) by Leonel Brizola’s action. The Rio Grande do Sul’s former governor returned from exile in 1979, and sought to recreate the “Partido Trabalhista Brasileiro” (PTB), however, the Electoral Tribunal decided to deliver the acronym to Ivete Vargas. Brizola then created PDT, under the influence of the European social democracy, which he had contact during the exile, especially at the Lisbon Meeting in 1979. Thus, the research approaches the trajectory of Brizola since the exile in Portugal, his return in 1979, the legal dispute by the acronym PTB, the creation of PDT, the campaign and also Brizola's election for governor of Rio de Janeiro in 1982. This entire process was researched by the newspaper search source of “O Globo”, which is also the object of study on this dissertation. This research aims to answer the following question: How did the newspaper O Globo elaborate its speech on the action of Leonel Brizola in the process of creation of the “Partido Democrático Trabalhista” in the years from 1979 to 1982? To answer, we aims to understand how the newspaper has created it’s speech, analyzed according to the methodology proposed by Patrick Charaudeau who understands the political speech as a game of masks, which has discursive ways available to the political subject to try to persuade and seduce the interlocutors. The relevance of the research is justified by the importance of interdisciplinary between history and the media, especially in the context of renovation of political history which selects newspapers as a relevant source for historical research, and for the role played by Leonel Brizola and the newspaper O Globo in the process of political opening of the Brazilian military regime and party reorganization, in which labourism, that was outside the Brazilian political scene since 1964, resurfaces and finds resistance from O Globo.

**Keywords:** Media. Leonel Brizola. O Globo. Partido Democrático Trabalhista. Labourism.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de palavras relacionadas à disputa da sigla PTB no jornal <i>O Globo</i> de janeiro a maio de 1980.....	83
Tabela 2 – Migração de parlamentares dos antigos partidos após a reforma partidária.....	87
Tabela 3 – Evolução dos candidatos nas pesquisas de 1981 segundo <i>O Globo</i> .....	95
Tabela 4 - Intenções de voto por regiões do estado do Rio de Janeiro em setembro e outubro de 1982.....	109
Tabela 5 - Quantidade de menções aos nomes dos candidatos ao cargo de governador do Rio de Janeiro no jornal <i>O Globo</i> de março a novembro de 1982.....	118
Tabela 6 - Quantidade de menções aos partidos no jornal <i>O Globo</i> de março a novembro de 1982.....	125

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Janeiro de 1980.....	84
Gráfico 2 – Fevereiro de 1980.....	84
Gráfico 3 – Março de 1980.....	84
Gráfico 4 – Abril de 1980.....	85
Gráfico 5 – Maio de 1980.....	85
Gráfico 6 - Pesquisa Eleitoral publicada pelo <i>Jornal do Brasil</i> em 14 de março de 1982.....	96
Gráfico 7 - Pesquisa eleitoral publicada pelo <i>Jornal do Brasil</i> em 14 de março de 1982.....	97
Gráfico 8 - Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal <i>O Globo</i> de 19 de junho de 1982.....	100
Gráfico 9 - Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal <i>O Globo</i> de 19 de junho de 1982.....	101
Gráfico 10 - Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal <i>O Globo</i> de 30 de julho de 1982.....	102
Gráfico 11 – Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal <i>O Globo</i> de 14 de agosto de 1982.....	104
Gráfico 12 - Pesquisa eleitoral publicada pelo <i>Jornal do Brasil</i> de 20 de agosto de 1982.....	105
Gráfico 13 - Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal <i>O Globo</i> de 29 de agosto de 1982.....	107
Gráfico 14 – Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal <i>O Globo</i> de 11 de setembro de 1982.....	107
Gráfico 15 - Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal <i>O Globo</i> de 22 de setembro de 1982.....	108
Gráfico 16 - Pesquisa eleitoral divulgada pelo jornal <i>O Globo</i> de 30 de outubro de 1982.....	114
Gráfico 17 - Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal <i>O Globo</i> de 16 de novembro de 1982.....	117
Gráfico 18 – Março de 1982.....	119
Gráfico 19 – Abril de 1982.....	120

Gráfico 20 – Maio de 1982.....	121
Gráfico 21 – Junho de 1982.....	121
Gráfico 22 – Julho de 1982.....	122
Gráfico 23 – Agosto de 1982.....	123
Gráfico 24 – Setembro de 1982.....	123
Gráfico 25 – Outubro de 1982.....	124
Gráfico 26 – Novembro de 1982.....	124
Gráfico 27 – Março de 1982.....	126
Gráfico 28 – Abril de 1982.....	126
Gráfico 29 – Maio de 1982.....	126
Gráfico 30 – Junho de 1982.....	127
Gráfico 31 – Julho de 1982.....	127
Gráfico 32 – Agosto de 1982.....	127
Gráfico 33 – Setembro de 1982.....	128
Gráfico 34 – Outubro de 1982.....	128
Gráfico 35 – Novembro de 1982.....	129
Gráfico 36 – Resultado das eleições.....	130

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ARENA – Aliança Renovadora Nacional  
FPN – Frente Parlamentar Nacionalista  
MDB – Movimento Democrático Brasileiro  
PCB – Partido Comunista Brasileiro  
PDS – Partido Democrático Social  
PDT – Partido Democrático Trabalhista  
PMDB – Partido do Movimento Democrático Trabalhista  
PP – Partido Popular  
PT – Partido dos Trabalhadores  
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro  
PTD – Partido Trabalhista Democrático  
SBT – Sistema Brasileiro de Televisão  
SNI – Serviço Nacional de Informações  
TRE – Tribunal Regional Eleitoral  
TSE – Tribunal Superior Eleitoral  
TVS - Studio Silvio Santos Cinema e Televisão Ltda.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. TRAJETÓRIA EM DOIS TEMPOS: BRIZOLA EXILADO, BRIZOLA RETORNADO.....	28
1.1 Brizola rumo ao exílio.....	28
1.2 Brizola no exílio: a experiência das guerrilhas.....	32
1.3 Brizola no exílio: contato com a social democracia europeia.....	38
1.4 Retorno de Brizola em 1979.....	47
1.5 O novo projeto trabalhista de Brizola.....	53
2. O GLOBO E AS DISPUTAS EM CENA: BRIZOLA E UMA SIGLA EMBLEMÁTICA.....	59
2.1 Retorno do pluripartidarismo.....	59
2.2 Batalha judicial pela sigla PTB.....	62
2.3 Perda do PTB para Ivete Vargas.....	72
2.4 Criação do PDT.....	78
3. O GLOBO SURPREENDIDO: BRIZOLA GOVERNADOR.....	92
3.1 Eleições de 1982: Voto vinculado e defesa de <i>O Globo</i> ao “tripartidarismo”.....	92
3.2 Pesquisas eleitorais.....	95
3.3 Intensificação do discurso de Leonel Brizola e virada nas pesquisas.....	108
3.4 Cobertura de <i>O Globo</i> aos candidatos ao governo do Rio de Janeiro.....	117
3.5 Eleição de Brizola.....	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	144
FONTES CONSULTADAS.....	148
ANEXOS.....	149

## INTRODUÇÃO

O golpe civil-militar de 1964 alterou diversos setores da sociedade brasileira, entre eles, o cenário político-partidário. O Ato Institucional 2 (AI2), de 1965, instaurou o bipartidarismo, criando o partido de situação, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), e o de oposição, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Os partidos políticos brasileiros anteriores ao AI2 foram extintos, e formaram-se dois blocos partidários que perduraram até o ano de 1979, quando o então presidente João Figueiredo, no contexto da abertura política, decretou o fim do bipartidarismo e a volta dos partidos.

No mesmo ano, por ocasião da abertura política, ocorreu a anistia aos presos políticos exilados a partir de 1964. Entre outros políticos, Leonel Brizola retornou de um exílio de mais de 15 anos, e logo buscou cercar-se de alianças para a recriação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Brizola, quando retornou, estava em situação diferente de quando havia partido para o exílio em 1964. Naquele momento, encontrava-se no auge de sua carreira política, tendo recentemente sido governador do estado do Rio Grande do Sul e líder da Legalidade, movimento que defendeu a posse de João Goulart como presidente da República, quando da renúncia de Jânio Quadros em 1961.

Ao voltar, Brizola encontrou inúmeras dificuldades para se estabelecer politicamente, dentre elas conseguir aliados para a recriação do Partido Trabalhista Brasileiro, e principalmente a perda do domínio da sigla para Ivete Vargas. A decisão do Tribunal Superior Eleitoral atuou no sentido de enfraquecer politicamente o ex-governador do Rio Grande do Sul. Perdida a sigla PTB, Brizola partiu para a fundação de um novo partido: o Partido Democrático Trabalhista (PDT). Nesse contexto, vários jornais retrataram a movimentação política de Brizola.

Nesta pesquisa, temos o objetivo de reconstruir os momentos que levaram à fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT), através da narrativa da imprensa, como fonte principal. Para tanto, elegemos o jornal *O Globo*, o qual podemos situar como opositor ao ideário trabalhista. O discurso do jornal revela a concepção ideológica de seus proprietários, editores e colunistas, e, portanto, torna-se relevante como alvo de análise em um período complexo da história brasileira.

## I. História Política Renovada:

O uso da imprensa como fonte histórica torna-se relevante no processo de renovação da história política. Diversos historiadores começaram a reconhecer a importância de a história política dialogar com as outras áreas de estudo, como a história econômica, social e cultural.

A história política que, para Rémond, por séculos foi a história do Estado, do poder, das instituições e das revoluções, “desfrutou junto aos historiadores de um prestígio inigualado devido a uma convergência de fatores”. Mas em favor de uma história total, e contra a hegemonia do político, uma “geração se insurgiu e fez-se uma revolução na distribuição do interesse”<sup>1</sup>.

Para Rémond, a nova história, surgida com a Escola dos Annales, considerava as estruturas duráveis, e entendia que os processos de longa duração, por serem “mais significativos e mais decisivos”, deveria obter maior atenção dos pesquisadores que os regimes políticos de um poder, que era entendido como uma área que “só faziam traduzir o estado da relação das forças sociais, ou refletir realidades anteriores às escolhas políticas”.

Porém, Rémond argumenta que a história política não pensa em opor a hierarquias obsoletas uma “contra-hierarquia que a recolocaria no topo de uma pirâmide. Mas está convicta de que tem muito a contribuir em troca –não apenas marginalmente- para todos os outros setores da sociedade”<sup>2</sup>.

É dessa forma que ocorreu um processo de renovação da história política, que ganhou força nas décadas de 1970 e 1980. Segundo René Rémond,

A renovação da história política foi grandemente estimulada pelo contato com outras ciências e pelas trocas com outras disciplinas. É uma verdade geral a utilidade, para todo ramo do saber, de abrir-se a outros e acolher contribuições externas, mas o objeto da história política, sendo por sua natureza interdisciplinar, torna isso uma necessidade mais imperativa que em outros casos. É impossível para a história política praticar o isolamento: ciência-encruzilhada, a pluridisciplinaridade é para ela como o ar de que ela precisa para respirar<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> RÉMOND, 2003, p. 15.

<sup>2</sup> RÉMOND, 2003, p. 10.

<sup>3</sup> RÉMOND, 2003, p. 29.

Desse modo, o contato da história política com outros âmbitos promoveu o estudo de áreas até então desconhecidas, com novas ferramentas de análise. Nesse processo, cresceu o número de estudos que têm como fonte histórica a imprensa, em especial os jornais.

A historiadora Tânia de Luca afirma que a imprensa passou a ser utilizada como objeto de pesquisa histórica no Brasil com mais frequência a partir da década de 1970. Até então, os jornais eram considerados pouco adequados por conter “registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões”<sup>4</sup>. Essa concepção era, segundo a autora, associada à ideia de que era preciso buscar a verdade dos fatos, por intermédio de documentos.

De Luca elencou vários elementos dos meios de imprensa como plausíveis de pesquisa histórica e justifica a importância desses estudos:

Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa<sup>5</sup>.

Essa afirmação de De Luca é importante para pensarmos como a imprensa classifica e escolhe determinados acontecimentos para que ganhem destaque em detrimento de outros, e, sobretudo, a forma como ela compõe o seu discurso em relação a isso. Como diz a autora, é nesse contexto que o historiador age ao analisar e problematizar as formas de narrações e discursos utilizados pela imprensa.

Tendo isso em vista, nessa pesquisa, o jornal *O Globo* foi utilizado como fonte para acompanharmos a trajetória da criação do PDT. O que estamos propondo é problematizar o discurso desse órgão de imprensa adotando a metodologia da análise do discurso. Isto é, vamos analisar o texto de *O Globo* contextualizando historicamente seu posicionamento. Um discurso jornalístico não pode ser visto apenas em si mesmo, mas vinculado à intencionalidade que se faz presente por detrás do texto.

---

<sup>4</sup> LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos, e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 112.

<sup>5</sup> LUCA, 2010, p. 139.

## II. História do tempo presente

O tema em questão insere-se no que a historiografia define como história do tempo presente<sup>6</sup>. Por definição, a história do tempo presente refere-se aos fatos ocorridos a partir do final da Segunda Guerra Mundial. Cronologicamente, abrangeria os últimos cinquenta anos.

Na obra “Questões para a história do presente”, organizada por A. Chaveau e Ph. Tétard, os autores afirmam que nos anos 1970, com a investigação histórica voltando-se para a Nova História, herdeira da Escola dos Annales, o presente ainda era quase que inexistente. Algumas obras, entretanto, começaram a estudar a história imediata, como o inovador trabalho de René Rémond sobre as direitas, ainda nos anos 1950, e em 1963, quando Jean Lacouture lançou a coleção “A História imediata”<sup>7</sup>.

No decorrer dos anos 1970 passaram a ganhar força as obras que estudaram o pós-guerra, tema ainda recente e que se caracterizava como história imediata. Para os autores, “o retorno do político desempenhou, pois, científica e intelectualmente, um papel essencial na afirmação da história do tempo presente”. Logo, o processo de renovação da história política, que também ganhou força na década de 1970, atuou como um agente dinamizador da história do tempo presente, embora o presente e o imediato não devam se limitar à história renovada do político<sup>8</sup>.

Por tratar de temas recentes, em que os eventos ocorridos ainda refletem na memória daqueles que os viveram, a história imediata suscita desconfiança, por unir conceitos que podem parecer contraditórios: imediato e história. Dessa forma, os autores afirmam que o procedimento da história imediata é parecido com as técnicas jornalísticas, mas que isso não implica que ela seja determinada por essas técnicas e que não seja tributária da pesquisa científica<sup>9</sup>.

O que caracteriza a história do tempo presente como uma pesquisa científica historiográfica é o tratamento do historiador ao objeto e às fontes. Segundo o autor, “Visto como objeto, a história do imediato é testemunho. Este é seu valor intrínseco.

---

<sup>6</sup> CHAUVEAU, A.; TÉTARD, Ph. (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>8</sup> CHAUVEAU, A.; TÉTARD, Ph. (orgs.), 1999, p.14.

<sup>9</sup> CHAUVEAU, A.; TÉTARD, Ph. (orgs.), 1999,, p.22

Esse testemunho pode tomar a forma de análise que, hierarquizando uma primeira vez as questões, os fatos, fornece conjuntamente arquivos, depoimentos”<sup>10</sup>.

No capítulo “Entre História e Jornalismo”, Jean-Pierre Rioux afirma que o diálogo entre história e jornalismo é essencial, sendo necessário encorajá-lo, e indispensável refletir sobre ele livremente. Segundo Rioux, o historiador, desde o fim do século XIX, em seu papel de sábio moderno, mantém uma discussão, constrói e erige a distância de seu objeto de estudo e lhe dá assim um estatuto científico, enquanto o jornalista é “o homem apressado que relata fatos juntados, que acredita entregar a vida em estado bruto, mas que a simplifica e desfigura mediatizando-a em jato contínuo”<sup>11</sup>.

De acordo com Rioux, no entanto, esse duplo posicionamento foi modificado desde os anos 1960, e foram os jornalistas que tomaram a iniciativa de atravessar as fronteiras como desbravadores. Para ele, essa ambição jornalística vinha na hora certa, em que se percebeu o papel decisivo dos meios de comunicação na produção da história<sup>12</sup>.

Para o autor, tantas iniciativas jornalísticas acabaram por abalar alguns poucos historiadores, sobretudo porque uma história lançou-se, no começo dos anos 1980, à “exploração do presente”. Essa nova história, apesar de realizar poucas aproximações com a história imediata, conseguiu interiorizar novos temas, impelidos pela atualidade e submetidos à pressão das testemunhas<sup>13</sup>.

Rioux ainda afirma que entre o jornalista, tornado na ocasião um “memorialista da vida”, e o historiador, ao qual a prática do ofício ensinou “a dar ao fato todo seu lugar e nada mais que isso”, houve um confronto que, embora pequeno, se desenrolou na clareza dos papéis de cada área, e foi estimulante para ambas<sup>14</sup>.

A história do tempo presente é, antes de tudo, história, e o historiador do presente precisa preocupar-se com o passado e com uma multiplicidade de fontes, para “encontrar o necessário confronto entre as múltiplas abordagens que, sozinhas, legitimam a veracidade do fato, tecido inexcedível de toda reflexão histórica”<sup>15</sup>.

---

<sup>10</sup> CHAUVEAU, A.; TÉTARD, Ph. (orgs.), 1999, p. 24.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 121.

<sup>12</sup> Ibidem, p.121.

<sup>13</sup> Ibidem, p.124.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 126.

<sup>15</sup> Ibidem, p.128.

Apesar de trabalhar com fontes recentes, que por vezes foram consideradas aptas apenas para o trabalho do jornalista, o historiador do presente possui um método, um objeto próprio da ciência histórica, e ao confrontar suas fontes com sua metodologia, constrói história. Nesta pesquisa, trabalhamos com um tema consideravelmente recente, e com fontes jornalísticas que, confrontadas com a metodologia da análise de discurso, vêm a contribuir para a ciência histórica.

### III. Metodologia

Conforme constatado na análise do discurso do jornal, que será vista no decorrer dessa dissertação, a partir do processo de abertura política e crise econômica do governo militar, e com a anistia e revogação do AI5, *O Globo* permaneceu com um discurso que acompanha o do governo, defendendo uma transição para a democracia exatamente como a proposta por ele.

Sobre análise de discurso, Eni Orlandi entende que

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se a o homem falando. Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. [...] A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana<sup>16</sup>.

Com base nessa concepção de Orlandi, podemos perceber como, para entendermos o discurso e posteriormente realizarmos sua análise, precisamos compreender a linguagem praticada pelo homem, em sua interação com a realidade. Sendo a palavra discurso referente à ideia de curso e de movimento, sua mediação entre o homem e a realidade existente, torna-se a sua análise um campo extremamente profícuo para o trabalho do pesquisador na busca de compreender o discurso nos processos históricos

---

<sup>16</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

Nesta pesquisa, em que tratamos de análise de discurso de um jornal, cabe trazer novamente Tânia de Luca, que recorda que “o pesquisador dos jornais trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa”<sup>17</sup>.

As notícias escolhidas também dizem muito a respeito das que não foram selecionadas para compor a edição. A imprensa, na medida em que seleciona acontecimentos para estamparem suas capas, e elabora uma estrutura de matérias, deixa de apresentar fatos que podem contradizer o seu discurso.

Além dessa questão, segundo de Luca, também o publicado implica em atentar para o destaque conferido, o local da publicação, o contexto. Para ela, os discursos são capazes de adquirir significados de muitas formas, como os procedimentos tipográficos e de ilustração; e também os temas, a linguagem e a natureza do conteúdo do público que o jornal visa a alcançar<sup>18</sup>.

Assim, as notícias escolhidas para as capas, o tamanho da fonte utilizada, as palavras grifadas em caixa-alta, foram feitas de tal modo por um determinado motivo, para serem lidas pelo público de forma que fiquem gravadas na memória do leitor com prioridade em relação às outras. Esses detalhes devem ser observados na análise de discurso, pois fazem parte do método adotado pelo jornal.

De Luca afirma também que as redações são locais que abrangem diferentes linhagens políticas e estéticas, e que o sumário que se apresenta ao leitor é resultado de “intensa atividades de bastidores”, e é papel do pesquisador recorrer “a outras fontes de informação para dar conta do processo que envolveu a organização, o lançamento e a manutenção do periódico”<sup>19</sup>.

Como é de conhecimento, as redações de jornais são, geralmente, conturbadas, com um trabalho que se estende por todos os dias da semana. A correria que envolve os bastidores dos jornais influenciam na estrutura e no texto publicado. Portanto, é necessário que o pesquisador estude a história do periódico, o contexto da época estudada e as condições e fatores internos e externos que possam interferir na edição.

---

<sup>17</sup> LUCA, 2010, p. 140.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 140.

<sup>19</sup> Ibidem, p.141.

Nesta dissertação utilizaremos o método de análise de discurso proposto pelo linguista francês Patrick Charaudeau. Charaudeau é professor na Universidade Paris-Nord (Paris 13), e diretor-fundador do Centro de Análise de Discurso (CAD). É uma das maiores autoridades mundiais na área, criador da Teoria Semiolinguística da análise de discurso. Entre outras publicações, é autor das obras *Discurso das Mídias*; *Discurso Político*; *Linguagem e Discurso* e coautor do *Dicionário de análise de discurso*<sup>20</sup>.

Na sua obra *Discurso das mídias*, ao mesmo tempo em que ressalta a importância das mídias para a consolidação da democracia, identifica a sua linguagem “racional e sedutora”, as formas de seleções de conteúdo, e a máquina midiática em si, mostrando “as contradições de certas práticas midiáticas e as transgressões às regras de informação que, se fossem obedecidas, contribuiriam para um melhor convívio entre os cidadãos”<sup>21</sup>.

Charaudeau explicita detalhadamente as formas de escrita e as estratégias utilizadas pelos órgãos de imprensa na elaboração do seu discurso. Segundo o autor, em uma democracia, em que é necessário que haja o maior número de cidadãos com acesso à informação, e nem todos possuem as mesmas condições de acesso, “é preciso que a informação em questão seja digna de fé, mas suas fontes são diversas e podem ser suspeitas de tomada de posição parcial, sem contar que a maneira de relatá-la pode satisfazer a um princípio de dramatização deformante”<sup>22</sup>.

Dessa forma, sendo a mídia alvo constante de desconfiança em relação à sua posição, o objetivo passa a ser o de conseguir a maior credibilidade possível com o maior número de receptores. Um dos principais problemas para atingir essa meta, segundo Charaudeau, é o de alcançar credibilidade, visto que os veículos midiáticos baseiam sua legitimidade no “fazer crer que o que é dito é verdadeiro”, e então precisam fazer um jogo da verdade, correspondendo aos diferentes imaginários sociais que os questionem<sup>23</sup>.

Para Charaudeau, as mídias constroem sua legitimidade a partir de quatro formas: *dizer o exato*; *dizer o que acontece*; *revelar a intenção oculta* e *fornecer a prova das explicações*:

---

<sup>20</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015

<sup>21</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

<sup>22</sup> Ibidem, p.86.

<sup>23</sup> CHARAUDEAU, *Discurso das mídias*, 2015, p. 90.

*Dizer o exato* é dar a impressão de controlar o mundo no instante em que ele surge, e nada nem ninguém poderia se opor a essa verdade capturada no momento em que sai da fonte; eis por que as mídias estão sempre em busca de transmissão direta. *Dizer o que acontece* é construir a memória dos homens e permitir-lhes apropriar-se do passado que foge inexoravelmente, é essa a base de certos *reality shows*. *Revelar a intenção oculta* equivale a triunfar sobre forças do poder que se apoiam no segredo e na mentira, como nas entrevistas e nos debates políticos, ou então a triunfar sobre enigmas constituídos pelo conhecimento do homem, como se pode ver nos *talk shows* intimistas. *Fornecer a prova das explicações* equivale a manifestar o triunfo da razão, o poder da inteligência humana, a dominação do pensamento sobre a matéria, sem a qual a descrição dos fatos não teria nenhuma utilidade<sup>24</sup>.

Percebemos, então, que para as mídias o importante é defender sua tese e posição de maneira que sua verdade seja inquestionável, ditando exatamente os acontecimentos que tornaram-se notícias a partir da sua visão. Revelar a intenção oculta e fornecer a prova das explicações, dizem respeito a mostrar o poder que a mídia exerce, que ela consegue extrair dos personagens em destaque o que há de mais íntimo e secreto, e mostrando-se detentora da interpretação que julgue correta, muitas vezes impondo-a como a única verdadeira.

Ao estudar as mídias em relação ao espectro político, é imprescindível continuar com a análise de discurso proposta por Patrick Charaudeau, que em seu livro *Discurso Político* identifica o estudo do conceito de política como primordial à discussão do discurso político. Para ele, por ser a política um espaço de domínio de prática social, em que se enfrentam relações de força simbólicas para a conquista de um poder, ela desempenha um “duplo papel de representante e de fiador do bem-estar social” na persuasão do discurso político<sup>25</sup>. Para persuadir é preciso que o político “saiba inspirar confiança, admiração, isto é, que saiba *aderir* à imagem ideal do chefe que se encontra no imaginário coletivo dos sentimentos e das emoções”<sup>26</sup>. Charaudeau define o discurso político como um jogo de máscaras, evidenciando as estratégias e os artifícios que os seus atores utilizam. Segundo ele, o discurso político é incentivado pela necessidade de influenciar o outro.

A partir dessa visão de Charaudeau, podemos entender como a esfera política é importante na criação de um discurso que visa a convencer, através de uma imagem ideal de líder, que seja capaz de “unir o povo em torno de um bem comum”. A criação de um discurso político ocorre, portanto, por meio de estratégias que

<sup>24</sup> Ibidem, p.90

<sup>25</sup> CHARAUDEAU, *Discurso Político*, 2015, p. 79.

<sup>26</sup> CHARAUDEAU, *Discurso Político*, p. 80.

buscam persuadir determinado indivíduo ou grupo a aderir a um pensamento político.

É com base nesses pressupostos que se institui a análise do discurso, e que procura-se neste trabalho compreender a forma como *O Globo* elaborou seu discurso sobre a ação de Brizola, desde seu retorno do exílio, a perda da sigla PTB e a criação do PDT, até o ano de 1982, quando da sua campanha e eleição para governador do Rio de Janeiro.

#### IV. *O Globo*

O jornal *O Globo* foi fundado no ano de 1925, no Rio de Janeiro, por Irineu Marinho, que faleceu poucos dias após seu lançamento. O periódico foi então herdado por seu filho Roberto Marinho, que assumiu a direção do jornal no ano de 1931. Segundo João Braga Arêas, *O Globo* foi favorável à Revolução de 1930, mas depois mostrou-se de oposição ao governo Getúlio Vargas, fez oposição moderada a Juscelino Kubitschek, apoiou a eleição de Jânio Quadros e fez forte oposição ao governo João Goulart e às entidades de esquerda em geral.<sup>27</sup>

*O Globo* comemorou o golpe civil-militar de 1964, afirmando que com a fuga de Goulart e a posse de Mazzilli na presidência a “democracia estaria ressurgindo”:

Vive a nação dias gloriosos. Porque souberam unir-se todos os patriotas, independentemente de vinculações políticas, simpatias de opinião sobre problemas isolados, para salvar o que é essencial: a democracia, a lei e a ordem. Graças a decisão e ao heroísmo das Forças Armadas, que obedientes a seus chefes demonstraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil livrou-se do Governo irresponsável, que insistia em arrastá-los para rumos contrários a sua vocação e tradições<sup>28</sup>.

A posição do jornal não foi isolada, outros veículos de comunicação importantes da época também apoiaram o golpe<sup>29</sup>. Segundo Alzira Alves de Abreu,

<sup>27</sup> ARÊAS, João Braga. *Batalhas de O Globo (1989-2002): O neoliberalismo em questão*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012. p. 62.

<sup>28</sup> *O Globo*, 02 de abril de 1964.

<sup>29</sup> *O Globo* atualmente afirma que o apoio foi um erro, com uma nota no site do jornal que diz que naquele período justificava-se a intervenção militar “pelo temor de um outro golpe, a ser desfechado pelo presidente João Goulart, com amplo apoio de sindicatos — Jango era criticado por tentar instalar uma “república sindical” — e de alguns segmentos das Forças Armadas.” Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226>>.

quando da renúncia de Jânio Quadros, a maioria dos jornais defendeu a posse de Jango: o *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil*, *A noite*, *O Jornal*, *Última Hora*, *Correio Brasiliense* e *Zero Hora*. Já os jornais *O Globo* e *o Estado de São Paulo* foram abertamente contra a posse do então vice-presidente<sup>30</sup>.

Já durante o governo Goulart, segundo Alzira Abreu,

O jornal *O Globo*, que havia se posicionado contra a posse de Goulart, mostrou-se favorável ao presidente durante a campanha do plebiscito, chegando a afirmar, em editorial, que ele era “uma revelação de comedimento, moderação e prudência”. O jornal via na volta ao regime presidencialista a possibilidade de Goulart enfrentar a crise política e atacar a inflação. Havia também uma expectativa dos grupos conservadores de atrair Goulart para o centro político e afastá-lo da influência dos grupos de esquerda. A posição de *O Globo* representava essa tentativa<sup>31</sup>.

Com a ampla vitória do plebiscito em favor do presidencialismo, Goulart teve a falsa ideia de que a sociedade civil, em sua maioria, era favorável às reformas de base<sup>32</sup>. Ao contrário do que Goulart esperava, logo a imprensa passou a ampliar o discurso contra o regime cubano e associar as reformas do presidente a possíveis alterações no sistema econômico brasileiro.

O discurso do jornal *O Globo* atuou no sentido de evidenciar o perigo eminente da aproximação de João Goulart com o comunismo, e mostrou então uma solução, a intervenção militar, e depois buscou legitimá-la. “*O Globo* também distribuiu o livro “O assalto ao Parlamento”, sobre a ascensão dos comunistas na Tchecoslováquia”<sup>33</sup>. Na divulgação do material pelo jornal, era denunciado o “perigo comunista”, em que seus partidários eram chamados de “adeptos do credo vermelho”, “soldados vermelhos”, “inimigos da pátria”, etc.

Patrick Charaudeau afirma que:

<sup>30</sup> ABREU, Alzira Alves. 1964: A imprensa ajudou a derrubar o governo Goulart. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). João Goulart: *Entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.111.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 115.

<sup>32</sup> As reformas incluíam, segundo Alzira Abreu, “o controle sobre o capital estrangeiro, a nacionalização de alguns setores considerados básicos na economia, o direito de voto ao analfabeto e praças de pré, a extensão do direito de elegibilidade a todos os militares e a legalização do Partido Comunista”.

<sup>33</sup> ABREU, 2006, p. 116.

O discurso político, que procura obter a adesão do público a um projeto ou a uma ação, ou a dissuadi-lo de seguir o projeto adverso, insiste mais particularmente na *desordem social* da qual o cidadão é vítima, na *origem do mal* que se encarna em um adversário ou um inimigo, e na *solução salvadora* encarnada pelo político que sustenta o discurso. A desordem social é apresentada como um estado de fato ou como um estado potencial: no primeiro caso, trata-se de persuadir o público de que o mal e as vítimas existem e que não há lugar para a especulação; no segundo, em contrapartida, trata-se de criar um estado de expectativa que obriga a vislumbrar a possibilidade de existência de um mal e o desencadear de um temor gerador de angústia. [...] A solução salvadora consiste em propor medidas que deveriam reparar o mal existente. De repente, o defensor dessas medidas aparece crível, persuasivo e tenderá a construir para si uma imagem mais ou menos forte de salvador da pátria, dado que o objetivo é fazer o público encontrar o libertador de seus males e voltar-se totalmente para ele. Isso mostra a que ponto a construção da imagem de si (o ethos) é importante no discurso político<sup>34</sup>.

É desse modo que grande parte da imprensa brasileira, em especial o jornal *O Globo*, atuou em relação ao golpe, chamado de revolução pelo jornal. Criou-se um discurso em que se afirmava que a situação da época estava insustentável, que havia uma desordem social e perigo do mal, e apresentava-se uma solução salvadora. Ao colocar o perigo da aproximação de Jango com governos socialistas, e a “imminente aproximação do Brasil ao comunismo”, o jornal saúda a intervenção militar, apresentada por eles como a solução salvadora, e a partir de então, passa a legitimá-la.

No decorrer do regime militar, *O Globo* continuou a posicionar-se a seu favor, exaltando os feitos do governo, a partir de capas que destacavam a *Bolsa em novo recorde* (04/07/1969), *Êxito do Brasil contra a inflação* (07/06/1969), dentre outras<sup>35</sup>. Também destacava os presidentes, em especial Emílio Garrastazu Médici, chegando, em seu editorial de 09 de outubro de 1969, em uma total contradição com a realidade da época, a escrever: “Talvez na história do Brasil não haja outro momento em que o governo dispusesse de tão ampla liberdade para bem escolher como agora. O general Médici está liberto de todos os pequenos compromissos em torno de nomes, de grupos, de facções”<sup>36</sup>.

A partir do processo de abertura política e crise econômica do governo militar, e com a anistia e revogação do AI5, *O Globo* permanece com um discurso que acompanha o do governo, defendendo uma transição para a democracia exatamente como a proposta por ele.

<sup>34</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 91.

<sup>35</sup> ARÉAS, 2012. p.73.

<sup>36</sup> *O Globo*, 09 de outubro de 1969.

Quanto à ação de Leonel Brizola no período de 1979 a 1982 para a criação de seu partido, *O Globo*, antes da definição da posse da sigla PTB, já mencionava Brizola como representante dela. Quando da decisão do TSE de concedê-la a Ivete Vargas, o jornal afirma que isso aconteceu pelo tribunal entender que o grupo de Ivete apresentou todos os requerimentos legais, que a oposição mostrou-se contrária à decisão, e que Brizola mostrou-se inconformado com a notícia.

Em edições posteriores, *O Globo* destacou que Brizola estava perdendo líderes importantes na composição do novo partido, e que teria dificuldades para criar um partido forte, ao mesmo tempo que o jornal dá amplo destaque ao PDS e ao PMDB e considera nesse período partidos como PDT, PT e PTB como pequenos. O discurso do jornal muda em 1982, quando as pesquisas eleitorais apontam que Leonel Brizola venceria as eleições para o governo do Rio de Janeiro, passando então a considerar o PDT um partido em ascensão. Durante o período compreendido nessa pesquisa, *O Globo* publicou suas edições diariamente.

## V. Historiografia

A historiografia brasileira sobre Leonel Brizola concentra em sua grande maioria estudos referentes ao período anterior a 1964, destacando o seu governo no Rio Grande do Sul e o seu papel no movimento da Legalidade<sup>37</sup>. Mas também há uma considerável recente historiografia que estuda sua vida política pós-exílio, tema abordado nessa dissertação.

Para tanto, as principais obras utilizadas como referenciais teóricos são: *Brizolismo*: estetização da política e carisma, de autoria de João Trajano Sento-Sé; e *A razão indignada*: Leonel Brizola em dois tempos, organizado por Américo Freire e Jorge Ferreira. Utilizamos também diversas outras obras e autores, como Ângela de Castro Gomes, Moniz Bandeira, biografias sobre Brizola escrita por jornalistas como Leite Filho e Dione Kuhn, além de artigos, dissertações e teses.

---

<sup>37</sup> No ano de 1961, quando da renúncia do então presidente Jânio Quadros, militares brasileiros tentaram impedir a posse do vice-presidente João Goulart. Brizola, então, liderou a Campanha da Legalidade, movimento que defendia a posse de Goulart como presidente. Brizola na condição de governador do Rio Grande do Sul discursava pela Rádio Guaíba e alcançava ouvintes em outros estados, e com sua retórica, mobilizava a população e teve importante papel na posse de Goulart.

Cabe destacar as duas obras citadas como principais por se tratarem das principais referências bibliográficas de Brizola em seu retorno do exílio e na criação do PDT. Na obra *Brizolismo: estetização da política e carisma*, Sento-Sé estuda os conceitos de carisma e estética de Brizola, conceituando o que podemos chamar de brizolismo. A leitura deste livro foi imprescindível para assimilar as diferenças entre trabalhismo, trabalhismo brizolista e brizolismo.

Já o livro organizado por Américo Freire e Jorge Ferreira traça um paralelo entre Brizola antes e depois do exílio, analisando o governo no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro. Nele, foi possível analisar o conceito de trabalhismo brizolista e o rumo traçado por Brizola nas eleições e no governo do Rio de Janeiro.

A primeira parte do livro, que consiste na análise da atuação de Brizola na Campanha da Legalidade, as disputas no campo trabalhista e em especial a criação do Grupo dos Onze Companheiros, bem como o seu significado para os eventos que culminaram no Golpe civil-militar de 1964. Já na segunda parte do livro, que analisam a trajetória de Brizola no período pós-exílio, auxiliou o autor a compreender, principalmente, “ a reconstrução e renovação do trabalhismo sob a égide da liderança de Brizola”<sup>38</sup>.

Na obra “A invenção do trabalhismo”, de Angela de Castro Gomes, compreendi o conceito de trabalhismo em sua originalidade no Brasil, e do modo que ele foi inventado pelo governo Vargas. Através do rádio, Getúlio Vargas celebrava o 1º de maio e convocava os trabalhadores a se unir em torno do projeto nacional. Segundo Castro Gomes,

Os textos eram escritos por serem ouvidos e sugerirem a continuidade entre o emissor e os receptores. Os assuntos eram explorados lentamente e podiam ser retomados após algum tempo. O objetivo da fala não era impressionar no sentido de causar impacto e com isto paralisar – deixar de “boca aberta” – o receptor. [...] A propaganda devia alcançar seu público justamente na medida em que lhe demonstrava seu valor, sua capacidade e também sua proximidade, com o emissor da mensagem. Marcondes, em inúmeras ocasiões. Identificava não como o ministro, mas como um “proletário intelectual” que apenas executava um tipo determinado de trabalho naquele momento<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> FERREIRA, Jorge; FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 19.

<sup>39</sup> GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p.216.

Dessa forma, a autora explica como o trabalhismo foi sendo moldado ainda no Estado Novo, simultaneamente com a construção da figura de Vargas. Para ela, o segredo do sucesso da invenção do trabalhismo está na lógica dos discursos, relendo “o passado das lutas dos trabalhadores sem ao menos mencioná-lo, estruturando-se a partir de uma ética do trabalho e da valorização da figura do trabalhador nacional”<sup>40</sup>.

Também foi importante para compreender a história de Leonel Brizola o capítulo “De março a março: os caminhos da radicalização”, presente na obra *João Goulart: uma biografia*, de autoria de Jorge Ferreira. Nele, o autor explica o papel de Brizola nas reformas de base do governo João Goulart, principalmente a reforma agrária, e como essas reformas levaram a um processo de radicalização que fez as forças conservadoras do país intervir no governo, sendo um dos motivos do golpe de 1964<sup>41</sup>.

Brizola, que teve relações conturbadas com Goulart pelo tom conciliador do então presidente, o pressionou a levar adiante as propostas de reforma e a guinar seu governo em direção à esquerda do espectro político, ao aderir à Frente Única de Esquerda, sugerida por Brizola. Dessa forma, Brizola teve papel importante no radicalismo em que entrou o governo Goulart em sua reta final, e continuou sendo visto, após seu retorno do exílio, como um perigo as “estruturas do país”.

## VI. Estrutura da dissertação

A dissertação é composta por três capítulos. O primeiro, intitulado “Trajetória em dois tempos: Brizola exilado, Brizola retornado”, trata sobre o período em que Brizola no exílio e seu retorno ao Brasil, passando por pontos como o contato com Cuba, o contato com a social-democracia europeia, seu retorno e o seu novo projeto trabalhista. Pelo fato de o jornal *O Globo* praticamente não retratar a estada de Brizola no exílio, visto a censura imposta pelo AI5, nesse primeiro capítulo a imprensa entrará apenas a partir do Encontro de Lisboa e do retorno de Brizola. A respeito do período anterior haverá uma análise que se baseará em fontes historiográficas.

---

<sup>40</sup> Ibidem, p. 233.

<sup>41</sup> FERREIRA, Jorge, *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Já no segundo capítulo, intitulado “*O Globo e as disputas em cena: Brizola e uma sigla emblemática*”, utilizaremos nossa fonte principal: o jornal O Globo. A partir do discurso desse jornal, analisaremos a batalha de Brizola pela sigla PTB: o confronto no Tribunal Superior Eleitoral, a perda da sigla para Ivete Vargas, a criação do Partido Democrático Trabalhista (PDT), e a estratégia para conseguir aliados ao novo partido.

Por fim, no terceiro capítulo, intitulado “*O Globo surpreendido: Brizola governador*”, abordaremos as eleições de 1982, nas quais Brizola elege-se governador do Rio de Janeiro, desde a sua candidatura, intensificação do discurso e virada nas pesquisas eleitorais, até sua eleição. A pesquisa objetiva compreender, com base nos pontos acima citados, o discurso do jornal *O Globo* sobre esse importante tema da história brasileira recente.

## **1. TRAJETÓRIA EM DOIS TEMPOS: BRIZOLA EXILADO, BRIZOLA RETORNADO**

O objetivo desse capítulo é situar Brizola após sua saída do Brasil em 1964, quando do golpe civil-militar. Para isso, discutiremos a estada de Brizola no Uruguai, o seu contato com Cuba a partir das guerrilhas, e o contato com a social-democracia europeia, já ao tempo de asilado em Portugal. A partir do Encontro de Lisboa, e do retorno do ex-governador ao Brasil em 1979, utilizaremos o jornal *O Globo*, nossa principal fonte de pesquisa nessa dissertação.

### **1.1 Brizola rumo ao exílio**

Leonel de Moura Brizola nasceu no dia 22 de janeiro de 1922, no povoado de Cruzinha, que na época pertencia ao município de Passo Fundo, tornando-se pertencente a Carazinho por ocasião de sua emancipação, em 1931. Filho de José de Oliveira Brizola e de Onívia de Moura Brizola, pequenos lavradores, perdeu o pai no ano seguinte ao seu nascimento, que morreu na Revolução Federalista, em 1923, a serviço dos maragatos (grupo ligado a Assis Brasil). Formou-se em 1949 em Engenharia Civil pela Universidade do Rio Grande do Sul, sendo nessa época que ele ingressou na política<sup>42</sup>.

Buscando algo diferente dos partidos tradicionais e longe do PCB, passou a militar pelo recém-criado Partido dos Trabalhadores, o PTB, elegendando-se deputado estadual em 1947. Durante a década de 1950, Brizola tornou-se uma das principais lideranças trabalhistas do estado. Brizola reelegeu-se deputado estadual em 1950, sendo líder da bancada e depois nomeado secretário de Obras no Rio Grande do Sul. Em 1954, ele elegeu-se deputado federal, e em 1955, prefeito de Porto Alegre, cargo que exerceu até 1958, quando venceu a eleição para o governo do estado. A

---

<sup>42</sup> VAINFAS, Ronaldo. *A luz própria de Leonel Brizola: do trabalhismo getulista ao socialismo moreno*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Coord). *Revolução e democracia (1964--)*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil ; 3).p. 481.

projeção nacional de Leonel Brizola ocorreu em 1961, com a Legalidade, movimento que defendeu a posse de João Goulart na presidência da República, quando da renúncia de Jânio Quadros<sup>43</sup>.

Brizola, líder do movimento, transformou o Palácio Piratini em uma “cidadela”, ocupando militarmente, com o apoio da Brigada Militar, as emissoras das rádios Guaíba e Farroupilha, comandando a “Cadeia da Legalidade”. Em 28 de agosto de 1961, Brizola fez um pronunciamento, em que defendeu a posse de Goulart: “Porque nós não nos subterremos a nenhum golpe. [...]. Que nos esmaguem! Que nos destruam! Que nos chacinem neste palácio. Chacinado estará o Brasil com a imposição de uma ditadura contra a vontade de seu povo”<sup>44</sup>.

Defendendo a tese da legalidade constitucional da posse de Goulart, Brizola foi o maior influenciador de sua posse. Posicionando-se favorável a um trabalhismo radical, de esquerda, Brizola praticamente rompeu com Jango em 1963, por acreditar que o então presidente estava a conciliar com as políticas conservadoras, pela demora nas reformas de base<sup>45</sup>.

A notícia do iminente golpe civil-militar contra o governo João Goulart, em março de 1964, faz Brizola deixar o Rio de Janeiro e viajar para Porto Alegre, na tentativa de elaborar um plano de resistência, em três linhas de ação: “a primeira, junto ao Presidente Goulart e aos altos oficiais nacionalistas; a segunda com sargentos e suboficiais; e a terceira com as organizações sindicais, operárias, camponesas e estudantis”<sup>46</sup>.

Já no dia 31 de março, com a maior da série de manifestações da chamada “Marcha da família com Deus pela Liberdade”, e com a presença dos militares com o objetivo de depor o presidente Jango, Brizola conseguiu com que o presidente nomeie o general Ladário Teles para o comando do III Exército, na tentativa de realizar uma reação pelo Rio Grande do Sul. Em 1º de abril, Jango deixa Brasília e dirige-se para Porto Alegre, quando no dia 02 reúne-se com Brizola, Ladário e outros generais, e outras lideranças políticas aliadas. Por meio do depoimento de Ladário Telles ao escritor Hélio Silva, Leite Filho descreve o andamento da reunião,

---

<sup>43</sup> VAINFAS, 2007, p.486.

<sup>44</sup> Ibidem, p.487.

<sup>45</sup> Ibidem, p. 489.

afirmando que Brizola pediu a Jango que o nomeasse ministro da Justiça, e que nomeasse Ladário como ministro da Guerra. Também descreve uma discussão de Brizola com o general Adalberto Pereira dos Santos, que o teria chamado de comunista<sup>47</sup>.

Exaltado os ânimos, Jango intervém e agradece o general Ladário, mas afirma que não desejava derramamento de sangue pelo seu mandato, e que seguiria para algum lugar do país onde aguardaria os acontecimentos. O ex-governador desejava enfrentar, pois acreditava que contaria com a Brigada Militar gaúcha, e sendo nomeado Ministro da Justiça, e com Ladário Ministro da Guerra, poderia levantar uma manifestação contra o golpe, a exemplo do que fez na Legalidade. Porém, não havia quantidade suficiente, nem popular, nem militar.

Brizola percorreu o interior do estado por cerca de um mês após o golpe, usando disfarces e tendo que se mudar constantemente, visto que cada lugar por que passava era invadido pelos militares. Sem encontrar resistência ao regime nas ruas, Brizola enfim decidiu partir para o exílio, escolhendo o Uruguai, onde sua mulher e filhos já estavam instalados. Antes de partir, conseguiu publicar uma carta na primeira página do jornal *Correio da Manhã*, do dia 03 de maio de 1964, em que escreveu:

Rogo ao Correio da Manhã a publicação desta: Encontro-me no interior do país. Percorri milhares de quilômetros, centenas e centenas de casas e ranchos. Aonde chego sou recebido como um filho. Todos sabem que o Governo mudou e que agora são os generais, grandes fazendeiros e comerciantes, e os velhos políticos que estão mandando. Todos sabem que a vida, para o operário, para o agricultor e o camponês vai ser dura, e que pretenderão resolver a crise nas suas costas. Dizem: nada melhor do que um dia atrás do outro. Sabem que eu não sou comunista e não acreditam nesta história de comunismo. Quanto a mim, depois de tudo o que fizeram à minha família (invadiram e depredaram a minha casa), o que me resta senão o exílio e a luta clandestina? A violência não partiu de nós. Estes dias têm sido muito importantes para mim. E para o povo brasileiro, principalmente. Caíram as máscaras. Posso dizer ao menos que: 1) Em que pesem as difamações, nada fiz em minha vida que possa desmerecer a confiança que me dedicaram: 2) Deus não permitiu que medrasse o ódio no meu coração. Mas fez-me um homem mais determinado ainda: 3) Que os vencedores do golpe trazem no ventre o germe da sua própria deterioração: o ódio e os sentimentos de vingança. Ninguém nos impedirá de servir ao nosso povo, de defender seus sagrados direitos e de libertar nossa Pátria da espoliação internacional. Seguirei, proximamente, para o Uruguai, onde me reunirei com minha família, Leonel Brizola <sup>48</sup>.

---

<sup>47</sup> FILHO, FC Leite. *El caudillo*: Leonel Brizola: um perfil biográfico. São Paulo: Aquariana, 2008, p.284.

<sup>48</sup> LEITE FILHO, 2008, p. 284.

Podemos perceber que Brizola elaborou um discurso em que denunciou os atos do governo militar e a perseguição contra ele, bem como procurou rebater as críticas dos que lhe chamavam de comunista. Falou sobre a violência, os pobres e operários, e da “espoliação internacional”, em referência à influência dos Estados Unidos no golpe. Seu discurso o mostra como um opositor que precisa exilar-se e que tem esperanças de retornar ao país em breve.

Como é essencialmente político, o discurso de Brizola na carta deve ser analisado conforme o seu contexto. De acordo com Patrick Charaudeau,

O discurso político, no que concerne às suas significações e a seus efeitos, não resulta da simples aplicação de esquemas de pensamento pré-construídos que se reproduziriam sempre da mesma maneira quer se esteja do lado dos dominantes ou dos dominados. As significações e os efeitos resultam de um jogo complexo de circulação e de entrecruzamentos dos saberes e das crenças que são construídos por uns e reconstruídos por outros. Essa construção-reconstrução se opera segundo o lugar ocupado no contrato e, ao mesmo tempo, segundo o posicionamento dos indivíduos que ocupam essas posições. Ora, esses posicionamentos resultam de linhas de pensamento diversas, de reações ao mesmo tempo emocionais e intelectivas e de interações em situações particulares em que eles estão alternadamente em posição de dominante e de dominado. Diremos que as significações do discurso político são fabricadas e mesmo refabricadas, simultaneamente, pelo dispositivo da situação de comunicação e por seus atores<sup>49</sup>.

Constatamos, com isso, que os discursos podem ser construídos e reconstruídos diversas vezes, de acordo com o contexto e posicionamento do momento. Na carta de Brizola, percebemos que há um apelo emocional relacionado à situação vivida por ele e pelo país. Porém, há também um discurso explicativo sobre seus posicionamentos políticos, em que busca negar a fama de comunista, e também afirmou a esperança de um exílio breve.

Sendo o discurso político fabricado e refabricado, pelo dispositivo da situação da comunicação e por seus atores, como afirma Charaudeau, o discurso fabricado por Brizola sofre alterações após sua ida para o exílio, quando realmente percebeu que o fim do regime pela insurreição popular e sua volta para o Brasil seria muito mais difícil do que imaginou.

---

<sup>49</sup> CHARAUDEAU, 2015, p. 52.

Assim, às 17 horas de 6 de maio de 1964, Brizola chegou a *jefatura* da polícia de Montevidéu para registrar-se como o mais novo exilado brasileiro<sup>50</sup>. A partir desse momento, analisaremos o período em que Brizola permaneceu no exílio, seu contato com Cuba de Fidel Castro e com a social-democracia europeia, bem como o discurso do jornal *O Globo* sobre o Brizola no exílio.

## 1.2 Brizola no exílio: a experiência das guerrilhas

No dia 07 de maio de 1964, *O Globo* publicou uma pequena nota sobre a chegada de Brizola a Montevidéu, com o título *Brizola em Montevidéu*, o jornal anuncia:

Leonel Brizola, ex-deputado esquerdista do Brasil e cunhado do deposto presidente João Goulart, chegou aqui hoje, desembarcado em um pequeno aeroporto, situado nos subúrbios de Montevidéu. Brizola reunir-se-á, assim, no exílio, à sua esposa e filhos. A Polícia Federal disse que Brizola declarou que amanhã dará entrevista coletiva à imprensa<sup>51</sup>.

*O Globo*, porém, não fez nenhuma menção nos dias seguintes a Brizola e à referida coletiva de imprensa. Apenas uma pequena nota é criada para informar sobre o exílio. Ainda assim, o jornal não deixa de tachar Brizola como um “esquerdista”. Ao contrário da imprensa brasileira, a imprensa internacional compareceu em grande número à chegada de Brizola ao Uruguai, que proferiu as seguintes palavras aos jornalistas:

Aqui me encontro vivendo a hospitalidade tradicional desse país, como na minha própria casa. Ambos, povo e país, podem ter a certeza de que sou exatamente o mesmo: hoje, como perseguido político e ontem, como governador do Estado do Rio Grande do Sul. Continuo sendo o amigo leal, o cidadão latino-americano que sempre lutou pelo entrelaçamento desses dois povos. Nas horas difíceis do Uruguai, quando das inundações de 1959, como governador. Sou exatamente o mesmo, o amigo de sempre<sup>52</sup>.

Enquanto *O Globo* não faz nenhuma menção à chegada de Brizola ao Uruguai, além da citada anteriormente, o jornal atua como legitimador do novo governo e seu discurso busca difundir a ideia de que o golpe, nomeado pelo jornal como revolução, “salvou” o país de um eminente golpe comunista.

<sup>50</sup> LEITE FILHO, 2004. p. 287.

<sup>51</sup> *O GLOBO*, *Brizola em Montevidéu*, 07 de maio de 1964.

<sup>52</sup> LEITE FILHO, 2008, p. 295.

Em 9 de maio de 1964, três dias após a chegada de Brizola ao Uruguai, o jornal publicou o seguinte editorial, assinado por Augusto Frederico Schmidt, com o título “Em defesa da revolução”:

A revolução que está aí foi o produto da opinião pública nacional, levantada em defesa da ação militar, pacientemente esperada por todos nós e deflagrada em momento exato, quando a legalidade se transformava em ilegalidade. As Forças Armadas agiram quando lhes faltou qualquer esperança de que o Ex-Presidente se recuperasse, retomasse o equilíbrio e a visão das coisas. No instante em que a hierarquia militar sofreu o mais duro golpe de toda a nossa história, assistiu-se a reação exemplar. Os revolucionários então oficiais, os anarquizadores (sic), os inimigos do regime, foram postos fora da luta. E as armas brasileiras se empregaram na reposição do direito, da democracia e na retificação republicana. Impunha-se um expurgo, uma rigorosa apuração de culpas; mas como já disse uma vez e aqui se repetiu, o limite de todos esses corretivos é a justiça. O principal dever dos vencedores, o dever primordial (maior do que todos os outros) é evitar a injustiça<sup>53</sup>.

A manchete de capa da mesma edição anunciava que “A carta dos chineses é prova final da espionagem no Brasil”, abordando em uma série de matérias que existiam espiões infiltrados no país, e que havia inclusive “cursos de prática do comunismo” sendo realizados. Sobre o discurso impresso pelo jornal, podemos analisar que atua como legitimador do golpe recém-implantado.

Na busca de difundir a ideia de legitimação do golpe, então chamado de revolução, o jornal afirmava que a intervenção militar tornou-se necessária pelo “desequilíbrio do ex-presidente” e pelos “anarquizadores” (sic). Essa postura adotada pelo jornal perdurou por um longo tempo, sendo que apenas com a abertura política ele amenizou seu discurso, sem, contudo, deixar de apoiar o regime.

Com isso, o jornal buscou confirmar sua posição de apoio aos eventos imediatamente anteriores ao golpe, em que fez forte oposição ao governo João Goulart. *O Globo*, assim como outros veículos da imprensa, criou um clima de insustentabilidade política, no objetivo de induzir o leitor a acreditar que a intervenção era necessária.

Enquanto isso, Brizola instalou-se no Uruguai, e ainda em sua fala com os jornalistas, demonstrou ter a esperança de um exílio breve. Também procurou mais uma vez desmentir o “perigo comunista”, justificativa dos militares e da imprensa para o golpe, e afirma que:

No Brasil, não há perigo comunista: os que se empenham na transformação do Brasil e em sua liberação da exploração imperialista não são comunistas.

---

<sup>53</sup> *O Globo*, 09 de maio de 1964.

Eu não sou – nunca fui – mas tampouco fiz do anticomunismo um negócio<sup>54</sup>.

Ao chegar ao Uruguai, Brizola esperava uma reviravolta imediata na situação brasileira. Em entrevista a Moniz Bandeira, Brizola falou que a situação havia se invertido, pois os que acusaram o governo de preparar um golpe, que teria em Brizola um dos principais líderes, “iniciaram a montagem de uma férrea ditadura, que àquela altura, já escandalizava e provocava a desintegração da frente política e militar que derrubou o Governo constitucional”<sup>55</sup>

Logo, porém, Brizola começou a se dar conta de que o problema era maior do que ele imaginava, ao ver centenas de exilados, sem emprego, sem dinheiro, e que viam nele seu líder. O plano de Brizola era combater o regime através da insurreição popular, pelo Rio Grande do Sul. Seu plano era por meio da luta armada atacar quartéis do exército, da base aérea, da Marinha e da Brigada Militar. Se empolgasse a população, ele retornaria ao país.

Mas o moral entre os exilados e os opositores do *nouveau régime* era pouco promissor. Brizola se depara com aliados desunidos, as dificuldades se amontoam. Entre eles impera a inexperiência, a dificuldade de comunicação, a falta de cuidado com o sigilo, a improvisação. Há ainda as depressões de caráter pessoal e a falta de autoconfiança que, a par da eficiente espionagem da ditadura, anulava qualquer ação de grande vulto. Em contrapartida, os adversários ganhavam cada vez mais terreno, e, ao final do primeiro mês de regime, já constituíam um grupo monolítico empalmando todo o país<sup>56</sup>.

Ainda assim, houve uma tentativa de insurreição por parte de alguns exilados, um grupo de cerca de 25 pessoas que resolveram agir por conta própria. No dia 18 de março de 1965 partem para uma investida sobre o Rio Grande do Sul:

O objetivo era fazer uma ação de grande repercussão para estragar as festas de comemoração do primeiro aniversário do Golpe, em 31 de março. Eles saem do Uruguai de táxi e, entrando no Rio Grande, começam a atacar na cidade de Três Passos, no norte do Estado. Lá ocupam, pela madrugada, a Rádio da Difusora, e às seis horas da manhã, divulgam um manifesto à Nação, quando todo mundo estava dormindo. De Três Passos, a coluna segue em direção ao Norte, atravessando todo o Estado de Santa Catarina e chegam a Francisco Beltrão, perto de Foz de Iguaçu, no Paraná. No trajeto, assaltam alguns quartéis do Exército e da Polícia, apreendendo algumas munições. A ideia era seguir até o Mato Grosso, onde pretendiam

<sup>54</sup> LEITE FILHO, 2008, p. 296.

<sup>55</sup> Entrevista de Leonel Brizola a Moniz Bandeira. BANDEIRA, Moniz. *Brizola e o trabalhismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 100.

<sup>56</sup> Idem, p. 300.

reunir-se a outra coluna de militares rebeldes vindos da Bolívia. Em Francisco Beltrão, tentam assaltar uma agência do Banco do Brasil, mas são informados pelo gerente de que a chave do cofre não está com ele. Eles vão embora, de mãos abanando. Depois de muitas peripécias e combates com a polícia, o Exército e a Aeronáutica, os invasores são batidos e presos. Os embates provocam a morte do 3º sargento Carlos Argemiro Camargo, da Companhia do Exército, sediada no município de Francisco Beltrão. O incidente dá forte munção à publicidade da ditadura para desmoralizar e ridicularizar a ação dos exilados. Humilhados, Cardim e o sargento Albery Vieira dos Santos Júnior resolvem por a culpa do fracasso da operação em Brizola. A versão é desmentida por todos os grupos de exilados, mas, mesmo assim, se transforma em poderosa peça de propaganda contra os movimentos rebeldes<sup>57</sup>.

Após esse episódio, Brizola percebeu que a insurreição seria muito mais difícil de ser realizada do que ele imaginara. O fracasso dos exilados serviu como combustível para a publicidade do regime, que buscou desmoralizar qualquer um que se voltasse contra o governo. A partir de então, Brizola passou a considerar a opção pela guerrilha uma das decisões mais difíceis que já tomara.

Brizola era contra a tese da guerrilha, pois não acreditava em um movimento que não possuísse participação popular. Porém, no contexto da época, e pressionado por Cuba<sup>58</sup>, cujo governo condicionou o financiamento das operações a uma experiência guerrilheira, Brizola resolve ceder<sup>59</sup>.

O ex-governador mandou chamar o deputado cassado Neiva Moreira, e o coronel Dagoberto Rodrigues, ex-diretor-geral dos Correios no governo Goulart, para se internarem numa praia em Montevideu durante três dias, com o objetivo de planejar a ação guerrilheira. Juntaram-se a eles o tenente do Exército José Wilson da Silva, representando os sargentos e marinheiros, Herbert de Souza (o Betinho), que, junto com Aldo Arantes, falava pelos estudantes favoráveis às guerrilhas, e os economistas Paulo Schiling e Cibilis Viana, todos sob a liderança de Brizola<sup>60</sup>.

Pode-se afirmar que Brizola nunca esteve totalmente convencido da guerrilha, preferindo lutar contra o golpe pela insurreição, e que somente após constatar a conformidade popular com a situação, pressionado por outros exilados e por Cuba, resolveu ceder. O seu primeiro contato com o país comandado por Fidel Castro foi ainda em 1961, no governo Jânio Quadros, enquanto era governador do Rio Grande

---

<sup>57</sup> LEITE FILHO, 2008, p.301.

<sup>58</sup> Ibidem, p. 301.

<sup>59</sup> Ibidem, p.303.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 305.

do Sul, convidado pelo então presidente como representante da oposição para a comitiva do governo na Conferência de Punta del Este.

Naquela ocasião, Che Guevara realizou um duro discurso contrário aos Estados Unidos, e Brizola foi o único da comitiva brasileira, composta em sua maioria por conservadores de direita contrários ao regime cubano, a erguer-se e aplaudir o líder guerrilheiro, o que causou constrangimento ao restante da comitiva. Antes de retornar ao Rio Grande do Sul, Brizola participou de um churrasco oferecido pelo presidente do Uruguai, ao qual é também convidado, entre outros líderes, Che<sup>61</sup>.

O encontro foi presenciado pelo jornalista dublê de fotógrafo Flávio Tavares, que descreveu o momento:

Brizola perguntou a Che como era Cuba, onde é que ficavam as minas de níquel sobre as quais Che Guevara se referia. Che explica de uma maneira engraçada. Brizola pergunta “Ficam no norte ou no sul?”. Che Guevara diz: “Cuba não tem nem norte nem sul. Cuba é como uma língua espichada no mar Caribe...”. Dias depois, Brizola me chama. Diz: “Só quero me despedir de uma pessoa: traga o comandante Che Guevara!”. Fui encontrar Che Guevara num hotel, numa crise de asma. Eu me lembro: cheguei a entrar no quarto, a contragosto da segurança cubana, que não queria deixar. Mas, como já me tinham visto com o Che, não iriam cair em cima de alguém que já tinham visto com o “comandante”. Quando entrei, o Che estava sentado na cama, com a bombinha de asma. Era uma cama de solteiro. Havia no quarto duas camas. Explico a ele que o governador do Rio Grande do Sul ia deixar a conferência. Che Guevara, então, sobe no nosso carro – do governo do Rio Grande do Sul. Vamos à sede da conferência, que era muito próxima. Os dois se encontram. Brizola, ao fim, me faz o seguinte comentário: “Isso não é uma conferência dos povos da América Latina. É uma conferência das oligarquias latino-americanas!”<sup>62</sup>.

No decorrer na entrevista, Flávio Tavares afirmou que o encontro de Brizola com o guerrilheiro cubano o incentivou a, pouco depois, comandar o movimento da Legalidade, pois até então Brizola não havia tido nenhum ato revolucionário. De modo que quando da renúncia de Jânio e da tentativa de golpe contra Jango, Brizola teria se inspirado em Che para realizar seu papel no movimento.

Apesar da importância do encontro com Che, foi em 1964, com as tentativas de guerrilha, que Brizola teve seu maior contato com Cuba, que as financiou. De acordo com Dinorah Lopes Rubim Almeida, para a formação dos focos guerrilheiros,

---

<sup>61</sup> LEITE FILHO, 2008, p. 26.

<sup>62</sup> Entrevista de Flávio Tavares a Globonews, disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/geneton/tag/leonel-brizola>>.

Brizola obteve o apoio do país cubano através de treinamento guerrilheiro e de remessa de dinheiro<sup>63</sup>.

Segundo Dinorah Almeida, o apoio de Fidel Castro à luta armada no Brasil, nesse caso caracterizada pela tentativa de implantação de focos guerrilheiros sob o comando de Leonel Brizola, já havia ocorrido antes do golpe civil-militar de 1964, no apoio às Ligas Camponesas. Viria ainda a acontecer uma terceira vez em 1967, quando Cuba aproximou-se de Carlos Marighella<sup>64</sup>.

A autora estudou a guerrilha de Caparaó, na divisa do estado do Espírito Santo com Minas Gerais, em 1966, e, segundo ela, essa guerrilha instala-se após as tentativas frustradas de se formar focos em Porto Alegre e Criciúma. Dinorah Almeida aponta que o objetivo era atrair a atenção do governo brasileiro, espalhar um espírito de resistência, “demonstrar que existiam pessoas dispostas a lutar contra a ditadura e encorajar outros grupos a fazer o mesmo, seja na área rural, seja na urbana”<sup>65</sup>.

A guerrilha, porém, fracassou pela inexperiência e falta de recursos dos guerrilheiros. De acordo com Leite Filho,

O fato, como alegam muitos exilados, é que o dinheiro era curto e se limitava ao financiamento daquelas viagens infinitas e das operações de guerrilha. A dificuldade de transportes impediu que os castristas contribuíssem com armamentos pesados, limitando-se à distribuição de umas poucas mini-metralhadoras, que eram trazidas, a duras penas, pelos emissários de Brizola ou pelo pessoal que frequentava os cursos de guerrilha em Cuba. Este pessoal, na maioria constituída de ex-sargentos e líderes estudantis, era também reduzido para as proporções brasileiras. Segundo Neiva Moreira, seu número não ultrapassou a 100<sup>66</sup>.

Com o fracasso das guerrilhas, Brizola desistiu da ideia e mais tarde, em 1977, concedeu uma entrevista a Moniz Bandeira sobre o assunto. Segundo Brizola, “Não tínhamos experiência nem condições e também havia um ambiente limitado. Depois de sucessivos fracassos, decidimos, e isto decorrido dois anos, parar”<sup>67</sup>.

Ainda para Moniz Bandeira, Brizola lembrou que haviam ocorrido diversas prisões de companheiros exilados, e então “resolvi não mais defender a ideia da

<sup>63</sup> ALMEIRA, Dinorah Lopes Rubim. *A guerrilha esquecida: Memórias do Caparaó, o primeiro foco guerrilheiro contra a ditadura militar no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Espírito Santo, 2014, p.127.

<sup>64</sup> Ibidem, p.127.

<sup>65</sup> ALMEIRA, Dinorah L.P., 2014, p. 142.

<sup>66</sup> LEITE FILHO, 2008, P.308.

<sup>67</sup> Ibidem, p. 316.

guerrilha, por sua inviabilidade, mas continuaria sendo solidário aos que se dispunham a lutar contra a ditadura por outra forma”<sup>68</sup>.

De fato, Brizola recorreu à guerrilha em uma atitude de quase desespero, por não encontrar outra forma de combater o regime, vista a baixa participação popular existente para levantar uma insurreição. Assim, com o descrédito em relação a Cuba e ao socialismo, ainda no exílio, Brizola passou a ter contato com outra ideologia, a social-democracia europeia, que será discutida a seguir.

### **1.3 Brizola em Portugal: contato com a social-democracia europeia**

Após os eventos da guerrilha, os problemas sofridos por Brizola no exílio passam a amenizar-se, devido à venda do patrimônio que possuía no Rio Grande do Sul, como a casa de veraneio em Capão da Canoa e a residência em Porto Alegre. A pedido de sua mulher, Neusa, a família foi morar no interior, em uma fazenda no departamento de Durazno. O sustento da família – os dois filhos mais velhos voltaram ao Brasil para estudar – ocorreu, além da venda do patrimônio, pelo trabalho no campo, principalmente com venda de leite. O próprio Brizola, dirigindo uma Kombi, saía todo dia para comercializar o leite da sua fazenda<sup>69</sup>.

Em 16 de setembro de 1977, Brizola recebeu a notícia de que fora expulso do Uruguai, sob alegação de ter infringido as leis de asilo político. O decreto de expulsão, porém, não detalha quais leis Brizola havia descumprido:

Vistos: A Resolução do Poder Executivo da data de dois de junho de 1964, pela qual se declarou asilado político o Sr. Leonel Brizola; e Atento; a informação transmitida pelo ministro do Interior, com data de oito do corrente, assinalando-se que o referido asilado não respeitou as obrigações inerentes a esta condição; O Presidente da República resolve: Art. 1º Revogar a resolução, com data de dois de junho de 1964, pela qual se declarou asilado político o cidadão brasileiro Sr. Leonel Brizola. Art. 2º Comunique-se, anote-se, notifique-se ao interessado que deverá abandonar o território nacional e archive-se. Aparicio Mendez (Presidente) Alejandro Rovira (Chanceler).

Mais tarde, soube-se que a medida foi solicitada pelo general linha-dura Sylvio Frota, que articulava para suceder Ernesto Geisel na presidência<sup>70</sup>:

<sup>68</sup> LEITE FILHO, 2008, p. 316.

<sup>69</sup> KUHN, 2001, p. 107.

<sup>70</sup> KUHN, 2001, p.109.

A estratégia de bani-lo foi considerada mais tarde equivocada no meio militar brasileiro. Até então no ostracismo, o líder trabalhista conseguiu, a partir da determinação das autoridades uruguaias, voltar a dominar os noticiários, principalmente com sua decisão de pedir licença para morar nos Estados Unidos, país que 13 anos antes havia dado suporte ao golpe militar brasileiro. Brizola, que tanto tinha atacado em seus discursos o imperialismo norte-americano, queria agora comprovar de perto a política em defesa dos direitos humanos imprimida pelo governo do democrata Jimmy Carter<sup>71</sup>.

Dessa maneira, Brizola e sua mulher Neusa chegaram a Nova York no dia 22 de setembro de 1977, após fazer uma escala de 24 horas em Buenos Aires. No dia 22, o jornal *O Globo* publicou a seguinte matéria sobre a ida de Brizola aos EUA, com o título: *Brizola chega esta Manhã a Nova York*:

O departamento de Estado norte-americano informou ontem que o ex-Governador Leonel Brizola entrará nos Estados Unidos como turista e não como asilado político a seu próprio pedido. Segundo o porta-voz do departamento de Estado, Leonel Brizola havia pedido asilo político à Embaixada norte-americana em Montevidéu, mas horas depois mudava de ideia e pedia para entrar nos Estados Unidos com visto de turista. [...] Brizola disse que não conhece os motivos que levaram o governo uruguaio a expulsá-lo e afirmou que tem esperanças numa reconsideração da medida. Lamento mais pelo Uruguai do que por mim – afirmou Brizola<sup>72</sup>.

Após essa primeira matéria, em que apresenta a notícia da chegada de Brizola aos Estados Unidos, o jornal, sob o título *de Viagem aos EUA não preocupa Arena*, afirmou que o ex-governador não oferecia nenhum motivo para preocupação ao regime:

O líder do governo no Senado, Senador Eurico Rezende(ES), disse ontem que “o governo e a Arena confiam em que os Estados Unidos não permitirão que Leonel Brizola exerça naquele País, qualquer atividade contrária aos interesses do Brasil”. Segundo o líder do governo, “as relações entre o Brasil e os Estados Unidos são muito boas” e o visto de entrada concedido a Brizola “não significa crítica, resposta ou sequer insinuação em relação ao Brasil”. Trata-se na verdade de um ato de soberania dos Estados Unidos. - Se há alguma análise a ser feita em relação ao episódio ela deverá ser feita pelo Itamaraty - acrescentou Eurico Rezende. Para o líder da Arena na Câmara, deputado José Bonifácio(MG), também não há implicações políticas no fato de Brizola ter pedido entrar nos Estados Unidos praticamente como asilado. “Os americanos não visam nada com isto”, disse Bonifácio. – No caso, eles adotaram uma tradição universal, a do asilo, que no obstante, sistematicamente, não adotam. Creio que toda vez que se dá acolhida a alguém com dificuldade, mesmo que se chame Leonel Brizola, está se fazendo algo aceitável. Na realidade, o governo americano não deu asilo ao ex-líder populista<sup>73</sup>.

<sup>71</sup> KUHN, 2001, p.109.

<sup>72</sup> *O Globo*, *Brizola chega esta manhã à Nova York*, 22 de setembro de 1977.

<sup>73</sup> *O Globo*, *Viagem aos EUA não preocupa a Arena*, 22 de setembro de 1977.

O jornal destacou ainda que os Estados Unidos não concederam o visto a Brizola como asilado político, mas como turista, afirmando com as palavras do deputado José Bonifácio que ele chegou a isso “porque arranjou melhores intermediários, que conseguiram convencer os americanos”<sup>74</sup>.

O discurso de *O Globo*, como podemos perceber, atua na diminuição da importância da estada de Brizola nos Estados Unidos, visto que o jornal adotou uma política de enfraquecimento dos principais líderes oposicionistas ao regime. Trazia opiniões que legitimavam sua tese, principalmente de partidários da Arena.

Entretanto, a aceitação de Brizola em solo estadunidense demonstra uma mudança nas relações Brasil - EUA, visto que em 1964 os Estados Unidos participaram intensamente do golpe, contrários a medidas adotadas pelo então presidente brasileiro João Goulart, defendidas por Brizola. De apoiador do golpe em 1964, os Estados Unidos enfraquecem gradualmente a relação com o governo militar após o AI5.

Ao chegar a Nova York, Brizola teve uma ideia da mudança do país em relação ao suporte ao golpe de 1964, pela quantidade de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas que o cercaram. Nessa ocasião, Brizola passou a definir-se como um social-democrata<sup>75</sup>. De acordo com João Trajano Sento-Sé,

A partir de sua ida para os Estados Unidos, Brizola começa a manter contatos com brasileiros exilados em várias partes do mundo. Faz viagens frequentes à Europa, estabelecendo em Portugal uma espécie de *front* para encontros com figuras proeminentes da política brasileira e também com líderes europeus. Viaja para Paris, Estocolmo e Alemanha. Promove encontros em Lisboa entre políticos brasileiros exilados no México, na Argélia e aqueles que optaram pelo continente europeu. Passa também a manter contatos frequentes com os principais líderes da social-democracia europeia. Como resultado desses contatos, Brizola acaba por ser convidado a tomar acento, como representante do Brasil, na Internacional Socialista, inicialmente como observador e depois como membro efetivo daquela instituição. A ocupação deste lugar tem um grande significado. A partir daí, além de conquistar o reconhecimento de uma respeitável instituição internacional que reunia estadistas como Oloff Palme, François Mitterrand, Mário Soares, Felipe González e Willy Brandt, Brizola reforçava sua posição de democrata vocacionado para questões sociais, sem comprometer-se, por outro lado, com o marxismo ou com teses revolucionárias<sup>76</sup>.

Assim, Brizola, que antes se denominava apenas como trabalhista, passou a intitular-se como um social-democrata. Embora continue afirmando ser um

<sup>74</sup> *O Globo, Viagem aos EUA não preocupa a Arena*, 22 de setembro de 1977

<sup>75</sup> KUHN, 2001, p. 110.

<sup>76</sup> SENTO-SÉ, 1999 p.72.

trabalhista, Brizola passa a interagir e identificar-se com a social-democracia europeia, também em uma adequação aos novos tempos.

Em janeiro de 1978, Brizola partiu para Lisboa, onde trataria da principal tentativa de renovação do trabalhismo, aproximando-se de Mário Soares e Willy Brandt, expoentes da Internacional Socialista, da qual passou a fazer parte, abraçando a ideia do “socialismo democrático”<sup>77</sup>.

O principal contato de Brizola com outros exilados acontece já no final do exílio, entre os dias 15, 16 e 17 de junho de 1979, em Lisboa. O chamado encontro dos Trabalhistas do Brasil com os Trabalhistas no exílio, ou simplesmente Encontro de Lisboa. O evento que reuniu cerca de 150 pessoas tinha como objetivo criar um novo partido trabalhista no Brasil, tendo Brizola como líder<sup>78</sup>.

O jornal *O Globo*, do dia 16 de junho de 1979 destacou a fala de Brizola no Encontro de Lisboa, sob o título *Brizola abre encontro trabalhista pregando socialização da economia*<sup>79</sup>:

No primeiro dia do encontro trabalhista, o ex-governador Brizola fez uma exposição de cerca de duas horas sobre as linhas gerais do Partido Trabalhista Brasileiro, e definiu dois pontos básicos: a socialização das estruturas da economia e o primado do trabalho sobre o capital. Na definição de Brizola, o trabalho não deve ser visto apenas como um fator econômico, mas especialmente pelo seu lado social, “onde outros primados se afirmam, com valores éticos, políticos e morais”. [...] O primeiro ponto destacado por Brizola foi a necessidade de organizar as bases populares do partido: “nosso povo não conseguirá atingir seus objetivos se não se organizar num grande partido que canalize suas aspirações. Quando chegar a hora, teremos que ter quadros preparados e alternativas previamente estudadas”, disse Brizola para lembrar em seguida: - O próprio presidente Vargas teve que dar um tiro no coração porque não tinha um povo organizado atrás de si<sup>80</sup>.

Em seu discurso, principalmente ao lembrar a morte de Getúlio Vargas, Brizola demonstrou sua capacidade de “falar forte”, como fez inúmeras vezes ao longo de sua carreira, em comícios, debates e eventos. Seu discurso forte e ríspido atua no sentido de emocionar e comover o leitor. De acordo com Patrick Charaudeau,

O “falar forte” evoca um imaginário de “potência”. O orador deve, evidentemente, apresentar um físico considerável: um porte e certa corpulência capazes de demonstrar; uma gestualidade ampla e enérgica,

<sup>77</sup> VAINFAS, 2007, p.492.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 79.

<sup>79</sup> O título da matéria revela a posição do jornal em tachar Brizola como socialista.

<sup>80</sup> *O Globo, Brizola abre encontro trabalhista pregando socialização da economia*, 16 de junho de 1979.

assim como certa encenação de desempenho oratório (palanque, decoração, multidão, etc.), tais como as que se pode ver nas imagens de certos comícios. Mas é também uma voz forte (de trovão) vinda do fundo do peito, bem timbrada, capaz de ocupar um grande auditório com ressonância (às vezes, a regulação sonora ajuda). É preciso também que a dicção não seja nem muito lenta nem muito rápida. Pode ser relativamente acelerada, mas deve ser compensado por uma pronúncia bem articulada fim de evitar que as palavras do orador se tornem inaudíveis<sup>81</sup>.

Pelo seu modo de “falar forte”, e também pela sua história no trabalhismo e na esquerda brasileira, Brizola era visto pelos outros exilados como líder nato do partido a ser recriado. Embora nesse momento a imagem de Brizola seja exaltada, pelos companheiros de exílio, ao voltar ao Brasil o ex-governador sofreu um processo de enfraquecimento político, como veremos adiante.

*O Globo* continua a relatar o Encontro de Lisboa com o título de *Futuro do MDB preocupa os participantes da reunião*:

A reunião do PTB, ontem, foi um sucesso em termos operacionais, mas permanece sem soluções alguns problemas que estão sendo discutidos aqui em Lisboa desde quinta-feira, quando começaram a chegar ao Brasil os convidados e parlamentares. Discute-se com muita intensidade qual a estratégia a seguir em relação ao MDB, que para muitos deve ser preservado nesse momento de transição da vida política brasileira. Alguns influentes membros do futuro PTB, como Doutel de Andrade, acham que não é uma boa política dividir agora as oposições e ontem à noite, em uma reunião, chegou a ser levantada a hipótese de ser apresentada uma moção de solidariedade ao deputado Ulisses Guimarães, presidente do MDB. [...]A posição final está dependendo de uma definição do próprio Brizola, que ainda não decidiu se ao retornar atuará no Rio Grande do Sul, seu estado, ou no Rio de Janeiro. Existe ainda uma outra corrente, que tenta convencê-lo a ir para São Paulo, onde estaria a grande massa de manobra do trabalhismo. Brizola poderia, segundo cálculos de alguns, aderir ao PTB, se tivesse legenda para concorrer em 1982 ao governo estadual, contra a corrente de Chagas Freitas.<sup>82</sup>

Percebemos que, para o jornal, é dado como certo que Brizola seria o líder do novo PTB, e passa-se a discutir possíveis nomes para compor o partido, até mesmo do futuro presidente Fernando Henrique Cardoso, que não chega a aderir ao partido. Porém, na mesma edição, começa a trazer as primeiras declarações do embate entre Leonel Brizola e Ivete Vargas<sup>83</sup> pelo domínio da sigla PTB, com o título: *Ivete acha que é turismo político* (sobre o Encontro de Lisboa):

<sup>81</sup> CHARAUDEAU, 2015, p. 171.

<sup>82</sup> *O Globo, Futuro do MDB preocupa os participantes da reunião*, 16 de junho de 1979.

<sup>83</sup> Ivete Vargas, sobrinha do ex-presidente Getúlio Vargas, iniciou sua vida política no PTB, elegendendo-se deputada federal por São Paulo em 1950, e em 1958, assumiu a presidência do PTB paulista. Apoiou o governo de Juscelino Kubitschek, e a Legalidade liderada por Brizola para que João Goulart assumisse a presidência quando da renúncia de Jânio Quadros. Ivete reelegeu-se deputada federal

- Acho que é um turismo político absolutamente inédito na história do Brasil. Mas não consigo ainda me definir a respeito. Isso porque não sei bem o que é esse encontro, pois não são só petebistas que participam, mas membros de vários organismos de vários países. Isso me faz sentir certa preocupação, pois a legenda PTB está sob a responsabilidade de uma comissão executiva nacional, da qual participo, e a lei é muito clara na proibição e vinculação com governos ou partidos estrangeiros. Essa é a posição da ex-deputada Ivete Vargas, a respeito do encontro do PTB do ex-governador Leonel Brizola, iniciado ontem. [...] Um encontro dessa natureza valeria pelo número de parlamentares, o que não é o caso, ou pela representatividade dos nomes reunidos, o que muito menos ocorre. Serve mais – concluiu – para pôr fim de vez ao mito Brizola. Como diversos outros, politicamente, o nome de Brizola é forte, mas não tem contra-partida em estrutura partidária<sup>84</sup>.

O jornal iniciou um espaço que destacava a batalha travada entre Brizola e Ivete Vargas, que teve definição apenas em maio de 1980, como veremos adiante. A declaração de Ivete sobre Brizola atuou no sentido de enfraquecer politicamente o ex-governador.

De acordo com João Trajano Sento-Sé, no processo de renovação do trabalhismo na reorganização partidária de 1979, não houve discussão sobre a pessoa que deveria conduzi-lo, sendo Brizola a principal figura desse movimento, uma vez que foi reconhecido pelos antigos trabalhistas como seu líder desde 1976, com a morte de Jango. Logo, o objetivo dos brasileiros que se reuniram no Encontro de Lisboa, sob os auspícios do Partido Socialista Português, é o de fundar um novo partido trabalhista, tomando do antigo PTB o que havia de positivo, sob o comando de Brizola, herdeiro do legado de Vargas e Goulart<sup>85</sup>.

O autor afirma que a aproximação de Brizola com a Internacional Socialista, por intermédio de Mário Soares, era desejo do próprio Brizola e de alguns jovens brasileiros exilados para aproximar esse novo trabalhismo das correntes mais avançadas da esquerda europeia<sup>86</sup>.

---

em 1962, desta vez pelo Rio de Janeiro. Por ocasião do golpe civil-militar em 1964, e do AI2 em 1965 que extinguiu o pluripartidarismo, filiou-se ao MDB e atuou como vice-líder da oposição, reelegendo-se deputada em 1966. Atingida pelo AI5, Ivete retirou-se temporariamente da vida pública. Fonte: CPDOC – FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/vargas-ivete>

<sup>84</sup> *O Globo*, *Ivete acha que é turismo político*, 16 de junho de 1979.

<sup>85</sup> SENTO-SÉ, João Trajano. *Um encontro em Lisboa*. O novo trabalhismo do PDT. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Coord). *Revolução e democracia (1964--)*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil ; 3). p. 433

<sup>86</sup> No encontro de Lisboa também estavam presentes representantes da Ação Democrática da Venezuela, da Frente Sandinista da Nicarágua, do Partido Revolucionário Institucional (PRI) mexicano, do Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA), da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), de lideranças políticas da Guiné, de São Tomé e de outros países africanos. A presença de lideranças desses países insere-se em uma atmosfera que se assemelha à dos

O Encontro de Lisboa proporcionou a Brizola organizar as bases do novo partido trabalhista. Ao manter contato com os principais líderes da social-democracia europeia, e fazer parte da Internacional Socialista, Brizola passa a compartilhar dessa ideologia.

No período em que esteve em Lisboa, Brizola reencontrou-se com um dos seus principais companheiros políticos no pós-1979: Darcy Ribeiro<sup>87</sup>, que teve, segundo relatos de trabalhistas, uma relação conturbada com Brizola na década de 1960, o que levou os dois a serem inclusive hostis um com o outro<sup>88</sup>.

Alfredo Sirkis presenciou o reencontro entre Brizola e Darcy Ribeiro e o relatou a Sento-Sé:

Eu fui testemunha do célebre reencontro do Brizola com o Darcy Ribeiro. Foi uma das coisas mais divertidas que eu já presenciei. Na época do Jango eles não se davam e tinham passado anos de exílio afastados um do outro. Por isso, havia uma certa expectativa no ar. Fomos eu, Neuzinha e, sentado no banco de trás, Brizola. Aí o Darcy chegou, sentou no banco de trás e eu, dirigindo o carro, fiquei escutando o diálogo que foi mais ou menos assim. Darcy: tenho que lhe dizer uma coisa. Eu estive nos Estados Unidos, nas universidades, junto com as pessoas mais importantes do meio acadêmico, da política norte-americana e o seu nome goza do mais alto conceito. Brizola, eu tenho que lhe dizer uma coisa: Jango morreu, Allende morreu, Perón morreu. A América Latina só tem você. O Brizola devolveu: Darcy, você é o maior intelectual brasileiro, nós temos que nos unir. Bom, prossegue Sirkis, foi a maior rasgação de seda. Naquele momento nasceu o amor, que dura até hoje entre dois dos mais antigos adversários dentro do PTB<sup>89</sup>.

Brizola e Darcy Ribeiro aproximam-se em um momento crucial para a reinvenção do trabalhismo brasileiro. No período pré-1964, os dois tiveram uma relação conturbada pelas diferentes correntes existentes entre os trabalhistas da época. Darcy Ribeiro era mais próximo ao estilo conciliador de João Goulart, enquanto Brizola defendia reformas profundas e sempre se posicionou como um revolucionário.

A partir do reencontro em Lisboa, Brizola e Darcy, de rivais que atuavam no mesmo campo, tornam-se amigos quase inseparáveis: “Brizola, o homem prático,

---

movimentos dos países não-alinhados que movimentaram os anos de 1950 e 1960, ou seja, a intenção era mostrar-se como uma terceira via, da qual os brasileiros presentes no Encontro tomaram parte.

<sup>87</sup> Darcy Ribeiro, que viria a ser em 1982 o vice-governador de Brizola no Rio de Janeiro, foi um dos principais antropólogos da história brasileira, e ex-chefe de gabinete do governo João Goulart.

<sup>88</sup> SENTO-SÉ, 1999, p. 251.

<sup>89</sup> Depoimento de Alfredo Sirkis a Sento-Sé, em 07/11/1996. In: SENTO-SÉ, 1999, p. 252. Alfredo Sirkis foi participante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e da luta armada contra a ditadura. Após participar de diversos sequestros de embaixadores, opta pelo exílio em 1971. É autor do premiado livro: *Os Carbonários*, em que relata sua ascensão de líder estudantil a guerrilheiro.

empírico, como ele próprio se definia, avesso aos maneirismos dos ‘intelectuais de punhos de renda’” e o intelectual empreendedor, ou fazedor, como preferia Darcy”<sup>90</sup>.

O documento oficial do encontro, a Carta de Lisboa, demonstra uma reformulação nos temas até então inseridos pelos partidos políticos brasileiros. Apresenta forte teor nacionalista e trabalhista, convocando os trabalhadores do país a unirem-se em torno do partido, destacando as conquistas dos movimentos estudantis, prometendo a defesa dos oprimidos e marginalizados, e citando Getúlio Vargas como inspiração maior<sup>91</sup>.

A Carta ataca “aqueles que defendem uma posição de paciência, assim como a inoportunidade da luta contra a opressão”, afirmando que esses não foram os que se encontravam em situação de sofrimento e perseguição pelo regime, mas os que “navegam nas águas da abundância e dos privilégios”. Dessa maneira, o documento destaca sua posição na luta pelo fim do governo militar, e apresenta as razões pelas quais se fazia necessária a recriação do partido trabalhista<sup>92</sup>. Tais razões seriam a conivência da atual posição com o governo militar, a falta de amparo aos trabalhadores e a falta de aliança entre partido e povo.

A carta ressalta quatro categorias de pessoas “cujos problemas estão a exigir a atenção prioritária dos trabalhistas”:

Primeiro, o de salvar os milhões de crianças abandonadas e famintas, que estão sendo condenadas à delinquência; bem como o meio milhão de jovens que, anualmente, alcançam os dezoito anos de idade analfabetos e descrentes de sua Pátria. Segundo, o de buscar as formas mais eficazes de fazer justiça aos negros e aos índios que, além da exploração geral de classe, sofrem uma discriminação racial e étnica, tanto mais injusta e dolorosa, porque sabemos que foi com suas energias e com seus corpos que se construiu a nacionalidade brasileira. Terceiro, o de dar a mais séria atenção às reivindicações da mulher brasileira, que jamais viu reconhecidos e equiparados seus direitos de pessoa humana, de cidadã e de trabalhadora; e que, além de ser vítima da exploração representada pela dupla jornada de trabalho, se vê submetida a toda a sorte de vexames sempre que procura fazer valer os seus direitos. Quarto, o de fazer com que todos os brasileiros assumamos a causa do povo trabalhador do Norte e do Nordeste, espoliado por uma economia local obsoleta, como por um colonialismo interno exercido de forma escorchantes pelas unidades mais ricas da federação e pelo próprio Governo Federal<sup>93</sup>.

<sup>90</sup> SENTO-SÉ, 1999, p.251.

<sup>91</sup> CHACON, Vamireh. *História dos partidos brasileiros: discurso e práxis dos seus programas*. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985. p. 667.

<sup>92</sup> Idem, p.668.

<sup>93</sup> CHACON, 1985, p.671.

Dos quatro pontos apresentados, o segundo, o terceiro e o quarto são os que mais chamam atenção, por se tratar de temas até então praticamente não contemplados por outros partidos políticos. Comprometerem-se com a luta contra a discriminação de índios, negros, mulheres, e trabalhadores do Norte e Nordeste, bem como reconhecer seu valioso papel na construção social brasileira e o preconceito sofrido diariamente por essas categorias demonstra uma renovação do discurso trabalhista.

Como afirma Sento-Sé, a incorporação de temas associados às minorias, como as questões étnicas e a questão feminista, é influência do contato de Brizola e de atores ligados a ele com a social-democracia europeia.

Segundo Ronaldo Vainfas, o discurso político de Brizola, que foi sintetizado na Carta de Lisboa, corresponde à vaga ideia de um *socialismo moreno*<sup>94</sup>, isto é, “um socialismo à brasileira, que fosse expressão de “nosso povo”, no qual o único princípio programático mais geral era a proposta de unir justiça social com democracia e liberdade”<sup>95</sup>.

De fato, o novo projeto trabalhista de Brizola, que incorpora elementos sociais-democráticos, não consistia em uma proposta de um socialismo marxista. Esse “socialismo à brasileira”, ou socialismo moreno, moldado no Encontro de Lisboa, identificava-se com o trabalhismo e representava um programa radical de mudanças políticas, sociais e econômicas<sup>96</sup>.

Segundo Teresa Cristina Schneider Marques e Leandro Pereira Gonçalves, podemos considerar o PDT como “um partido nacional, criado no exílio em torno do carisma e em virtude de sua pressa para retornar ao jogo político”<sup>97</sup>. Sendo um partido trabalhista, esse tinha como principal entorno Brizola, e uma de suas principais características, o carisma, foi determinante para a assimilação desse projeto.

Gonçalves e Marques questionam-se sobre se seria possível a criação de um partido carismático puro no exílio, e chegam a conclusão de que durante a fase genética de criação do partido, Brizola teve restrições políticas a ele impostas que limitaram o papel político de seu carisma e o situaram como um líder carismático

---

<sup>94</sup> O termo “socialismo moreno” foi cunhado por Darcy Ribeiro.

<sup>95</sup> VAINFAS, 2007, p.497.

<sup>96</sup> SENTO-SÉ, 2007, p.441.

<sup>97</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. MARQUES, Teresa Cristina Scheneider. A fundação do Partido Democrático Trabalhista no exílio. *Civitas*, Porto Alegre, v.16, n.3, p. 339-416, jul-set.2016, p.402.

situacional no exílio: “Em Portugal, Brizola se viu forçado a negociar, sobretudo com autoridades portuguesas, o surgimento da organização em pleno exílio”<sup>98</sup>.

Assim, os autores entendem que não podemos pensar que o processo de criação do partido trabalhista que ocorreu no Encontro de Lisboa teve interferências do jogo político, em que Brizola teve de negociar com outros líderes políticos, e isto o caracterizou em um líder situacional, diferente da postura adotada por ele a partir do retorno do exílio, o que, segundo os autores, comprova que o exílio é marcado pelo contexto transnacional<sup>99</sup>.

Em suma, embora houvesse a resistência de alguns membros, o trabalhismo brasileiro proposto por Brizola, tendo futuramente o PDT como representante partidário, incorporou elementos da social-democracia europeia. É esse Brizola social-democrata que volta do exílio e dá novos rumos ao trabalhismo brasileiro, diferente do trabalhismo quando do seu auge, com Vargas.

#### 1.4 Retorno de Brizola em 1979

No final do mês de agosto de 1979, foi sancionada a Lei da Anistia, concedendo a Brizola e a outros exilados autorização para retornar ao Brasil. A data escolhida por Brizola é emblemática, ele chega ao país às 17h15min do dia 6 de setembro de 1979, véspera da comemoração da independência. Para Sento-Sé, é difícil supor que a escolha da data fosse isenta de alguma intencionalidade no plano simbólico, sendo que Brizola, com esta atitude, busca

contrapor àqueles que o alijaram da vida política em nome da defesa de valores como patriotismo e fidelidade ao interesse nacional, com seu próprio patriotismo e seu próprio compromisso com os interesses da nação<sup>100</sup>.

O jornal *O Globo* do dia 7 de setembro de 1979 trouxe em sua capa uma pequena nota sobre a volta de Brizola, com o título *Brizola volta e diz que não quer revanche*, o jornal menciona que o ex-governador se diz “despido de qualquer intenção revanchista”. Retornando após um exílio de 15 anos, já no mesmo dia

<sup>98</sup> GONÇALVES, MARQUES, 2016, p.403-404.

<sup>99</sup> Ibidem, p. 414.

<sup>100</sup> SENTO-SÉ, 1999, p.86.

realizaria um discurso na cidade de São Borja, local onde estão sepultados os corpos dos ex-presidentes Getúlio Vargas e João Goulart<sup>101</sup>.

Já no corpo da notícia, na página 8, há uma foto de Brizola sendo recebido por outros líderes políticos, como Pedro Simon. *O Globo* inicia com a declaração do próprio Brizola: “Estou feliz em retornar ao meu país. Volto sem nenhum espírito de revanchismo”.

Vestindo vários tons de azul – do celeste na camisa, ao marinho na gravata – o ex-governador do Rio Grande do Sul desceu do avião da propriedade da família Goulart, abraçado à sua mulher Neusa e à neta Laila, de cinco anos. Aplaudido por pessoas que estavam no andar superior do Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu, o ex-governador dirigiu-se ao posto de Polícia Federal onde apresentou o seu passaporte CA 4547-26, que recebeu o visto de entrada no país. Depois de cumprimentar numerosos correligionários, entre os quais os senadores Pedro Simon e Leite Chaves e o deputado Getúlio Dias e o ex-deputado Lisânias Maciel, o ex-governador disse aos jornalistas: - Nós, trabalhistas, voltamos à cena política sem qualquer revanchismo, pois nossa anistia foi ampla, geral e irrestrita. Estamos vivendo uma nova época e voltamos para participar da vida nacional de maneira construtiva. Por isso, acho que não haverá qualquer oposição por parte dos militares. Segundo Leonel Brizola, o PTB já está em fase de organização e agora pretende elaborar o seu programa. Para isso, disse que todas as camadas da população serão consultadas e que o programa partidário “sairá mediante um amplo debate com operários, intelectuais, universitários, enfim, com toda a nação brasileira”<sup>102</sup>.

Podemos perceber como o jornal visava criar um discurso em que Brizola não buscava revanchismo, evidenciando a sua intenção de reorganizar o PTB e de participar construtivamente da vida nacional, ao passo que espera não haver nenhum tipo de oposição por parte dos militares.

O decorrer da notícia mostra uma ideia de que os militares também não buscavam confronto com Brizola, com *O Globo* trazendo declarações do comandante do 2º Regimento de Cavalaria Mecanizada, tenente-coronel Francisco Holleben, que afirmou que os dirigentes do MDB lhe comunicaram “o empenho dos encarregados da recepção ao ex-governador Leonel Brizola em não causar embaraços políticos”<sup>103</sup>.

Ainda sobre o comandante, o jornal diz que ele negou o boato que estaria correndo pela cidade de que sua unidade entrava de prontidão ou de sobreaviso durante aquele dia.

---

<sup>101</sup> *O Globo*, 7 de setembro de 1979.

<sup>102</sup> *O Globo*, 7 de setembro de 1979.

<sup>103</sup> *O Globo*, 7 de setembro de 1979.

Mesmo em se tratando de área de segurança nacional (por ser fronteira), o esquema de segurança montado para a chegada de Brizola caberá à Secretaria de Segurança Pública, através do DOFS e da Brigada Militar. – Apenas tenho de ser informado para comunicar aos meus superiores – afirmou. Segundo o comandante, só em caso de extrema necessidade, em que a força estadual necessitar de ajuda para impedir perturbação da ordem, haveria intervenção da tropa federal aquartelada em São Borja. [...] O líder do MDB na Câmara Municipal, Gastão Fonseca, disse que a Secretaria de Segurança Pública pediu a direção do partido que colabore com a segurança, procurando impedir, pela persuasão, que brizolistas mais entusiasmados tentem sair dos limites da homenagem que se quer prestar ao ex-governador<sup>104</sup>.

O jornal atuou no sentido de destacar a intenção do governo de não criar nenhuma situação de confronto ou oposição a Brizola, evidenciando a boa vontade do coronel e tratando de desmentir os boatos de que as forças armadas estariam de prontidão para a volta do ex-governador.

De acordo com Sento-Sé, a chegada de Brizola frustrou as expectativas de quem esperava grandes multidões:

Apesar do entusiasmo, sua presença não chegava a criar as situações de comoção que as previsões mais exaltadas supunham. O risco de um esgotamento precoce, provocado pela aparência repetida em atos públicos e comícios comemorativos de seu retorno, era uma variável a ser levada em conta, e acabou por fazer prevalecer uma postura menos ruidosa do que pareciam desejar os grupos mais exaltados. O carisma era um bem finito, que deveria ser usado com parcimônia<sup>105</sup>.

Como dito anteriormente, o jornal busca acompanhar o discurso estabelecido pelos militares, que após os anos da chamada “linha dura”, buscava criar uma nova aparência para o governo, que estaria disposto a colaborar com o retorno da democracia. Nos anos anteriores, *O Globo* defendeu o regime e criticou todas as manifestações contrárias, porém já próximo a 1979, o jornal pretende mostrar que também defende a democracia, sem, de qualquer modo, deixar de acompanhar o discurso do governo.

Ao mesmo tempo, *O Globo* não se exime de alfinetar os seguidores do ex-governador ao trazer a declaração do major da reserva do Exército, Salvador Pereira Alvarez, que afirmou o seguinte: “Quem quiser passar o dia atrás do ex-governador não precisa se constranger. É uma questão de livre arbítrio”<sup>106</sup>.

<sup>104</sup> *O Globo*, 7 de setembro de 1979.

<sup>105</sup> SENTO-SÉ, 1999, p. 87.

<sup>106</sup> *O Globo*, 07 de setembro de 1979.

Volta ainda a buscar declarações de “harmonia” entre Brizola e líderes da situação ao trazer declarações do então governador de São Paulo, Paulo Maluf, que disse acreditar não haver tumulto, visto que “nestes últimos 15 anos, muita coisa mudou no Brasil. Evidente, com a nova realidade política nacional, cada um vai ter de cuidar um pouco mais da liberdade que gozará”<sup>107</sup>.

O jornal traz ainda as declarações de outros líderes políticos, como o ex-governador Antônio Carlos Magalhães, que após afirmar o desejo de que Brizola viesse a contribuir para o desenvolvimento do país, colocou o seguinte:

Quem quer que chegue com outros propósitos que não sejam o de paz e harmonia, mais uma vez irá enganar-se com a disposição do povo brasileiro de progresso com paz social, abominando a violência e a desordem. Ao comentar as ameaças feitas a Brizola pelo CCC- Comando de Caça aos Comunistas, disse Antônio Carlos: - Qualquer radicalismo é prejudicial e merece também a nossa repulsa. Entendo que deve haver observação e nunca provocação. Só os que não tem nenhuma visão poderão admitir à volta ao período anterior a Revolução de 1964<sup>108</sup>.

Percebe-se, a partir da fala de ACM, que apesar dele repudiar as ameaças feitas pelo CCC, demonstra certa preocupação com a volta de Brizola, e também de outros exilados. Ao posicionar-se de forma contrária a uma possível volta ao período anterior ao golpe civil-militar, ACM manifesta sua posição contrária à volta do trabalhismo no país.

Portanto, ao analisar a matéria do jornal *O Globo* sobre o retorno de Leonel Brizola do exílio, pode-se perceber que há uma preocupação em criar um clima de harmonia entre as partes. Os militares estariam dispostos a colaborar com sua chegada e permanência, enquanto Brizola estaria sem nenhum sentimento de revanche, uma vez que se tratou de uma transição negociada. A abertura política, prevista por Geisel-Golbery, não possibilitava nenhum tipo de revanche, até porque nesse momento os militares ainda tinham pleno controle do governo.

Brizola voltou com menos força política. Como analisa Carlos Fico, na obra *Além do golpe*, o exílio provocou um esfriamento nos principais líderes de oposição. Em 1964, Brizola estava no auge de sua carreira política, sendo governador do Rio Grande do Sul, e com uma grande quantidade de seguidores. Ao voltar, Brizola tem dificuldades em conseguir aliados, em registrar seu partido, e apesar de conseguir

<sup>107</sup> *O Globo*, 07 de setembro de 1979.

<sup>108</sup> *O Globo*, 07 de setembro de 1979.

eleger-se governador do Rio de Janeiro em 1982, não conseguiu alcançar o mesmo prestígio político anterior ao golpe.

De acordo com Américo Freire, Brizola enfrentou, a partir de seu retorno do exílio, dois grandes problemas. O primeiro diz respeito à polarização governo/oposição, fenômeno em que girava a vida política brasileira desde os anos 1970. Para Freire, com a intenção de romper com o projeto de poder do MDB, o general Figueiredo promoveu a anistia parcial e a reforma partidária, mas a medida acabou por beneficiar o partido: houve a fundação do PMDB e conseguiram reunir uma numerosa bancada nas duas casas do congresso. Assim, lutar para ser o principal partido de oposição tornou-se difícil para Brizola, visto o poder que o PMDB representava<sup>109</sup>.

O outro problema, segundo Freire, foi “a incontornável e profunda desconfiança dos grupos conservadores e de grande parte da grande imprensa em relação ao líder trabalhista”<sup>110</sup>. Logo, o esfriamento do poder político de Brizola não ocorreu apenas por intenção dos militares, também parte da imprensa passou a criar notícias que mostravam a dificuldade enfrentada por ele para retomar seu prestígio político. Já no dia 11 de setembro de 1979, *O Globo* publicou uma matéria afirmando que Brizola já teria desistido de comícios que realizaria em Porto Alegre, com um tom em que expressa que o ex-governador não conseguiria retomar sua força política.

Na mesma reportagem, o jornal trouxe uma forte crítica do então deputado Newton Cardoso (MDB – MG) à Brizola, dizendo que:

“É o Carlos Lacerda dos novos tempos” – e criticou-o por ter voltado para o Brasil “para dividir e não para somar”. – Brizola, disse o deputado mineiro – está fazendo o Jogo do Governo, e poderia ter ficado, por isso mesmo, uns 30 anos no exílio, já que depois de 15 anos mostrou não ter aprendido nada. Para Newton Cardoso, “ele não trouxe nenhuma mensagem, não conseguir reunir quase ninguém para seu comício, e por isso mesmo não pode ser líder”. – Pessoalmente, disse, não me considero líder, mas se grito nas minhas bases, reúno de uma hora pra outra mais de cinco mil pessoas<sup>111</sup>.

Logo após o discurso de harmonia entre Brizola e o governo militar, *O Globo* buscou mostrar críticas ao ex-governador, evidenciando os problemas que ele

---

<sup>109</sup> FREIRE, Américo. *O fio da História: Leonel Brizola e a renovação da tradição trabalhista no Brasil contemporâneo (1980-1990)*. In: FERREIRA, Jorge; FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 189.

<sup>110</sup> Ibidem, p.189.

<sup>111</sup> *O Globo*, Newton Cardoso: *Brizola é o Lacerda dos novos tempos*, 11 de setembro de 1979.

encontrou e a dificuldade em reconquistar sua popularidade. Também procurou mostrar como na oposição havia críticos a Brizola. De fato, o nome de Brizola nunca foi consenso, e por sua postura forte, possuía inúmeros desafetos.

O jornal trazia ainda as declarações do então subsecretário da presidência da República, Alexandre Garcia<sup>112</sup>, que afirmou que “a volta do Brizola não desestabiliza nem São Borja”, e de outra fonte ministerial, da qual o jornal não revelou o nome, e que teria dito que “houve muito barulho antes, pelo nada de agora”<sup>113</sup>.

O *Globo* continuou a veicular notícias que mostravam o enfraquecimento do poder de Brizola no pós-exílio. Na edição do dia 14 de setembro de 1979, o jornal trouxe uma entrevista com o ex-vice-governador da Guanabara e ex-deputado pelo PTB Eloy Dutra, que naquele momento não estava filiado a nenhum partido, intitulada *Eloy Dutra acha que o PTB já está enterrado*.

“A volta de Brizola não tem a menor importância. Não é um homem definido, nem autêntico. Retorna ao país querendo voltar ao passado e fundar o PTB, que já morreu e está enterrado. Se Brizola deseja prestar algum serviço, seria melhor se filiar ao MDB e esquecer essa tolice de pegar a carta de Getúlio Vargas e tentar ressucitar o PTB”, afirmou ontem ao GLOBO o ex-vice-governador da Guanabara e ex-deputado Eloy Dutra. Para ele, Leonel Brizola “saltou no Brasil com uma lata de melado numa das mãos e uma bomba de hidrogênio na outra: se continuar indefinido, não conseguirá eleger-se vereador em Vacaria”. Eloy Dutra lembrou que antes da Revolução de 1964, quando o ex-governador gaúcho pregava numa República sindicalista, “não sabia sequer o que era o sindicalismo”. – Em São Borja – acrescentou – Brizola esperava 40 mil pessoas para vê-lo falar, e acabaram aparecendo umas três mil pessoas. O homem é esse, não tem nada de carismático, de salvador da pátria. Hoje, acredito que esteja voltando mais lido e sofrivelmente identificado com os problemas brasileiros. Mas continua pensando no PTB de 15 anos atrás<sup>114</sup>.

Dessa forma, o jornal trouxe declarações fortemente críticas a Brizola, que atuam no sentido de mostrar o seu enfraquecimento político. Apesar de ser inegável que essas opiniões sejam realmente de líderes políticos, muitos dos quais tinham divergências políticas com Brizola, a intenção do jornal ao publicar essas declarações logo após a sua volta do exílio, demonstra que *O Globo* buscou difundir a ideia da sua baixa credibilidade, e investiu em um processo de desconstrução do

<sup>112</sup> Após seu cargo no governo militar, Alexandre Garcia foi contratado pela Rede Globo, como jornalista, e continua na emissora até os dias de hoje.

<sup>113</sup> *O Globo*, Newton Cardoso: *Brizola é o Lacerda dos novos tempos*, 11 de setembro de 1979.

<sup>114</sup> *O Globo*, *Eloy Dutra acha que o PTB já está enterrado*, 14 de setembro de 1979.

mito Brizola, principalmente questionando sua ideologia política e suas alianças. De acordo com Patrick Charaudeau,

É na estigmatização da origem do mal que é preciso inscrever também as estratégias de desqualificação do adversário, sendo este um dos polos constitutivos do discurso político. As estratégias de desqualificação são utilizadas com a ajuda de diferentes procedimentos discursivos. [...] O sujeito político que combate um adversário deve rejeitar os valores opostos aos preconizados por este, mostrando uma boa argumentação e fraqueza ao perigo dessas ideias. Mas uma argumentação muito pesada, complexa ou sutil corre o risco de não ser compreendida pela massa dos cidadãos. É por isso que, frequentemente, em política, a argumentação se reduz a esse procedimento de ataques *ad hominem*, que questiona a probidade do adversário, suas contradições, sua incapacidade de manter promessas, suas alianças nefastas e sua dependência diante da ideologia de seu partido<sup>115</sup>.

É dessa forma que se estruturou o discurso do jornal *O Globo* em relação ao retorno de Brizola, na tentativa de criar a ideia da sua incapacidade em construir projetos políticos, ignorando o fato de que seu exílio de 15 anos interrompeu o auge de sua carreira.

Com isso *O Globo* busca minimizar a influência de Brizola na futura recomposição partidária, principalmente com as declarações de outros políticos citadas acima. Essa estratégia perdura na perda da sigla para Ivete Vargas, na criação do PDT, e na campanha para eleição ao governo do Rio de Janeiro, alterando-se apenas quando da virada a favor de Brizola nas pesquisas eleitorais.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, seu novo território político, Brizola rejeitou a possibilidade de ingresso no MDB, firma sua posição à esquerda do espectro político, afirma a incompatibilidade do ideário trabalhista com o marxismo, e mostra boa assimilação da agenda social democrata europeia, com menções às minorias, às mulheres, aos negros, e às populações indígenas<sup>116</sup>.

### 1.5 O novo projeto trabalhista de Brizola

Com o processo de abertura política, o fim do bipartidarismo e a criação dos novos partidos ou recriação, o trabalhismo adquiriu novo significado sob o comando de Brizola. Como dito na introdução, de acordo com Lucilia de Almeida Delgado, a respeito do trabalhismo sob o comando de Vargas, “havia um eixo, uma estrutura

<sup>115</sup> CHARAUDEAU, 2015, p. 92.

<sup>116</sup> SENTO-SÉ, 1999, p.88.

dorsal nacionalista, distributivista e desenvolvimentista, que fez com que o trabalhismo se constituísse, inegavelmente, em um projeto para o país”<sup>117</sup>.

Já com Brizola, e com os brizolistas dos anos 80, adota-se um discurso de reinvenção do trabalhismo. Para isso, buscou-se resgatar a memória coletiva sobre o trabalhismo, principalmente do período 45-64. Para Sento-Sé:

Buscar a memória coletiva significou reconstruir a história que redundou no golpe de 64 e no regime, que, em 1979, estava em processo de decomposição. Significou, também, reinventar a história recente do Brasil. Enquadrar o passado de maneira que o presente se tornasse inteligível. Significou, portanto, não apenas reinventar o trabalhismo, mas, e fundamentalmente, reinventar a história do Brasil. O trabalhismo, ressemantizado como brizolismo, articula memória e esquecimento, engendrando formas de ler o quadro brasileiro contemporâneo, entender a natureza da ação política e formular estratégias e projetos de intervenção no espaço público<sup>118</sup>.

Assim, Sento-Sé entende que o trabalhismo, agora sob a liderança de Brizola, transformou-se em brizolismo. O discurso brizolista, a partir de 1979, enfatiza cada vez mais a opção pela democracia social, a dicotomia entre forças populares e elites. Ela se faz presente através da alusão reiterada ao trabalhismo como caminho para o socialismo democrático, afirmado por Brizola e pelos trabalhistas que o acompanham<sup>119</sup>.

Ademais, o contexto do trabalhismo do período 45-64 é diferente do pós-79. De acordo com Jorge Ferreira,

Não seria exagero afirmar que, na década de 1950, surgiu na sociedade brasileira uma geração de homens e mulheres que, partilhando de ideias, crenças e representações, acreditou que no nacionalismo, na defesa da soberania nacional, nas reformas das estruturas sócio-econômicas do país, na ampliação dos direitos sociais dos trabalhadores do campo e da cidade, entre outras demandas materiais e simbólicas, encontrariam os meios necessários para alcançar o real desenvolvimento do país e o efetivo bem-estar da sociedade<sup>120</sup>.

Enquanto havia, nesse período, a esperança no nacionalismo e na conquista dos direitos sociais, impulsionados, sobretudo, pela figura de Getúlio Vargas, no pós-79, depois de 15 anos de regime militar, o trabalhismo encontrava-se em baixa, por conta do próprio enfraquecimento provocado pelo regime aos seus líderes,

<sup>117</sup> FERREIRA, 2001, p.177.

<sup>118</sup> SENTO-SÉ, 1999, p. 170.

<sup>119</sup> Idem, p. 106.

<sup>120</sup> FERREIRA, 2001, p.171.

muitos exilados. Também por isso é que o trabalhismo, sob o comando de Brizola, passou a incorporar ideias da social-democracia europeia.

De acordo com Michelle Reis de Macedo, o retorno de Brizola do exílio suscitou calorosos debates entre as esquerdas. Ainda em Lisboa, Brizola manifestou posições como a defesa dos direitos dos trabalhadores, o pluralismo dos conflitos sociais e a demanda de minorias como índios, negros e mulheres, temas que raramente foram contempladas por outras correntes políticas da época<sup>121</sup>.

É interessante trazer ao debate a posição de Sento-Sé sobre a incorporação de elementos da social-democracia ao trabalhismo brasileiro. Para grupos ligados a Brizola, esse conceito tinha diferentes significados. Para aquele que defendia a posição nacional democrática, o socialismo democrático “representava reformas econômicas profundas, distribuição de renda e aprofundamento na luta de emancipação nacional contra o imperialismo”<sup>122</sup>.

Para esse grupo, Brizola deveria ser uma espécie de Fidel Castro brasileiro, levando o país a um modelo socialista próximo ao cubano, o que não era objetivo do ex-governador. O segundo grupo era o chamado Grupo de Lisboa, que tinha contato com o eurocomunismo e a social-democracia europeia. Defendiam um sistema liberal democrático no Brasil. “O trabalhismo brizolista, segundo essa versão, deveria estar bem próximo das experiências socialdemocratas europeias”<sup>123</sup>.

O terceiro grupo reunia os trabalhistas históricos, muitos ainda ligados à figura saudosista do presidente João Goulart, e que tinham certo receio em relação a Brizola. “Defendiam a revitalização do trabalhismo e gostavam da abordagem que o identificava como caminho brasileiro para o socialismo”, embora não fossem necessariamente socialistas<sup>124</sup>.

Mais tarde, incorpora-se um quarto grupo, já após a fundação do PDT. Eram chamados de prestistas, que adentraram o PDT após o rompimento de Luís Carlos Prestes com o PCB. Estes, mais radicais, acreditavam que Brizola partilhava dos ideais comunistas, e o definiam como a maior liderança popular surgida no Brasil<sup>125</sup>.

---

<sup>121</sup> MACEDO, Michelle Reis. *As esquerdas revolucionárias, Leonel Brizola e a refundação do trabalhismo*. IN: FERREIRA, Jorge; FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

<sup>122</sup> SENTO-SÉ, 1999, p. 184.

<sup>123</sup> Ibidem, p.184.

<sup>124</sup> Ibidem, p. 184.

<sup>125</sup> Ibidem, p.185.

Todas essas diferentes visões sobre o trabalhismo, reunidas em grupos que possuíam Brizola como referência, dificultaram o processo de entendimento no interior do partido. Desse modo, nenhum grupo chega a expressar maioria ou adquirir vantagem em relação a outro. O Grupo de Lisboa, por exemplo, agiu enquanto Brizola ainda estava no exílio, em busca de que o trabalhismo se aproximasse da Internacional Socialista. Após o retorno de Brizola ao Brasil, esse grupo perdeu força<sup>126</sup>.

Entre as características semelhantes dos grupos, está a aproximação ao socialismo, mesmo que de maneiras diferentes. Sobre isso, disserta Sento-Sé:

No projeto brizolista, o socialismo é atrelado à questão democrática e ao fortalecimento das instituições representativas, embora nem sempre com a mesma ênfase, posto haver setores próximos a Brizola que permanecem refratários ao reconhecimento da importância da democracia formal. A ação do Estado na tarefa de humanizar as relações capitalistas, no interior da sociedade brasileira, é outro ponto no qual os dissensos são evidentes. Há uma preocupação flagrante em diferenciar o “socialismo moreno” do modelo soviético e demais países do Leste europeu. Rejeita-se o Estado gigantesco, altamente burocratizado, controlado por um partido único, embora a questão de quais seriam suas dimensões ideais permaneça em aberto<sup>127</sup>.

Com isso, embora houvesse pessoas próximas a Brizola que desejavam um plano político atrelado a um socialismo tal qual o de Cuba, o soviético ou outros países do Leste europeu, Brizola sempre declarou que não compartilharia dessa posição e, portanto, impõe-se novos aspectos ao trabalhismo sob influência da social-democracia, sem, em qualquer momento, aproximar-se de um modelo radical.

A respeito da reformulação do trabalhismo, logo após sua chegada ao Rio de Janeiro, quando indagado por jornalistas sobre como pretendia sair do cerco político em que havia se envolvido, “imprensado entre as forças do Governo e as radicais da oposição”, responde: “Eu não mudei e o trabalhismo também não mudou. Somos os mesmos, ajustados há (sic) outros tempos. O novo PTB é uma grande discussão, um grande debate. O povo é que dirá como ele será”<sup>128</sup>.

No mesmo pronunciamento, Brizola trocou farpas com Lula, que discursava ao seu lado. O motivo foi a crítica de Lula à política de Getúlio Vargas de atrelar os sindicatos à máquina do Estado, e principalmente por dizer que “os trabalhadores

---

<sup>126</sup> SENTO-SÉ, 1999, p. 185.

<sup>127</sup> Ibidem, p. 187.

<sup>128</sup> LEITE FILHO, 2008, p. 380.

também apanhavam na rua no governo João Goulart<sup>129</sup>. Como resposta, Brizola respondeu que “Lula é um homem de boa fé, mas que não está informado de muitas coisas que ocorreram no passado” e também critica o novo sindicalismo, que segundo ele, traz “um projeto macabro de levar de roldão o princípio da unicidade sindical”<sup>130</sup>.

De fato, enquanto alguns esperavam uma aproximação entre Lula e Brizola no processo de reorganização partidária, eles tomam rumos diferentes, sendo que apenas em 1998 os dois participam juntos de uma eleição, com Lula candidato a presidente da República e Brizola a vice, derrotados por Fernando Henrique Cardoso.

Brizola, após seu retorno ao Brasil passou a fazer contato com partidários do então MDB na busca de novos nomes para compor seu partido. *O Globo*, do dia 01 de dezembro de 1979, afirma que

O ex-governador Leonel Brizola voltou para o Rio, depois de um encontro dramático, de quase quatro horas, na tarde de quinta-feira, com o senador Pedro Simon. Brizola saiu de Brasília com o que já tinha a chegar: um senador e 25 deputados. Mas resistiu as tentativas de desmobilização do PTB, e está decidido, depois de chegar a pensar que a viagem a Brasília fora prematura, a organizar o partido na rua, disputando não a assinatura de parlamentares mas o voto popular<sup>131</sup>.

Como se sabe, Simon preferiu continuar no PMDB, e Brizola teve dificuldades em compor o PTB, visto que vários outros políticos preferiram seguir a opção de Simon. Logo, o jornal continua a trazer declarações de políticos que criticam duramente Brizola. No dia 28 de dezembro, o jornal trouxe as declarações do deputado Magalhães Pinto, sob o título *Magalhães: Ideia de Brizola é um passo para o comunismo*:

- O que o senhor Leonel Brizola pleiteia é um passo para o comunismo. E essa tendência nós vamos combater no PP, porque defendemos intransigentemente a liberdade de iniciativa – afirmou ontem o deputado Magalhães Pinto, ao comentar a proposta de estatização dos bancos e do sistema financeiro feita pelo ex-governador Leonel Brizola. Magalhães se disse contrário à estatização de um modo geral e acusou Brizola de “estar confundindo o programa socialista de seu partido com a realidade do país”<sup>132</sup>.

---

<sup>129</sup> LEITE FILHO, 2008, p. 381.

<sup>130</sup> Ibidem, p.381.

<sup>131</sup> *O Globo*, 01 de dezembro de 1979.

<sup>132</sup> *O Globo*, *Magalhães: Ideia de Brizola é um passo para o comunismo*, 28 de dezembro de 1979.

Em seguida, o jornal trouxe as declarações do próprio Brizola sobre o projeto de estatização dos bancos:

O ex-governador Leonel Brizola afirmou ontem no Rio de Janeiro que o Partido Trabalhista Brasileiro não defende apenas a simples estatização das atividades bancárias e financeiras, mas a sua socialização, “com amplo controle democrático de gestão, sob a égide do poder público”. – Preconizamos – disse Brizola – a democratização dessa prestação de serviços, que deverá funcionar sob controle das áreas interessadas e das atividades produtivas, sob a égide do poder público, como por exemplo, dos empresários do campo, da indústria e do comércio, de todos, enfim, que dependem do crédito para reproduzir<sup>133</sup>.

O *Globo* continuou, portanto, com o objetivo de trazer declarações de políticos contrários a Brizola, na tentativa de enfraquecer politicamente o ex-governador e o partido trabalhista em reformulação. Novamente, como a exemplo de 1964, sob a ameaça da aproximação com o comunismo. A notícia, apesar de trazer a explicação de Brizola sobre a ideia de estatização dos bancos, atua no sentido de desmoralizar e contrariar a proposta, afirmando novamente o perigo do socialismo proposto por Brizola.

Como vimos, Brizola desembarcou no Brasil com um objetivo definido: criar um partido trabalhista que tivesse inspiração social-democrata, conciliando dessa maneira o antigo com o novo, resgatando a memória do Partido Trabalhista Brasileiro de 1945 a 1964 e inserindo a ideologia da social-democracia de sua experiência na Europa. Buscou, com isso, mostrar que estava atualizado com os novos acontecimentos mundiais, rebatendo a crítica de muitos políticos, de que por estar há 15 anos fora do Brasil, não tinha condições de voltar para a atividade política.

O jornal *O Globo* criou, após o retorno de Brizola, diversas notícias com fortes críticas ao ex-governador, visando a desconstruir a sua imagem. Em 1980, o jornal continuou a dar espaço a essas declarações, e logo mais passou a cobrir o embate judicial entre Brizola e Ivete Vargas pelo domínio da sigla do Partido Trabalhista Brasileiro, tema que será discutido no próximo capítulo.

---

<sup>133</sup> *O Globo*, 28 de dezembro de 1979.

## 2. O GLOBO E AS DISPUTAS EM CENA: BRIZOLA E UMA SIGLA EMBLEMÁTICA

Este capítulo tem o objetivo de compreender o discurso do jornal *O Globo* sobre o processo de disputa judicial entre Leonel Brizola e Ivete Vargas pela sigla PTB, analisando a forma como o jornal criou seu discurso durante a batalha no TSE, a perda do grupo de Brizola da sigla PTB para o grupo de Ivete Vargas, e a consequente criação do PDT.

### 2.1 Retorno do pluripartidarismo

Conforme Marcelo Ridenti, a instauração do bipartidarismo foi uma “solução para garantir ao governo maioria estável no Congresso Nacional”<sup>134</sup>. O mesmo autor cita que o MDB foi criado para ser uma oposição moderada e construtiva, de modo que os principais líderes de esquerda foram perseguidos e exilados. O MDB era constituído, portanto, principalmente de membros moderados e alguns dos seus parlamentares eleitos inclusive aderiram às diretrizes governamentais<sup>135</sup>.

Para Thomas Skidmore, “o objetivo era reiniciar a atividade política abertamente, porém em termos “mais responsáveis”. Achavam muitos militares que a crise política brasileira podia ser atribuída ao sistema multipartidário”<sup>136</sup>. Em 1970, quando o general Emílio Garrastazu Médici foi conduzido à presidência, a Arena venceu com folga as eleições, pelo suposto “milagre econômico”, no qual a campanha foi baseada, e pelo descrédito político do MDB no momento, que se absteve de votar. No entanto, logo a ideia que os militares queriam passar à população de que a economia brasileira estava sob controle caiu por terra, e o país entrou em uma crise financeira que fez com que a situação aderisse à tese de uma transição para a democracia de forma “lenta, gradual e segura”, proposta pelo general Geisel.

---

<sup>134</sup> FILHO, Daniel Aarão Reis. RIDENTI, Marcelo. MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *A ditadura que mudou o Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 35.

<sup>135</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>136</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: De Castelo a Tancredo (1964-1985)*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. p. 105.

De acordo com Francisco Carlos Teixeira da Silva<sup>137</sup>,

A Arena, depois PDS, o partido oficial da ditadura, acabou por ser o centro de inúmeras atuações fundamentais para o prosseguimento do projeto de retorno a democracia, inclusive com sua implosão através do enfrentamento José Sarney *versus* Paulo Maluf, ou no surgimento de quadros que seriam fundamentais na própria e paradoxal oposição ao regime, como Severo Gomes e Teotônio Vilela. Por sua vez, no campo da oposição, o MDB acabou por ser empurrado em direção a uma atuação mais firme diante do regime militar por uma sociedade civil extremamente organizada, com os sindicatos, a Igreja, a imprensa, os artistas e a universidade desempenhando um ativo papel de crítica ao regime, e mesmo, ao seu projeto de abertura política.

Francisco Carlos explicita, desse modo, que dentro da própria Arena já havia partidários atuando como oposição ao regime ditatorial, ocasionando embates internos. Já o MDB apoiou-se na sociedade civil e em instituições sociais para desempenhar o seu papel de agremiação oposicionista.

Em 1979, com João Batista Figueiredo assumindo o poder, a ARENA já se encontrava desestabilizada e com diversos membros seus tentando desvincular-se da repressão que ocorreu durante o regime. De modo que a oposição unida em um único partido levava vantagem sobre a situação, o que fez com que o presidente Figueiredo ainda no mesmo ano, extinguisse o sistema bipartidário e permitisse a volta dos partidos.

De acordo com Thomas Skidmore, permitir o pluripartidarismo foi uma estratégia dos militares para permanecer no poder.

Dada a recente história brasileira, a “oposição” levava uma natural vantagem no sistema bipartidário em vigor em sua luta contra o governo, especialmente nas cidades e no Centro-Sul mais economicamente desenvolvido. Os estrategistas políticos do presidente, à frente o general Golbery, imaginaram uma solução parcial: dissolver o sistema bipartidário e promover a criação de múltiplos partidos com elementos de oposição, mas preservando as forças de um governo em um único partido<sup>138</sup>.

Assim, os militares acreditavam que a oposição fragmentada em vários partidos seria mais facilmente controlada do que unida sob uma única sigla. Na época, líderes políticos de oposição demonstravam sua insatisfação com o sistema

<sup>137</sup> FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Coord.). *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 4 v. p. 255.

<sup>138</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: De Castelo a Tancredo (1964-1985)*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. p. 427.

bipartidário em vigor. Com a volta do pluripartidarismo, alguns partidos que já existiam antes foram retomados, como o PTB, e outros criados, como o PMDB, o PDT e o PT. O que há em comum entre esses partidos é o fato de terem sido criados por parlamentares eleitos pelo extinto MDB.

Percebemos, portanto, como o MDB abrigava várias alas de oposição ao regime militar, que com a extinção do bipartidarismo criaram novos partidos, cada um com suas especificidades. Já a situação criou o PDS para ser o partido oficial da ditadura e abrigar os remanescentes da ARENA, tentando passar a imagem de um partido melhor do que o anterior, sem sucesso.

No contexto de criação do Partido Democrático Trabalhista, a ação de Leonel Brizola foi fundamental, em um período em que seu discurso e ação política sofrem mudanças. Segundo João Trajano Sento-Sé,

O brizolismo reinventado, a partir de 1979, não é o mesmo a que se referiam os atores no pré-64. Os atores não eram os mesmos, nem, tampouco, o contexto social mais abrangente que é produzido. Mesmo ao longo do período iniciado com sua volta do exílio, seu significado sofre mudanças sensíveis. [...] Pensar o brizolismo no período pré-79 no Rio de Janeiro corresponde a circunscrever algumas de suas configurações e as formas com que elas são remetidas a questões mais gerais da política brasileira e carioca no período especificado, bem como à sua história progressa<sup>139</sup>.

Consequentemente, a concepção da ação de Leonel Brizola nesse período deve ser identificada diferentemente de sua ação anterior ao exílio. Para Sento-Sé, a imagem de Brizola em 1979 pode ser lida de duas formas: a primeira é a dos contrários à sua volta, por entenderem que ele era o inimigo número um do regime militar e portanto o maior responsável pela instabilidade política que levava ao golpe de 1964; e a segunda é a imagem de que justamente por ser tão odiado pelos militares, ele seria o legítimo representante da luta contra a ditadura<sup>140</sup>.

É a partir dessa segunda imagem que Brizola, depois de sua volta do exílio, é visto por muitos, e por si próprio, como herdeiro da sigla PTB e do trabalhismo de Getúlio Vargas.

---

<sup>139</sup> SENTO-SÉ, 1999. p. 29.

<sup>140</sup> Idem, p. 56.

## 2.2 Batalha judicial pela sigla PTB

Na virada do ano de 1979 para 1980, o grupo de Leonel Brizola, composto por três deputados brizolistas, Lidovino Panton (RS), Getúlio Dias (RS) e Murilo Mendes (AL), estudantes e assessores parlamentares, permaneceu por 61 horas na frente da sede do Tribunal Eleitoral para ser o primeiro a requerer registro da sigla PTB<sup>141</sup>. O jornal *O Globo*, do dia 3 de janeiro de 1980, noticiou o registro com o título *Após vigília, PTB de Brizola pede registro*, afirmando que o grupo brizolista comemorou a virada do ano com sanduíches e refrigerantes, sem champanhe, pois “o PTB é o partido dos trabalhadores”<sup>142</sup>.

Já no dia seguinte, 4 de janeiro, o jornal publicou um editorial em que ataca o grupo brizolista e o critica por pregar um falso apoio aos trabalhadores. Com o título de *À saúde do PTB*, o jornal escreveu:

Numa vigília que demorou 61 horas, dirigentes do PTB fizeram plantão à porta do TSE a assim garantiram primazia no registro da sigla partidária. A maratona atravessou a passagem do ano, comemorada com refrigerantes mas sem champanha porque, explicaram zelosamente os participantes, “o PTB é o partido dos trabalhadores”. Pois não haveria desdouro se espoucassem algumas garrafas, que certamente podiam financiar. O melhor partido dos trabalhadores, tenham certeza os próceres petebistas, não é aquele que desdenha a champanha, mas sim o que luta para colocá-lo ao alcance dos trabalhadores<sup>143</sup>.

Assim, *O Globo* iniciou o seu posicionamento favorável ao grupo de Ivete Vargas na batalha pela sigla PTB. O utilizou o discurso de defesa dos trabalhadores para rechaçar o compromisso do grupo de Brizola para com seus eleitores, afirmando que estes deveriam lutar para colocar a champanha ao alcance dos trabalhadores, ao invés de abdicar dela.

Esse editorial de *O Globo* faz parte de uma linha política adotado pelo jornal para enfraquecer Brizola e seu novo projeto político. De acordo com Charaudeau, “todo discurso se constrói na intersecção entre um campo de ação, lugar de trocas

<sup>141</sup> O objetivo era evitar que a ex-deputada Ivete Vargas realizasse o pedido de fundação do partido antes que Brizola.

<sup>142</sup> *O Globo, PTB de Brizola pede registro*, 03 de janeiro de 1980.

<sup>143</sup> *O Globo, A saúde do PTB*, 04 de janeiro de 1980.

simbólicas organizado segundo relações de força (Bourdieu), e um campo de enunciação, lugar dos mecanismos de encenação da linguagem”<sup>144</sup>.

Portanto, o discurso político não acontece apenas resultante de “esquemas de pensamentos pré-construídos que se reproduziriam sempre da mesma maneira, esteja do lado dos dominantes ou dos dominados”. Para Charaudeau, as significações do discurso resultam de um jogo complexo, de um processo de construção-reconstrução, que se opera segundo o lugar ocupado e o posicionamento dos indivíduos que ocupam essas posições. Esses posicionamentos, segundo o autor, resultam de linhas de pensamento diversas, e das relações de poder estabelecidas por seus atores<sup>145</sup>.

O *Globo* criou seu discurso de acordo com um posicionamento político, em um processo que buscava desestabilizar líderes políticos que retornavam do exílio e buscavam criar partidos de oposição ao regime. Dentre eles, Brizola ocupou uma posição especial, sendo um dos principais nomes de oposição no pós-1979. O jornal, que apoiou o regime por praticamente todo o período de sua duração, posicionou-se favoravelmente ao grupo de Ivete Vargas na disputa pelo PTB, uma vez que Ivete era amiga pessoal do general Golbery, e Brizola representava uma força muito maior contra o governo.

Já no dia 7 de janeiro, o jornal publicou uma matéria com o título *Ivete Vargas diz que Brizola se ofereceu para implodir o MDB*, em que relatou um telefonema que Ivete Vargas teria recebido de Brizola, em que ele havia perguntado como estavam as relações da ex-deputada com Golbery. “Respondi que iam muito bem, pois havia a velha amizade de família. Ele então me surpreendeu: ‘Proponha-lhe a implosão do MDB. Faríamos isso muito bem’”<sup>146</sup>.

Na sequência da matéria, Ivete relata que começou a enumerar os nomes que integrariam o PTB nos estados, e que Brizola os teria atacado, chamando-os de “velharia”: “O pior, porém, foi o empenho dele, de afastar o que chamou de velharia, esquecido que ele próprio já é bastante maduro. Para o ex-governador, gente velha é gente superada. Mas ele se exclui”<sup>147</sup>.

Sobre essa matéria, percebem-se dois pontos. O primeiro é o discurso ríspido de Brizola, que, em toda sua vida política, busca desqualificar seus oponentes. Em

<sup>144</sup> CHARAUDEAU, 2015, p.52.

<sup>145</sup> CHARAUDEAU, 2015, p.52.

<sup>146</sup> *O Globo, Ivete Vargas diz que Brizola se ofereceu para implodir o MDB*, 07 de janeiro de 1980.

<sup>147</sup> *O Globo, Ivete Vargas diz que Brizola se ofereceu para implodir o MDB*, 07 de janeiro de 1980.

um momento conturbado, em que retorna do exílio, e se dá conta que teria que lutar judicialmente pela sigla PTB, Brizola criou um discurso de desqualificação de Ivete Vargas e de seus aliados, em uma tentativa de persuadir a ex-deputada a desistir do PTB.

O segundo ponto é a estratégia de *O Globo* ao redigir uma matéria descrevendo o telefonema de Brizola a Ivete Vargas, em uma tentativa de evidenciar um desespero por parte de Brizola. Como visto anteriormente, três dias antes o jornal já havia escrito um editorial atacando o grupo brizolista por pregar uma falsa defesa aos trabalhadores, com o título *À saúde do PTB*, e deixado claro que na sua opinião a saúde do PTB dependia da vitória do grupo de Ivete Vargas sobre o grupo de Brizola na batalha judicial pela sigla.

Segundo Charaudeau,

O discurso do comentário jornalístico é, em princípio, marcado por uma argumentação de ponderação: uma dosagem equilibrada entre julgamento pró e julgamento contra, entre apreciação favorável e apreciação desfavorável, entre exposição de uma determinada opinião ou de uma outra (muitas vezes contrária). Disso decorre uma argumentação em forma de gangorra, que corresponde, de fato, a uma recusa em escolher entre os termos de uma alternativa, entre uma opinião e seu contrário<sup>148</sup>.

Dessa forma, entendemos como o discurso da imprensa pode posicionar-se de modo favorável a um grupo em detrimento de outro, trazendo fatos e opiniões que legitimem sua ideia e escondendo os que a contrariem. Não acreditamos na ideia de neutralidade ou imparcialidade da imprensa, mas quando um meio de comunicação atua no sentido de influenciar o pensamento da população, e de desconstruir a imagem de um líder político, como no caso de *O Globo*, ele não cumpre com seu papel de trazer todos os fatos para que o leitor possa construir sua própria interpretação.

O jornal passou a criar um ambiente de crise dentro do grupo brizolista, ao mesmo tempo em que exaltava o partido do governo, PDS. No dia 17 de janeiro, na página 5, o jornal criou uma estrutura de matérias que apresenta a seguinte ordem de títulos: *Casal de deputados do ex-MDB adere ao partido do governo*; *Candidatura de Lysâneas leva PTB do Rio à crise*; e *Lucídio: PDS vai ser o maior partido do Piauí*<sup>149</sup>.

<sup>148</sup> CHARAUDEAU, 2015, p. 177.

<sup>149</sup> *O Globo*, 17 de janeiro de 1980.

Dessa forma, o jornal criou uma estrutura de notícias em que buscou mostrar uma superioridade do PDS em relação ao PMDB e o PTB. Em uma mesma página, o leitor, ao ler os três títulos das notícias, teria a impressão de que os partidos de oposição, recém reformulados, estavam em crise, e que apenas o partido do governo tinha uma base forte e continuaria sendo o principal partido brasileiro.

Com os títulos *Casal de deputados do ex-MDB adere ao partido do Governo, e PDS vai ser o mais partido do Piauí*, o jornal criou um discurso de que durante o processo de reorganização partidária, o PDS seria um partido imbatível, que líderes políticos de outros partidos estariam migrando para a sigla do governo.

Já na notícia intitulada *Candidatura de Lysâneas leva PTB do Rio à crise*, o jornal afirmou que estaria se agravando uma crise interna no PTB, de massiva perda de nomes importantes para compor o partido. De acordo com Patrick Charaudeau, a “estruturação do espaço social depende da instância fornecedora de informação que é obrigada a construir seu propósito gerenciando a visibilidade pública dos acontecimentos que se trata”<sup>150</sup>.

Para o linguista, a instância midiática deve, então, proceder a uma repartição do espaço público em categorias, em que permite-se aos atores reconhecerem-se, compreender e reagir diante delas. Por terem conhecimento de que se dirigem a um público que não é homogêneo, as mídias, segundo o autor, procedem a uma racionalização, de tal maneira que o público se habitua a recortar o mundo social como as mídias o fazem<sup>151</sup>.

A forma como *O Globo* estruturou suas notícias, buscava criar no leitor a ideia de desprestígio dos partidos políticos de oposição. O jornal procedeu ao ato de racionalização que descreveu Charaudeau, fazendo com que o público se habituasse a, da mesma forma que a publicação, recortar o espaço político de maneira em que se visse o PDS como partido em ascensão, e os demais como partidos que estivessem em crise.

Segundo Sento-Sé, Lysâneas Maciel<sup>152</sup> havia concebido a ideia do “novo trabalhismo”, e Pedro Celso Uchoa Cavalcante redigiu, a pedido de Brizola, um documento definindo o “trabalhismo democrático como princípio norteador do novo partido”. No entanto, antigos trabalhistas do Rio de Janeiro, como Paiva Muniz,

<sup>150</sup> CHARAUDEAU, Discurso das mídias, 2015, p.142.

<sup>151</sup> Ibidem, p.143.

<sup>152</sup> Lysâneas Maciel acaba por deixar o PTB e filiar-se no PT, o qual foi candidato ao governo do Rio de Janeiro em 1982.

Aarão Steinbruch e Bocayuva Cunha, resistiam a essa ideia, principalmente a redigida por Maciel<sup>153</sup>.

Para o autor, tudo indicava que aqueles que não tinham suas raízes no trabalhismo e se “incorporavam ao projeto em função da possibilidade de organizar um partido de massas moderno em torno de Brizola compartilhavam em algum grau uma visão crítica do antigo estilo petebista”<sup>154</sup>. Nesse caso, houve uma disputa entre estilos, e trabalhistas ainda ligados à figura de Jango, embora reconhecessem em Brizola seu natural sucessor, nutriam reservas se comparado ao estilo distinto do seu antecessor.<sup>155</sup>

Já para *O Globo*, a crise interna que existiria dentro do PTB brizolista agravou-se com a pré-candidatura de Lysâneas Maciel para a presidência da comissão executiva regional provisória. Em sua obra, Charaudeau analisa a forma como os jornais intervêm nas palavras em seu uso original, exemplificando e comparando dois periódicos, um que traz como notícia *O ex-ministro deixou a França*, e *O ex-ministro escapa da justiça francesa*. Nesses casos, percebemos como o poder das palavras fazem diferença na formulação da notícia e no conseqüente entendimento por parte do leitor<sup>156</sup>.

No caso do jornal *O Globo*, o periódico escolhe criar uma notícia que explicita um ambiente de crise dentro do PTB brizolista. Lendo e analisando o decorrer da própria notícia do jornal, poderíamos pensar em outros títulos para a matéria, como por exemplo: *Candidatura de Lysâneas gera divergências no PTB*, ou *Candidatura de Lysâneas não é unânime entre os trabalhistas*. O fato de escolher a palavra crise para definir o acontecimento é fruto da intenção e posição do jornal de gerar no leitor a ideia de crise dentro do PTB brizolista.

No dia 20 de janeiro de 1980, *O Globo* tornou a trazer declarações de Ivete Vargas criticando a fala de Brizola de que o seu grupo tinha o direito da sigla por ter pedido registro antes que o grupo de Ivete:

O posicionamento demonstra uma ignorância política impressionante, mesmo em quem não é advogado. Que é evidente o desejo de confundir a opinião pública. Ele não pode ignorar que quem efetivamente cumpriu a lei com a maior seriedade foi o nosso grupo, conforme posteriormente lhe

<sup>153</sup> SENTO-SÉ, 199, p.95.

<sup>154</sup><sup>154</sup> SENTO-SÉ, 1999, p.96.

<sup>155</sup> Ibidem, p.96.

<sup>156</sup> CHARAUDEAU, Discurso das mídias, 2015.

expôs o ex-governador Gilberto Mestrinho, num encontro que tiveram em dezembro – disse Ivete Vargas.

Já em 4 de fevereiro de 1980, o jornal publicou uma matéria com o título *Ivete: Brizola quer é impressionar o governo*, em que Ivete refuta declarações que Brizola havia feito, de que ela estaria tentando assegurar a sigla PTB através de pressões junto ao Tribunal Superior Eleitoral. Na matéria, Ivete afirma que “A intriga, além de outros expedientes que vêm lançando mão, apenas acoberta o desejo deles próprios de tentar impressionar as autoridades, com o evidente propósito de obter-lhes o apoio”<sup>157</sup>. O periódico busca ainda rebater uma afirmação de que Brizola havia dito que o grupo de Ivete era semelhante ao malufismo e ao chaguismo, com Ivete dizendo que ele apenas demonstra falta de argumentos ou indigência mental.

O jornal continuou a trazer declarações que tentam desconstruir o projeto do PTB brizolista. Dessa vez, do senador José Sarney (PDS), que ao ser indagado sobre o programa do PTB, responde: “Que programa? Aquele que dá um litro de leite para cada trabalhador? Sinceramente, prefiro a Legião da Boa Vontade, do Zarur. No mínimo, seu programa é muito mais suculento”<sup>158</sup>.

Patrick Charaudeau afirma que nas estratégias de desqualificação do adversário no discurso político, a manipulação da ironia está presente. Dessa forma, o jornal buscou a partir da fala do senador José Sarney, um dos principais líderes do PDS, ironizar e desqualificar o projeto de Brizola, afirmando que o programa do PTB oferecia um litro de leite a cada trabalhador. Nota-se, dessa forma, um deboche do senador e do jornal a um projeto que defendia direitos trabalhistas.

Na mesma linha, no dia 10 de fevereiro, O Globo escreveu, com o título *Ivete responde a Brizola e diz que ele não merece crédito*, novamente uma fala de Ivete criticando declarações de Brizola, sem mostrar quais seriam essas declarações: “Temos as mãos limpas e a consciência tranquila. Não somos gigolôs da política” – afirmou ontem a ex-deputada Ivete Vargas, em relação a declarações do ex-governador Leonel Brizola, que se recusa a qualquer entendimento com ela”.

Ivete ainda segue dizendo que seu grupo considera que Brizola não merece crédito, enquanto não explicar o destino de amplos recursos que teria recebido no exterior. Desse modo, o jornal destina espaços ao direito de Ivete refutar

---

<sup>157</sup> O GLOBO, *Ivete: Brizola quer é impressionar o governo*, 04 de fevereiro de 1980.

<sup>158</sup> O GLOBO, 06 de fevereiro de 1980.

declarações de Brizola, ao mesmo tempo em que não apresenta originalmente essas declarações e não concede a Brizola a mesma oportunidade. O jornal afirmou que Brizola se recusou a qualquer entendimento com Ivete, e aproveitou para afirmar que o ex-governador recebeu “amplos recursos do exterior”, em uma crítica ao fato de que ele estaria ligado à Internacional Socialista.

Observamos, portanto, que as matérias criadas pelo jornal continuaram a trazer falas de Ivete Vargas no sentido de desqualificar o projeto político de Brizola. Embora o jornal faça maiores referências ao nome de Brizola, em termos quantitativos, grande parte das notícias é criada para gerar no leitor a ideia de descrédito político do ex-governador.

Em um editorial do dia 13 de fevereiro, intitulado *Marketing*, o jornal escreveu: “A disputa entre Leonel Brizola e Ivete Vargas transformou-se numa questão de marketing político”. Afirma que os dois grupos se enfrentam para conquistar uma marca partidária e não uma legenda, pressupondo que seus adeptos e seus eleitores estejam incrustados nesta marca, independentemente de seu “recheio programático e ideológico ou dos rumos que a liderança do momento imprimir ao partido. Não é episódio que contribua para a renovação do quadro partidário brasileiro”<sup>159</sup>.

No editorial, *O Globo* procurou manifestar-se contra a disputa pela sigla PTB e mostrar que atuou com neutralidade. Porém, como podemos observar nas matérias, ele explorou as falas de Ivete contra Brizola, investindo principalmente na desqualificação do ex-governador e do seu projeto político.

Em 22 de fevereiro de 1980, em notícia intitulada *Ivete: Brizola explora a memória de Getúlio*, o jornal continua sua argumentação:

- As agressões do grupo liderado por Leonel Brizola mostram apenas que eles querem explorar a memória de Getúlio Vargas, embora no fundo sejam todos antigetulistas. A declaração foi feita ontem, pela ex-deputada Ivete Vargas, a propósito da afirmação do deputado José Maurício, de que ela tinha uma formação política da época do Estado Novo, e por isso, trazia “resíduos ditatoriais”. Ivete disse ainda que as palavras do parlamentar fluminense não foram dirigidas a ela, “mas contra a memória do ex-presidente Getúlio Vargas”. E concluiu: - A partir de agora, todos os getulistas estão sabendo quem é o verdadeiro PTB”<sup>160</sup>.

<sup>159</sup> O GLOBO, *Marketing*, 13 de fevereiro de 1980.

<sup>160</sup> O GLOBO, *Ivete: Brizola explora a memória de Getúlio*, 22 de fevereiro de 1980.

Para Patrick Charaudeau, no discurso político, quando há um projeto que consiste na estigmatização da origem do mal, é preciso também inscrever as estratégias de desqualificação do adversário. O linguista afirmou que no processo de desqualificação do adversário, podem se utilizadas as estratégias de *desqualificar as ideias* do adversário; mostrar as suas *consequências negativas*; a *instância adversária*; as *contradições do adversário* e seu projeto de *manipulação*.

Charaudeau exemplifica como ocorrem essas estratégias, citando o caso de um presidente da República francês, que convidou os franceses a votarem “sim” no primeiro referendo sobre a Europa, por meio do seguinte discurso: “Alguns incitam vocês a votar ‘não’, prisioneiros que são de sua doutrina, de sua vontade obstinada de estabelecer na França um sistema totalitário. Inútil insistir”. Segundo Charaudeau, nesse discurso, são desqualificadas ao mesmo tempo as ideias do adversário (“prisioneiros de sua doutrina”), as consequências negativas para o povo (“estabelecer um sistema totalitário”), e a instância adversária, por uma imagem negativa (“vontade obstinada”). Nesse caso, o discurso visa a rejeitar as ideias do adversário, lembrando a ameaça que ele representa<sup>161</sup>.

O jornal *O Globo* também buscou, nas formulações das notícias, criar estratégias de desqualificação de Brizola. Embora traga falas de Ivete Vargas e outros adversários políticos, a quantidade de notícias em que eles criticam o ex-governador e seu novo projeto político, evidencia um interesse do jornal em desqualificá-lo. Isso ocorre pela estratégia de combater o reestabelecimento do trabalhismo no Brasil, como veremos adiante, em editoriais de *O Globo*, travando uma batalha contra os partidos que o representavam, como PDT, PT e PTB.

Na notícia acima, Ivete afirmou que Brizola e seu grupo queriam explorar a memória de Getúlio Vargas, quando seriam no fundo todos antigetulistas. Dessa forma, *O Globo* se apropria do discurso de Ivete para *desqualificar as ideias* de Brizola (de retomar o trabalhismo getulista), mostrar as *consequências negativas* (a partir de agora todos estão sabendo quem é o verdadeiro PTB), e a *instância adversária* e *contradições do adversário* (as palavras não foram dirigidas a Ivete, mas contra a memória de Getúlio Vargas).

No decorrer da notícia, Ivete declarou que obteve informações de que o grupo liderado por Brizola encaminhara apenas quatro das nove comissões regionais

---

<sup>161</sup> CHARAUDEAU, *Discurso Político*, 2015, p. 92.

exigidas pela nova legislação, e diz que isso demonstra que “eles não têm estrutura política. Eles disseram que nós não existimos, mas o partido que têm as comissões prontas é o nosso”.

No dia 13 de março de 1980, o jornal publica matérias sobre Ivete e Brizola intituladas: *PTB de Ivete já tem bloco na Assembléia*, e *Schilling: Prestígio de Brizola caiu*<sup>162</sup><sup>163</sup>. Podemos perceber, com os títulos, que o jornal buscou difundir a ideia de que o grupo liderado por Ivete estaria crescendo, enquanto Brizola estaria perdendo seu prestígio político. A intenção ao noticiar os dois textos na mesma página é a de criar no leitor essa ideia.

No dia seguinte, 14 de março, *O Globo* noticiou que os pedidos de registro dos dois PTBs, feitos em janeiro, foram arquivados pelo TSE. De acordo com o jornal: “O Tribunal Superior Eleitoral determinou ontem, por maioria de votos, o arquivamento dos pedidos de registro provisório do Partido Trabalhista Brasileiro, tanto do grupo do ex-governador Leonel Brizola, quanto do grupo de Ivete Vargas”<sup>164</sup>. Desse modo, ambos os requisitantes tiveram de requerer o registro novamente ao Tribunal.

Segundo a matéria, o ministro-relator Aldir Passarinho afirmou que nenhum dos grupos apresentou a relação das comissões diretoras municipais provisórias em pelo menos um quinto de no mínimo nove estados. A notícia traz apenas declarações de Ivete Vargas, de minutos antes do julgamento, em que afirmou: “Provamos que dizer que só existimos no papel é uma piada, porque ninguém consegue, no prazo que tivemos, criar a estrutura que criamos, se não tiver, no âmbito nacional uma presença”<sup>165</sup>.

O grupo de Ivete Vargas renovou o pedido de registro ainda no dia 14 de março, afirmando que o fez com tanta pressa por acreditar, baseado em uma declaração do ministro Moreira Alves, que preenchidas as formalidades legais, o grupo político a requerer seu registro em primeiro lugar seria o vencedor<sup>166</sup>.

No dia seguinte, *O Globo* publicou uma pequena nota, afirmando que seria um engano acreditar que o ministro Golbery do Couto e Silva teria interesse em entregar a legenda do PTB a Ivete Vargas, pela amizade pessoal entre os dois.

---

<sup>162</sup> Imagem: 13 de março de 1980. Imagem disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com>

<sup>163</sup> Paulo Schilling foi um economista e ex-assessor de Brizola.

<sup>164</sup> *O Globo*, “TSE arquiva pedido de registro dos dois PTBs”, 14 de março de 1980.

<sup>165</sup> *O Globo*, “TSE arquiva pedido de registro dos dois PTBs”, 14 de março de 1980.

<sup>166</sup> *O Globo*, PTB de Ivete já renovou pedido e o de Brizola renova até terça, 15 de março de 1980.

Segundo o jornal, por Golbery estar empenhado na estruturação do PDS, ele não teria interesse em auxiliar a formação de nenhum partido, por isso não intervinha na disputa entre Brizola e Ivete e nem se preocupava em deixar de conversar com ela nesse período<sup>167</sup>.

No dia 21 de março, o grupo de Brizola requereu novamente o registro pelo PTB, e no dia 22 o jornal relatou a notícia, e trouxe declarações do advogado do PTB brizolista, Célio Silva, que disse que “organizar um partido não é uma gincana com distribuição de tarefas e todo mundo correndo para entrar no primeiro lugar”, justificando que o critério de ser o primeiro a renovar o pedido não influenciaria na decisão do TSE.

No mesmo dia, *O Globo* escreveu sob o título *Ivete sob o fogo de outro PTB*, que haviam surgidos boatos de que o TSE já tinha decidido a favor de Ivete na disputa pelo PTB, e que esses boatos tiveram pronta repercussão em Brasília, com pichações na cidade que diziam “O PTB é do povo – fora Ivete”. O jornal diz sobre o ato: “trata-se de uma forma estranha e inútil tentativa de interferir na decisão do TSE, que tão cedo não definirá a questão”<sup>168</sup>.

Dessa maneira, o jornal buscou desqualificar possíveis manifestações populares caso Brizola perdesse a sigla para Ivete. Por inúmeras vezes durante o período da ditadura, *O Globo* buscou combater manifestações contrárias ao regime, desacreditando os motivos e as ações dos manifestantes.

Em 4 de abril noticiou a visita do secretário-geral do Partido Socialista Português (PSP) Mário Soares, expoente da Internacional Socialista, ao Brasil. Soares foi intermediador da estadia de Brizola em Lisboa durante o período final do exílio. Ele estava na República Dominicana representando o PSP na primeira conferência da Internacional Socialista na América Latina. Brizola o recebeu no aeroporto, junto com Darcy Ribeiro e outros trabalhistas<sup>169</sup>.

Mário Soares concedeu uma entrevista aos jornalistas naquela oportunidade, e as principais perguntas destacadas pelo jornal foram aquelas relacionados à aproximação do Partido Socialista Português com algum partido brasileiro, em especial o PTB de Leonel Brizola. Brizola respondeu:

---

<sup>167</sup> *O Globo*, 16 de março de 1980.

<sup>168</sup> *O Globo*, 22 de março de 1980.

<sup>169</sup> *O Globo*, *Mário Soares chega ao Brasil fazendo o elogio da abertura*, 04 de abril de 1980.

- Rigorosamente, no Brasil não existe partido filiado à Internacional Socialista. Nós, trabalhistas, temos cultivado um relacionamento fraterno com ela, particularmente com o Partido Socialista Português, a quem muito devem os brasileiros que estiveram exilados em Portugal. Temos acompanhado, como convidados, as reuniões da Internacional Socialista e pretendemos aprofundar ao máximo esse relacionamento. A filiação à Internacional é um problema que ainda não cogitamos. É uma matéria que deve ser motivo de uma resolução do partido, após um amplo debate, que só será possível quanto tivermos atingido nossa total organicidade interna<sup>170</sup>.

Quando perguntado o que o PSP tem a ver com o que está sendo organizado por Brizola, Mário Soares respondeu que os dois são amigos, que estiveram juntos no exílio de Brizola e partilhavam de muitas ideias em comum, como a necessidade de realizar reformas estruturais num quadro de pluralismo democrático, respeitando os direitos humanos e as garantias individuais<sup>171</sup>.

O jornal buscou, ao longo do mês, difundir a ideia de ligação de Brizola com a Internacional Socialista, e de infração do grupo em relação à Lei Orgânica dos Partidos Políticos, que proibia a vinculação de partidos com movimentos ideológicos internacionais. Esse mesmo argumento foi utilizado por Ivete Vargas para tentar impugnar o pedido de registro do PTB de Brizola, no dia 11 de abril.

Ainda no dia 7 de abril, o grupo de Brizola já havia pedido a impugnação do grupo de Ivete Vargas, sob o argumento de que a ex-deputada não tinha fundado validamente o partido, por tê-lo feito em março de 1979, quando ainda não era vigente a lei da Reforma Partidária.

### 2.3 Perda da sigla PTB

No dia 29 de abril, o procurador-geral eleitoral Firmino Paz concedeu parecer favorável a favor do PTB de Ivete. Segundo ele não eram válidos os pedidos de impugnação do grupo brizolista, que tinham como argumento o fato de Ivete ter fundado seu partido quando ainda não era vigente a lei da Reforma Partidária<sup>172</sup>.

Em 1º de maio, *O Globo* publicou, com o título de *Brizola admite que pode perder sigla para Ivete Vargas*, que ele afirmara que a decisão de Firmino Paz podia ter sido influenciada pelo governo. O periódico cita o jornalista José Maria Rabelo,

<sup>170</sup> *O Globo*, *Mário Soares chega ao Brasil fazendo o elogio da abertura*, 04 de abril de 1980.

<sup>171</sup> *O Globo*, *Mário Soares chega ao Brasil fazendo o elogio da abertura*, 04 de abril de 1980.

<sup>172</sup> *O Globo*, "Procurador dá parecer a favor do PTB de Ivete", 30 de abril de 1980.

presidente da comissão provisória do PTB de Brizola, que afirmou que não existia dicotomia, pois o “PTB de Brizola é o partido e o de Ivete é o antipartido. Uma manobra que parte do Planalto não pode ser em nada semelhante ao nosso PTB”<sup>173</sup>.

Já em 06 de maio, com o título *Brizola culpa ministro pelo parecer pró-Ivete*, *O Globo* escreve

O ex-governador Leonel Brizola criticou ontem a atitude do ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, que segundo ele, “convocou a oposição para o diálogo, e depois mandou o procurador-geral da Justiça dar um parecer favorável ao pedido do registro da senhora Ivete Vargas”. Um partido, afirmou Brizola, não se faz com papéis. O PTB de Ivete Vargas é uma deformação, que até hoje não conseguiu reunir meia dúzia de pessoas<sup>174</sup>.

Já para Ivete Vargas, “não dá para acreditar nessas declarações, porque o ministro da Justiça integra o poder executivo, e afirmar isso significa um desrespeito ao poder judiciário”<sup>175</sup>. No dia 9 de maio, o jornal noticia que o procurador havia concedido, no dia anterior, parecer contrário ao PTB de Brizola, sendo o principal argumento utilizado por Firmino Paz que o grupo de Ivete Vargas havia cumprido em primeiro lugar as exigências.

Firmino Paz argumentou que os dois grupos cumpriram todas as exigências, mas “a lei incidiu sobre os fatos que o grupo de Ivete praticou, antes de incidir sobre os fatos que o outro grupo praticou. Como não pode haver um registro para cada grupo, o direito nasceu mutilado para aquele cujo fato jurídico nasceu depois”<sup>176</sup>.

O procurador ainda rebateu os argumentos do grupo de Ivete sobre o fato do PTB brizolista estar vinculado à Internacional Socialista, afirmando que “inexiste ao parecer, prova inequívoca, oficiosa ou oficial, dessa pregoada vinculação, ou mesmo prova confessória. Não basta, só para tanto, o noticiário da imprensa, por mais respeitável que o seja”<sup>177</sup>.

Ao receber a notícia, Brizola disse que mesmo que tirem do grupo a legenda, “não nos tirarão o partido nem o movimento social que o trabalhismo representa. Esta sigla tem muito valor, mas dentro de um contexto e sustentada por determinadas pessoas. Fora daí serão três letras mortas numa parede e num papel”.

<sup>173</sup> *O Globo, Brizola admite que pode perder sigla para Ivete Vargas*, 01 de maio de 1980.

<sup>174</sup> *O Globo, Brizola culpa ministro pelo parecer pró-Ivete*, 06 de maio de 1980.

<sup>175</sup> *O Globo, Brizola culpa ministro pelo parecer pró-Ivete*, 06 de maio de 1980.

<sup>176</sup> *O Globo, Procurador dá parecer contra o PTB de Brizola*, 09 de maio de 1980.

<sup>177</sup> *O Globo, Procurador dá parecer contra o PTB de Brizola*, 09 de maio de 1980.

Na mesma notícia, *O Globo* afirma que o grupo liderado por Ivete “sempre saiu na frente, por ter sido criado em 20 de dezembro de 1979, e o de Brizola no dia 21 do mesmo mês e ano, e por ter requerido registro junto ao TSE em 14 de março de 1980, enquanto Brizola o fez no dia 21<sup>178</sup>.

Ainda no dia 9 de maio, o jornal noticia que o senador Leite Chaves, do grupo de Brizola, e o deputado Jorge Cury, do grupo de Ivete Vargas, viajaram para São Paulo com o objetivo de discutir um acordo para unir os dois PTBs em apenas um partido. Segundo o periódico, a base de acordo seria a divisão da comissão nacional em cinco vagas para Ivete, cinco vagas para Brizola e uma a ser preenchida por nome em torno do qual compusessem as duas concorrentes<sup>179</sup>.

O acordo, porém, não era bem visto por Brizola, que não desejava “dividir o comando do PTB” com Ivete Vargas. Para o jornal, todas as alternativas para Brizola, se perdesse a sigla, seriam desconfortáveis. É cogitada a possibilidade de seu ingresso no PMDB, mas acredita-se que a liderança de Brizola se chocaria com outras. O jornal, que anteriormente argumentava que se Brizola perdesse a sigla ingressaria no PTB de Ivete ou no PMDB, agora passa também a discutir a possibilidade da criação de um novo partido.<sup>180</sup>

No dia seguinte, traz a notícia: *Executiva do PTB de Brizola repele negociação com Ivete*, em que Brizola e a comissão provisória do seu PTB decidem por unanimidade rejeitar qualquer tipo de acordo com o grupo de Ivete. Brizola então apresenta a fórmula considerada por ele a ideal para resolver a questão: deferir os registros provisórios dos dois PTBs e distribuir fichas de filiação partidárias a ambos os grupos, e com um prazo de 90 a 100 dias decidir, com os votos da base, o controle do partido<sup>181</sup>.

O resultado sai no dia 12 de maio, quando o TSE decidiu, por cinco votos a um, conceder o registro provisório do PTB ao grupo liderado por Ivete Vargas. O Tribunal argumentou que o requerimento formulado pelo grupo atendia a todas as exigências, e ao analisar, em segundo lugar, o pedido do grupo de Brizola, decidiu pelo indeferimento, alegando que a sigla já havia sido conquistada pelo grupo de Ivete<sup>182</sup>.

<sup>178</sup> *O Globo*, “Procurador dá parecer contra o PTB de Brizola”, 09 de maio de 1980.

<sup>179</sup> *O Globo*, “Procurador dá parecer contra o PTB de Brizola”, 09 de maio de 1980.

<sup>180</sup> *O Globo*, “Procurador dá parecer contra o PTB de Brizola”, 09 de maio de 1980.

<sup>181</sup> *O Globo*, “Executiva do PTB de Brizola repele negociação com Ivete” 10 de maio de 1980.

<sup>182</sup> *O Globo*, “Ivete ganha no TSE sigla do PTB. Brizola chora” 13 de maio de 1980.

De acordo com o jornal,

O ex-governador Leonel Brizola teve duas reações ao saber do resultado no TSE. Trancado no apartamento 1604 do Hotel Embaixador com os principais dirigentes do seu partido, bateu o telefone através do qual o deputado Lidovino Fanton lhe transmitiu de Brasília a notícia e afirmou: - Agora, vamos ter que começar tudo de novo. [...] Emocionado, sem dizer uma palavra, apenas respondendo aos cumprimentos, dirigiu-se ao 17º andar, um pequeno centro de convenções que lhe fora cedido pelo ex-deputado Márcio Moreira Alves, assessor da diretoria do hotel. Foi ovacionado pelas 200 pessoas que aguardavam em vigília a decisão do TSE e gritavam seu nome em coro. A certa altura, pegou uma folha de papel tamanho ofício, puxou a esferográfica do bolso da camisa e desenhou bem grande a sigla PTB. Brizola levantou para a plateia as letras que desenhara. Por alguns segundos ficou mudo, olhando a sigla e ignorando as primeiras perguntas dos jornalistas. Em seguida, dramaticamente, Brizola rasgou o papel com a sigla, sob aplausos, como a simbolizar que a partir de então ela deixava de existir. E não se conteve: caiu em prantos, escondendo o rosto com as mãos.<sup>183</sup>

Segundo a matéria, Brizola fez o seu “mais inflamado discurso”. No discurso de Ivete após a vitória, a ex-deputada afirmou que seu partido seria de oposição, e que não negava ser amiga do general Golbery, afirmando que ele era um dos principais promotores da abertura, e que se não fosse por ele, Brizola nem estaria no Brasil<sup>184</sup>.

Em seguida, o jornal publicou uma tabela com os nomes da bancada brizolista e as alternativas para eles. Dos 24 componentes, 1 senador e 23 deputados, o jornal afirmou que 6 deveriam ir para o PMDB; 5 seguiriam Brizola em qualquer hipótese, 5 aguardariam a decisão dos líderes trabalhistas na Bahia; 4 ou iriam para o PMDB ou acompanhariam Brizola; 2 defendiam a união de uma frente de esquerda formada por PTB, PMDB e PT; 1 defendia a união com o grupo de Ivete Vargas e 1 deveria seguir para o PP ou acompanhar Brizola.

De acordo com João Trajano Sento-Sé, Brizola, ao rasgar a sigla PTB, afirmou: “eles destruíram o PTB mas não irão nos calar”. Disse também que as principais lideranças políticas do Brasil declararam incredulidade com a decisão da Justiça. Para Sento-Sé, na percepção brizolista, a perda da legenda foi o primeiro golpe sofrido por Brizola no pós-exílio. Trajano Ribeiro, um dos seus principais colaboradores, analisou que o PTB era uma sigla avassaladora nas mãos de Brizola, mas que com outro partido as coisas mudaram: “O PTB vinha com as pessoas e

<sup>183</sup> *O Globo*, “Ivete ganha no TSE sigla do PTB. Brizola chora”, 13 de maio de 1980.

<sup>184</sup> *O Globo*, “Ivete ganha no TSE sigla do PTB. Brizola chora”, 13 de maio de 1980.

com toda a carga histórica que possuía. Tinha um poder de fogo terrível. Sem ele, as pessoas tomavam outro rumo, até pela incerteza sobre o que aconteceria”<sup>185</sup>.

A decisão do TSE em conceder a sigla para Ivete Vargas causou revolta em grande parte da oposição, e também em outros setores sociais, como na classe artística e intelectual. O poeta Carlos Drummond de Andrade, em sua coluna no *Jornal do Brasil*, no dia 15 de maio, publicou o seguinte poema, sob o título “Eu vi”:

Vi um homem chorar porque lhe negam o direito de usar três letras do alfabeto para fins políticos.  
 Vi uma mulher beber champanha(\*) porque lhe deram esse direito negado ao outro. Vi um homem rasgar o papel em que estavam escritas as três letras, que ele tanto amava.  
 Como já vi amantes rasgarem retratos de suas amadas, na impossibilidade de rasgarem as próprias amadas.  
 Vi homicídios que não se praticaram mas que foram autênticos homicídios: o gesto no ar, sem conseqüência, testemunhava a intenção.  
 Vi o poder dos dedos. Mesmo sem puxar o gatilho, mesmo sem gatilho a puxar, eles consumaram a morte em pensamento.  
 Vi a paixão em todas as suas cores. Envolta em diferentes vestes, adornada de complementos distintos, era o mesmo núcleo desesperado, a carne viva; E vi danças festejando a derrota do adversário, e cantos e fogos.  
 Vi o sentido ambíguo de toda festa. Há sempre uma antifesta ao lado, que não se faz sentir, e dói para dentro.  
 A política, vi as impurezas da política recobrando sua pureza teórica. Ou o contrário. Se ela é jogo, como pode ser pura... Se ela visa o bem geral, por que se nutre de combinações e até de fraudes.  
 Vi os discursos...<sup>186</sup>

O poema de Drummond de Andrade retrata como setores da sociedade receberam a notícia da decisão do TSE, e como essa sociedade reconhecia o “amor de Brizola pelo PTB”, conforme o poeta descreve. Ao escrever “vi as impurezas da política recobrando sua pureza teórica”, e “se ela visa o bem geral, porque se nutre de combinações e até de fraudes”, Drummond afirma que Ivete conseguiu a sigla através de arranjos, e até mesmo de fraudes.

Sabe-se que o governo, através do general Golbery, com quem Ivete tinha trânsito fácil<sup>187</sup>, influenciou na decisão do TSE, na busca de enfraquecer politicamente Brizola. Ivete representava menos perigo e menos oposição do que o ex-governador. Além de Sento-Sé, outros historiadores, como Thomas Skidmore, defenderam a influência do governo na decisão da sigla.

<sup>185</sup> SENTO-SÉ, 1999, p. 96.

<sup>186</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. *Eu Vi. Jornal do Brasil*, 15 de maio de 1980. Disponível em: <http://www.pdt.org.br/index.php/brizola-chora-ao-perder-a-sigla-ptb-e-drummond-escreve-eu-vi/>

<sup>187</sup> SENTO-SÉ, 1999, p. 89.

Para esse autor, Brizola tinha “boas credenciais” para obter o direito da sigla, por ter sido “produto político do Rio Grande do Sul, local de nascimento de Getúlio Vargas e do PTB [...]. Mas as autoridades eleitorais, provavelmente por sugestão do governo, concederam a legenda a Ivete Vargas, figura política secundária”. Segundo Skidmore, Ivete era bem relacionada com Golbery, e conceder a sigla a ela foi estratégia do general<sup>188</sup>.

Brizola, ao discursar após a perda da sigla e escrever e rasgar a sigla PTB, demonstrou uma dramaticidade em seu discurso. Segundo Charaudeau, à medida em que as emoções correspondem às representações sociais, elas podem desencadear sensações ou comportamentos que podem ser utilizadas para tentar seduzir, ameaçar, aterrorizar, enfim, atrair um interlocutor ou um auditório<sup>189</sup>.

Para Charaudeau,

Um discurso pode produzir um efeito emocional em um auditório conforme a maneira como se combinam três fatores: (i) a natureza do universo da crença ao qual o discurso remete (vida/morte, acidente, catástrofe, massacre, amor, paixão, etc.). (ii) a encenação discursiva que pode, ela própria, parecer dramática, trágica, humorística ou neutra, (iii) o posicionamento do interlocutor (ou do público) em relação aos universos de crença convocados e o estado de espírito no qual ele se encontra. Desse modo, o sujeito que fala deve saber escolher universos de crenças específicos, tematizá-los de determinada maneira e proceder à determinada encenação, tudo em função do modo como ele imagina seu interlocutor ou seu público e em função do efeito que espera produzir nele<sup>190</sup>.

Em seu discurso, Brizola buscou causar um forte efeito emocional, como procedeu ao longo de toda sua carreira. Nele, fez uso da natureza do discurso, da crença à qual o discurso remete, ao dar ideia da morte da sigla PTB, da catástrofe que isso causaria na história do partido, e da paixão que ele tinha por ela; fez uso ainda da encenação discursiva, ao enfatizar o caráter trágico da decisão do Tribunal, e pela dramaticidade com que ele próprio trata o episódio; e por fim, do posicionamento dos interlocutores e do público, ao afirmar: “eles destruíram o PTB mas não irão nos calar”.

Segundo Leite Filho, “Brizola se engrandecia no episódio. Sua nota contundente, o gesto de rasgar e despedir-se da sigla, as lágrimas, comoveram o

<sup>188</sup> SKIDMORE, 1988, p.428.

<sup>189</sup> CHARAUDEAU, Discurso político, 2015, p. 89.

<sup>190</sup> Ibidem, p. 90.

país”<sup>191</sup>. Leite Filho, porém, estava errado. Brizola saia enfraquecido por perder a sigla para a qual havia elaborado todo um projeto de reinvenção, além de perder diversos deputados e um senador.

Nesse caso, é preciso levar em conta o poder simbólico que a sigla PTB representava. Segundo Pierre Bourdieu,

O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção (sic) sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformadora, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico<sup>192</sup>.

O poder simbólico, portanto, representa um ato central nas relações sociais, em que exerce um poder que só existe se for reconhecido perante aos demais, legitimado e transformador. No caso da perda da sigla PTB, esta representava para Brizola o estímulo necessário para reconstrução de sua força política no pós-exílio. Representava uma sigla que ainda tinha um considerável valor simbólico na memória da população, de um projeto nacionalista-desenvolvimentista, e acima de tudo, trabalhista.

Conforme Sento-Sé, a perda da legenda foi o primeiro golpe sofrido por Brizola no pós-exílio. O PTB liderado por Brizola possuía, em março de 1980, 23 deputados e 1 senador. Após o veredicto do TSE, o PDT ficou com 10 deputados, número que depois caiu para nove, e nenhum senador.

## 2.4 Criação do PDT

No dia 14 de março *O Globo* afirmou que Brizola ficou mais crítico após a perda da sigla, com uma linguagem mais contundente contra o regime. Na entrevista, Brizola citou o PTB apenas uma vez, para dizer que ele tinha morrido. Brizola afirmou que ele e seu grupo tinha sido esbulhados, mas que o mal que

<sup>191</sup> FC LEITE FILHO, 2008, p.387.

<sup>192</sup> BOURDIEU, 2002, p.15.

pensaram em lhes fazer recaia muito menos sobre eles do que sobre o povo brasileiro, “desacreditando o processo de abertura, poluindo o ambiente, aumentando as desconfianças”<sup>193</sup>.

Já no dia 16, o jornal discutiu uma possível aliança do novo grupo de Brizola com o Partido dos Trabalhadores, afirmando que as duas principais propostas que seriam apresentadas no dia seguinte e no domingo para discussão no encontro nacional dos trabalhadores ligados ao ex- governador Leonel Brizola, no Palácio Tiradentes, seriam de uma nova sigla ou fusão com o PT.

No dia 17 de maio, o jornal publica o seguinte editorial, intitulado *O pluritrabalhismo*:

No regime de 1946 o Brasil conheceu vários partidos trabalhistas, mas só o criado por Getúlio Vargas ganharia dimensão e representatividade. [...] Agora, no regime da abertura o fenômeno tende de certa forma a repetir-se. O Partido do metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva surgiu com a pretensão de representar os trabalhadores à margem da classe política e de outras influências consideradas mais ou menos espúrias: estudantes, intelectuais, etc. [...] Leonel Brizola e Ivete Vargas empenharam-se, ao mesmo tempo, em ressuscitar o PTB extinto pela Revolução [...]. Nesta altura, Brizola está alegando que o PTB de Ivete trai a Carta-Testamento, como se houvesse nessa acusação alguma coisa de fulminante. Produzido num momento de trágica e respeitável emoção, existe ali um material de denúncia e uma palavra de ordem sem relação com parâmetros doutrinários ou ideológicos definidos. Transposto para a realidade brasileira de hoje, o seu anacronismo salta os olhos. [...] O quadro, portanto, não favorece a perspectiva de um partido trabalhista no Brasil assentado em bases de autenticidade programática. O PT de Lula nasce de uma visão exclusivista, estreita e em última análise ingênua do terreno político que pretende explorar. Quer ser um partido de classe. O novo PTB Ivetista e o futuro PTB brizolista brigam por patrocínios e lideranças até aqui sem pertinência com os problemas do trabalhismo ou dos trabalhadores. Como se não bastasse, outros setores partidários – sobretudo da oposição, produzem também tentativas de envolvimento desse crescente manancial de votos que é a força do trabalho do País. São políticos que aparecem principalmente nas ocasiões de greve, enquanto pouco ou nada fazem de construtivo quando melhores relações entre o capital e o trabalho podem ser conquistados por meios regulares e pacíficos.<sup>194</sup>

No editorial, podemos utilizar novamente o método de Patrick Charaudeau sobre as estratégias de desqualificação para interpretar o discurso do jornal. O *Globo* criou um discurso em que argumenta sobre as falhas das correntes trabalhistas brasileiras, de modo que busca *desqualificar as ideias* do PTB de Ivete, do “futuro PTB brizolista”, considerando que os dois brigam por patrocínios e lideranças sem pertinência com os problemas dos trabalhadores ou do trabalhismo.

<sup>193</sup> O *Globo*, “Brizola fica mais crítico”, 14 de maio de 1980.

<sup>194</sup> O *Globo*, “O Pluritrahalhismo”, 17 de maio de 1980.

O mesmo faz com o PT de Lula, afirmando que nasce de uma visão estreita e exclusivista.

Do mesmo modo, busca evidenciar as *consequências negativas e a manipulação do adversário*, ao dizer que os trabalhistas estão se aproveitando das greves e dos trabalhadores para cooptar os seus votos, enquanto pouco ou nada fazem a seu favor.

A estratégia do jornal era a de sabotar qualquer partido voltado aos trabalhadores. Para entendermos porque o jornal adotou essa abordagem, devemos pensar no enfrentamento capital x trabalho. Por diversas vezes, *O Globo* escreveu editoriais criticando grevistas e legislações trabalhistas, ao mesmo tempo que defendeu benefícios a grandes empresários, por entender que eles eram responsáveis pela economia brasileira.

No editorial acima, o vimos criticar incentivos à greve, afirmando que as relações podem ser melhoradas por meios pacíficos. Na realidade, sabemos que ao longo da história, direitos trabalhistas não foram obtidos através da benevolência das empresas, mas da luta de trabalhadores.

O discurso continuou nos dias seguintes, em 18 de maio, o jornal publicou uma notícia intitulada *Carisma da sigla contra a força de Brizola*, em que afirma que a sigla PTB sob o comando de Ivete foi chamado de “três letras mortas”, mas eram na verdade “três letras mágicas, capazes de atrair lideranças que não se sentiriam a vontade à sombra do próprio Leonel Brizola”<sup>195</sup>. No dia seguinte, 19, o jornal anunciou que a nova sigla de Brizola e seus seguidores iria se chamar PTD – Partido Trabalhista Democrático (nome dado ao partido provisoriamente e que foi logo alterado para PDT – Partido Democrático Trabalhista)<sup>196</sup>.

Assim, o jornal seguiu noticiando a perda de deputados do novo partido de Brizola, prevendo uma “debandada” para o PTB de Ivete. No dia 20 publicou “Grupo brizolista perde seis deputados federais”, afirmando que apenas um dia após a criação do PTD, o grupo de Brizola havia perdido o senador Leite Chaves e mais seis deputados federais, pois os deputados alegaram falta de espaço. Na mesma matéria, *O Globo* traz declarações de Ivete Vargas em que ela promete impugnar o

---

<sup>195</sup> *O Globo*, “Carisma da sigla contra a força de Brizola, 18 de maio de 1980”.

<sup>196</sup> *O Globo*, “Partido Trabalhista Democrático vai reunir seguidores de Brizola”, 19 de maio de 1980.

PTD e processar Brizola, pelas declarações do ex-governador de que ele teria documentos que confirmavam o envolvimento do PTB de Ivete com o governo<sup>197</sup>.

No dia seguinte, 21, o periódico publicou uma matéria sob o título “Ivete faz balanço e prevê debandada do PTD”, em que a ex-deputada afirmava que vários congressistas ligados a Brizola deixariam seu novo partido e partiriam para o PTB. Ao longo da notícia, é destacado que o PTB estava ampliando sua bancada, e que o partido de Brizola estaria perdendo ainda mais membros<sup>198</sup>.

Já no dia 27 de maio, *O Globo* publicou a notícia *Brizola lança outra sigla: agora é PDT*, em que escreve que Brizola rasgou no dia anterior (26), a sua segunda sigla, o PTD, invertendo as letras e criando o PDT – Partido Democrático Trabalhista. Para o jornal, a justificativa de Brizola foi de que a sigla anterior era de difícil pronúncia, mas o verdadeiro motivo seria facilitar uma fusão com o PT, pois a sigla PDT poderia também significar Partido Democrático dos Trabalhadores<sup>199</sup>.

Nos dias seguintes, 28 a 31 de maio, o jornal continuou tratando da possível fusão do PDT com o PT, destacando no dia 28 que Lula enviou para Brizola camisetas de metalúrgicos, e afirmando que esse era o primeiro sinal efetivo da aproximação dos dois<sup>200</sup>. Já no dia 30, afirma que Brizola e Lula estariam traçando um plano de ação comum, formando comissões especializadas para examinar as propostas de cada um diante das questões políticas, econômicas e sociais do país<sup>201</sup>.

No dia seguinte, 31, *O Globo* publica o seguinte editorial, intitulado *Sem trabalho*:

BRIZOLA e Lula buscam uma aproximação, depois de começarem separados e até se estranharem. EM PRINCÍPIO, realmente, nada mais lógico do que uma aliança entre trabalhadores e trabalhistas. MAS A POLÍTICA não costuma ficar somente nos considerandos. Em matéria de finalmente, o trabalhismo programático e partidário no Brasil tomou caminhos nem sempre pertinentes com a doutrina ou causa. DE RESTO, o desencontro continua. O trabalhismo de Brizola é o da carta-testamento de Vargas, e o de Lula, o da greve. Só falta o trabalhismo baseado no trabalho<sup>202</sup>

<sup>197</sup> *O Globo*, “Grupo brizolista perde seis deputados”, 20 de maio de 1980.

<sup>198</sup> *O Globo*, “Ivete faz balanço e prevê debandada do PTD”, 21 de maio de 1980.

<sup>199</sup> *O Globo*, “Brizola lança outra sigla: Agora é PDT”, 27 de maio de 1980.

<sup>200</sup> *O Globo*, “Lula envia para Brizola as camisetas dos metalúrgicos”, 28 de maio de 1980.

<sup>201</sup> *O Globo*, “Brizola e Lula estudam plano de ação comum”, 30 de maio de 1980.

<sup>202</sup> *O Globo*, “Sem trabalho”, 31 de maio de 1980.

Percebemos como o jornal continuou a combater a liderança trabalhista de Brizola e, nesse caso, também a de Lula, ao afirmar que Brizola propunha o trabalhismo de Vargas e Lula o da greve, e que só faltava o trabalhismo baseado no trabalho. Ao longo desse período, o jornal o *Globo* investiu no processo de enfraquecimento e desconstrução de Brizola.

Durante o período compreendido neste capítulo, janeiro a maio de 1980, que correspondeu ao pedido de registro dos PTBs de Brizola e Ivete junto ao TSE, até a vitória de Ivete Vargas e a criação do PDT, *O Globo* fez uma extensa cobertura da disputa, mencionando os termos Leonel Brizola, Ivete Vargas e PTB praticamente em todas as edições diárias.

Selecionamos as notícias que seriam analisadas no corpo do texto, de acordo com a relevância no processo pela disputa da sigla, tema deste capítulo. As demais notícias, que não poderiam ser todas citadas por sua grande quantidade, foram analisadas e então contados os principais termos, como Brizola, Ivete, PTB, trabalhismo e trabalhistas. A partir das publicações de maio, também passam a ser contadas a sigla PTD (denominação provisória do novo partido Brizolista) e PDT. O resultado da contagem dos termos mostrou o quanto eles foram citados nesses meses, conforme descrito na tabela abaixo:

Tabela 1 – Número de palavras relacionadas à disputa da sigla PTB no jornal *O Globo* de janeiro a maio de 1980.

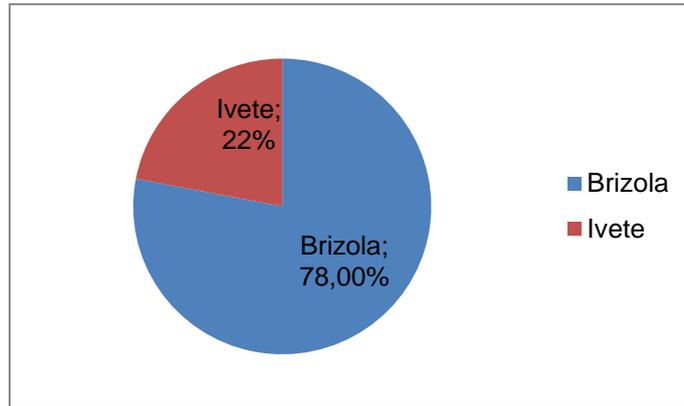
1980	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior
Leonel Brizola/ Brizola	97	161	102	99	543
Ivete Vargas/ Ivete	27	64	80	75	397
PTB/ Partido Trabalhista Brasileiro	169	209	209	138	561
Trabalhismo	6	3	6	3	45
Trabalhistas	23	18	13	27	162
PTD/ Partido Trabalhista Democrático	-	-	-	-	76
PDT/Partido Democrático Trabalhista	-	-	-	-	59

Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de 3 de janeiro a 31 de maio de 1980.

A tabela mostra quantas vezes os nomes acima citados apareceram no jornal *O Globo*, de janeiro a maio, período que abrange desde o pedido do registro dos partidos, no início de janeiro, até maio, quando da decisão do TSE. Podemos observar como o nome Leonel Brizola apareceu em todos os meses por mais vezes que o de Ivete Vargas. Contudo, há um aumento da quantidade de vezes em que aparece o nome Ivete Vargas, e a consequente diminuição da diferença entre os dois progressivamente, de 97 para Brizola a 27 para Ivete, e 161 a 64, respectivamente, em janeiro e fevereiro, para 102 menções ao nome Brizola contra 80 de Ivete em março, seguido por 99 a 75 em abril, e 543 a 397 em maio.

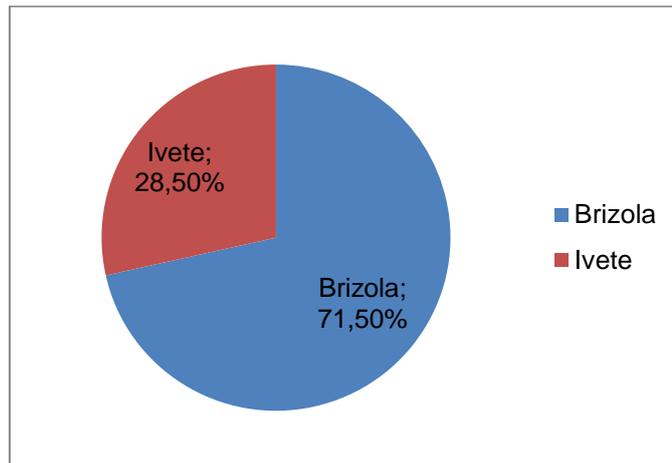
Para melhor ilustrarmos os números, seguem abaixo gráficos que mostram a porcentagem da soma das vezes em que os nomes Leonel Brizola e Ivete Vargas foram mencionados no jornal *O Globo*, no período de janeiro a maio de 1980:

Gráfico 1: Janeiro de 1982.



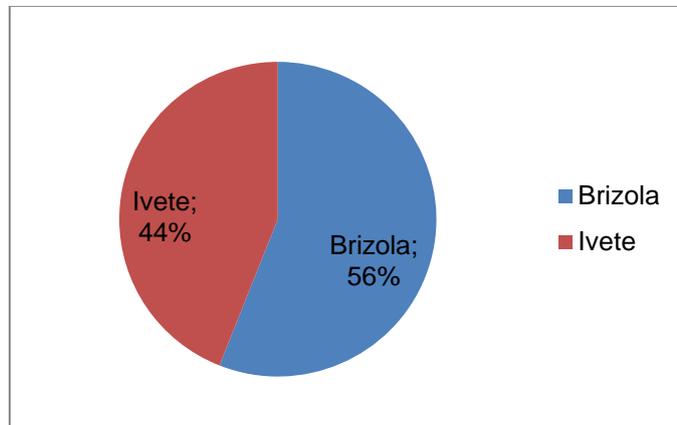
Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de janeiro de 1980.

Gráfico 2: Fevereiro de 1982.



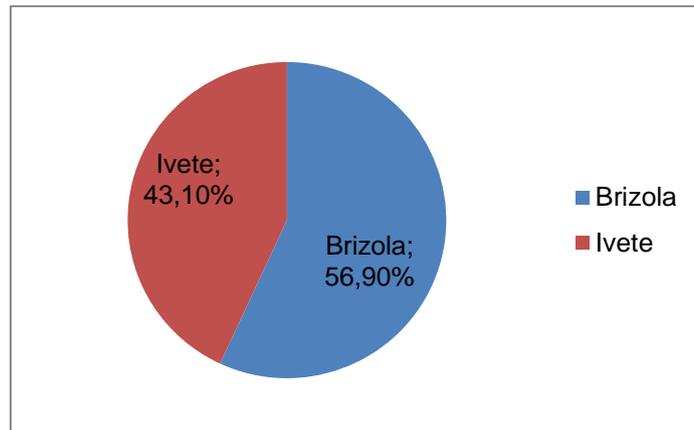
Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de fevereiro de 1980.

Gráfico 3: Março de 1982.



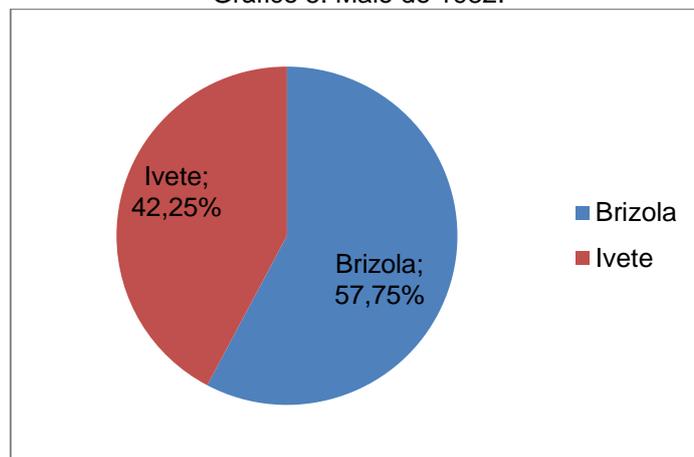
Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* em março de 1980.

Gráfico 4: Abril de 1982.



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de abril de 1980.

Gráfico 5: Maio de 1982.



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de maio de 1980.

A quantidade de vezes que o nome Brizola foi mencionado aumentou 65% de janeiro para fevereiro, diminuiu 36% de fevereiro para março e seguiu com diminuição em abril de 3%. Já em maio, com a disputa judicial chegando próximo à definição, houve um incrível aumento de 448%. Quando consideramos o nome Ivete Vargas, há um aumento de 128% de janeiro para fevereiro, crescendo também de fevereiro para março em 25%, com uma leve queda em abril, de 6,3%. Em maio, o aumento chega a 429%.

Embora o jornal mencione o nome de Brizola mais vezes que o de Ivete, a maioria das notícias sobre o ex-governador foi no sentido de apresentar críticas a ele, trazendo declarações de Ivete e de outros líderes políticos que confirmassem essa posição. Ao fazer mais menções a Brizola, o jornal atuou em um processo de

desconstrução da sua imagem, como pudemos observar nas notícias anteriormente citadas.

Também vimos um forte aumento dos nomes Brizola, Ivete e PTB no mês de maio, quando da decisão do TSE. De 99 (Brizola), 75 (Ivete), e 138 (PTB), no mês de abril, o periódico mencionou no mês de maio: Brizola por 543 vezes, Ivete 397 vezes, e PTB por 561 vezes. De janeiro para fevereiro, há um aumento significativo dos termos, sendo que em março e abril eles permanecem estáveis, aumentando significativamente em maio. Sobre a migração dos parlamentares dos partidos após a reforma partidária, Sento-Sé apresenta a seguinte tabela:

Tabela 2 - Migração de parlamentares dos antigos partidos após a reforma partidária

Afiliações partidárias	Câmara dos Deputados			Senado Federal		
	Arena	MDB	Total	Arena	MDB	Total
Março, 1980						
PDS	201	24	225	36	1	37
PMDB	3	91	94	1	16	17
PP	25	43	68	4	3	7
PTB	1	22	23	0	1	1
PT	0	5	5	0	1	1
Indecisos	1	4	5	1	3	4
Março, 1981						
PDS	191	21	212	34	2	36
PMDB	5	108	113	1	19	20
PP	26	40	66	7	3	10
PDT	0	10	10	0	0	0
PTB	3	2	5	0	0	0
PT	0	6	6	0	0	0
Indecisos	6	2	8	0	1	1
Dez., 1981						
PDS	192	22	214	35	2	37
PMDB	10	111	121	1	19	20
PP	26	41	67	6	3	10
PDT	0	9	9	0	0	0
PTB	3	1	4	0	0	0
PT	0	5	5	0	1	0
Agosto, 1982						
PDS	196	28	224	35	1	36
PMDB	32	136	168	7	20	27
PTB	3	11	14	0	2	2
PDT	0	9	9	0	1	1
PT	0	5	5	0	1	1
Total	231	189	420	42	25	67

Fonte: SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1999, p. 98, apud David Fleischer, op. Cit., em Soares & D'Araújo (Orgs), 1994.

No quadro acima, podemos ter uma ideia do caminho tomado pelos deputados arenistas e emedebistas após a reforma partidária. Em todos os cenários, o PDS foi o partido que mais integrou deputados e senadores, seguido do PMDB, e do PP. No caso PDT-PTB, observamos que o maior número de migrações ocorre para o PDT. Em março de 1981, dez meses após a decisão do TSE, o PDT possuía 10 deputados, todos vindos do MDB, enquanto o PTB possuía 5, três vindos da Arena e dois do MDB. Os dois partidos não possuíam nenhum senador.

Já em dezembro de 1981, o PDT perde um deputado e passa a contar com 9, da mesma maneira o PTB cai de 5 para 4 deputados. Já no ano seguinte, em agosto de 1982, o quadro inverte-se, e o PTB passa a ter 14 deputados (3 da Arena e 11 do MDB), enquanto o PDT permanece com 9. No senado, o PTB conquistou duas cadeiras, contra apenas uma do PDT. Nessa ocasião, os dois partidos permaneceram à frente do PT, que conquistou 5 deputados, todos vindos do MDB, e 1 senador.

A tabela comprova que a grande maioria de deputados e senadores arenistas e emedebistas preferiram continuar nos partidos, agora PDS e PMDB, e que o PTB dividiu-se com a decisão do TSE, sendo que no período imediato à reformulação partidária, o PDT sai com vantagem em relação ao PTB. Apesar de em 1982 o PTB ultrapassá-lo, as eleições para governador e os anos seguintes definiram o PDT como o principal partido trabalhista do país. Viria ainda a competir com o PT, que passou a crescer nos anos que seguiram.

A partir de então, com o PDT, Brizola reiniciou seu projeto trabalhista, no que Sento-Sé denomina de trabalhismo brizolista. Para isso era preciso, além de incorporar os novos temas, principalmente os referentes às minorias introduzidas pela aproximação com a social-democracia, promover um retorno à memória do trabalhismo de 1945-1964, e situar-se como o verdadeiro herdeiro desse trabalhismo.

Cabe, dessa forma, entender como a memória foi utilizada na reformulação do projeto trabalhista, a partir do próprio conceito de memória. Segundo Jacques Le Goff, a memória é a “propriedade de conservar certas informações, propriedade que

se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas”<sup>203</sup>.

No caso trabalhista, a memória que buscaram e tentaram recuperar no processo de abertura deve ser entendida como um trabalho de invenção de uma tradição, uma reinvenção da tradição trabalhista. Por tradição inventada, segundo Eric Hobsbawn, entende-se um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, em que tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado<sup>204</sup>.

Portanto, a memória que os trabalhistas buscavam, e que Brizola e os brizolistas divulgaram exaustivamente ao longo dos anos 1980 é entendida por Sento-Sé, e também neste trabalho, como um discurso de reinvenção do trabalhismo, aproveitando-se do fato de que o ele nunca foi formalizado como uma doutrina política ou mesmo como ideologia articulada<sup>205</sup>.

Além de Sento-Sé, outros autores também utilizam a expressão “do trabalhismo ao brizolismo”, para explicar o processo de reinvenção do trabalhismo sob o comando de Brizola no pós-1979. É o caso de Ronaldo Vainfas, que utiliza o conceito de socialismo moreno para explicar esse processo. Para esse autor, o discurso político de Brizola permaneceu basicamente o mesmo da Carta de Lisboa, sintetizado na ideia desse socialismo moreno, um socialismo à brasileira, termo criado por Darcy Ribeiro na campanha estadual de 1982<sup>206</sup>.

O socialismo moreno, como dito anteriormente, deveria ser a expressão de “nosso povo”, e seu princípio programático fundamental era a proposta de unir justiça social com democracia e liberdade. Além da defesa das minorias e dos oprimidos, o novo projeto brizolista deveria passar pelo fortalecimento da educação fundamental, com base nos Centros Integrados de Educação Pública, os CIEPs (a experiência mais bem sucedida dos governos de Brizola em Porto Alegre como prefeito, e no Rio Grande do Sul como governador)<sup>207</sup>.

Esse foi o principal diferencial em relação aos outros partidos de oposição na reformulação partidária. Enquanto o PMDB possuía o discurso de transição e fortalecimento da democracia, o PT de amparo aos trabalhadores, e o PTB de Ivete

<sup>203</sup> SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

<sup>204</sup> SENTO-SÉ, 1999, p.99.

<sup>205</sup> Ibidem, p.100.

<sup>206</sup> VAINFAS, 2007, p.497.

<sup>207</sup> VAINFAS, 2007, p.497.

de uma vaga retomada do trabalhismo de Getúlio Vargas, o PDT firmou-se como um partido das minorias, comprometido primeiramente com a educação.

Ainda em relação à ideia de socialismo moreno, ou socialismo à brasileira, é necessário afirmar que o novo partido tinha como ênfase o caráter não-classista, devendo ser um partido de esquerda não marxista. Na questão econômica, deveria, se alcançasse o objetivo de conquistar o poder federal, recuperar a ênfase na proteção das riquezas nacionais e na vocação do Estado como agente dinamizador da atividade produtiva.<sup>208</sup>

Essas bandeiras eram retomadas como próprias do trabalhismo de 1945-1964, “mediante um discurso que associava todo o período da República de 1945 a uma suposta ascendência do trabalhismo da chamada Era Vargas nos processos decisórios de então”<sup>209</sup>.

Tanto em relação à defesa dos excluídos de todos os matizes quanto à promoção e defesa da riqueza nacional, a figura de Getúlio Vargas funcionava como referência fundamental. Tratava-se, ao recuperar a tradição trabalhista, de reatualizar o mito, o estadista, o fundador do partido e seu principal líder histórico. O legado trabalhista personificado na figura de Brizola fazia-o, ao mesmo tempo, o sucessor do herói fundador dessa tradição e o novo condutor da corrente que, organizada partidariamente, retomaria a obra imorredoura de Vargas, interrompida pelo golpe militar, mas mantida viva na memória popular. Essa memória deveria ser reativada com pujança maior, de modo a atingir a sua realização virtuosa na nova democracia que estava por vir.<sup>210</sup>

Foi dessa forma que se buscou reinventar a tradição brizolista, a partir da memória de trabalhistas que tiveram em Vargas e em Jango seus principais referenciais políticos. Pretendia-se, por meio do que conceituamos como tradição inventada (noção de Hobsbawn), retomar o projeto trabalhista sob o comando de Brizola. Entretanto, os trabalhistas deveriam aceitar as reformulações e diferenças do novo projeto, que incluiu aspectos ligados à social-democracia, principalmente à questão das minorias.

O socialismo brizolista deveria, portanto, ser atrelado à questão democrática e ao fortalecimento das instituições representativas, sendo a ação do Estado responsável por humanizar as relações capitalistas no interior da sociedade

---

<sup>208</sup> SENTO-SÉ, 2007, p. 437.

<sup>209</sup> SENTO-SÉ, 2007, p. 438.

<sup>210</sup> Ibidem, p. 438.

brasileira<sup>211</sup>. A opção pela democracia é a principal diferença do socialismo moreno, proposto pelo grupo liderado por Brizola em relação a um socialismo atrelado aos ideias marxistas. A rejeição da abolição da propriedade privada e a recusa à revolução armada para chegar ao poder ainda são características que diferenciam os dois modelos.

Neste capítulo, analisamos o processo de disputa da sigla PTB entre Brizola e Ivete Vargas e a criação do PDT, por meio da análise das publicações de janeiro a maio de 1980 do jornal, sobre o tema em questão. Podemos observar como o jornal se posicionou de modo favorável a Ivete Vargas, criando notícias, editoriais e trazendo a opinião crítica de outros políticos a Brizola.

Na análise de dados, vimos que o jornal mencionou em maior quantidade o nome de Brizola em comparação ao de Ivete. No entanto, a maioria das notícias sobre Brizola tinham o caráter de crítica, como mostramos no decorrer do capítulo e verificamos a partir da análise de discurso, com base na obra de Patrick Charaudeau.

No capítulo seguinte, veremos como foi a trajetória de Brizola na campanha e eleição a governador do Rio de Janeiro e como o jornal *O Globo* informou esse processo aos seus leitores.

---

<sup>211</sup> SENTO-SÉ, 1999, p. 187.

### 3. O GLOBO SURPREENDIDO: BRIZOLA GOVERNADOR

O terceiro capítulo dessa dissertação objetiva compreender o discurso do jornal *O Globo* sobre o próximo passo de Leonel Brizola após a criação do PDT: eleger-se governador do Rio de Janeiro, seu novo território político após o exílio.

#### 3.1 Eleições de 1982: voto vinculado e defesa de *O Globo* ao “tripartidarismo”

Em 1982 o eleitor votou para governadores, senadores, deputados federais, deputados estaduais, vereadores e, em algumas cidades, prefeitos. Ainda em 1981, o governo criou o chamado “pacote de novembro”, que estabeleceu o voto vinculado, em que o eleitor ficava obrigado a votar para todos os cargos em candidatos do mesmo partido, sob pena de ter o voto anulado. Ao mesmo tempo, os partidos eram obrigados a lançar candidatos a todos os cargos<sup>212</sup>.

Essa medida, segundo Sento-Sé, buscou beneficiar o PDS, visto que os partidos recém-criados, como o PDT, PTB, PT e PP, foram colocados em uma posição difícil, pois não possuíam estrutura suficiente para lançar candidatos a todos os cargos. Apenas o PDS e o PMDB, por terem todo o quadro dos extintos Arena e MDB dispunham de condições para cumprir com a vinculação. Em resposta à medida, o PP incorporou-se ao PMDB em fevereiro de 1982<sup>213</sup>.

O jornal *O Globo* mostrou-se favorável à vinculação, criticando os partidos de oposição por fazerem uso de uma “retórica exagerada”. Em 12 de dezembro de 1981, em editorial intitulado *Tripartidarismo*, o jornal defendeu que existissem no país apenas três partidos: o PDS, o PMDB, e uma fusão dos três partidos trabalhistas, o PDT, o PTB e o PT:

E POR QUE não? Considerando que cada partido, por mais inflexível que seja a sua estrutura, sempre haverá de abrigar radicais de dois matizes e moderados, não será este um número suficiente para abrigar todas as tendências viáveis do espectro político, desprezando-se apenas as legendas personalistas ou eventuais? Durante quase 20 anos – no período em que o regime, com todos os seus defeitos, nunca deixou de ser

---

<sup>212</sup> SENTO-SÉ, 1999, p. 217.

<sup>213</sup> Ibidem, p.217.

essencialmente democrático, a política brasileira esteve organizada triangularmente – com os vértices no PSD, na UDN e no PTB; os pequenos partidos pouca marca deixaram.[...] SE A VINCULAÇÃO do voto é benéfica para o governo, não se ignora que, em diversos Estados, ele condena o PDS a derrotas fragorosas; e nenhum analista afirma que a inovação garantirá sólida maioria para o PDS na próxima legislatura. [...] Mas a longo prazo, o quadro é nítido: caminhamos para o tripartidarismo, e tudo o recomenda como uma maneira estável e autêntica de agrupar a classe política brasileira<sup>214</sup>.

O *Globo* buscava, dessa forma, atribuir aos partidos de oposição ao governo, com exceção do PMDB, as mesmas características, por se tratarem de partidos trabalhistas, e assim, na visão do jornal, deveriam se unir em apenas um. Em diversos momentos, no período 1980 a 1982, O *Globo* não atribuiu aos partidos recém-criados nenhuma importância, afirmando que a disputa de cargos seguiria entre PDS e PMDB, sendo PTB, PDT e PT, para o periódico, partidos pequenos e na teoria semelhantes.

Porém, analisando os programas dos partidos, podemos identificar diferenças que legitimam o direito de sua existência. O PTB, sob o comando de Ivete Vargas, se definiu como um partido de essência democrática, arraigado na doutrina trabalhista, com participação do povo trabalhador no governo. A essência do programa do partido é a causa do trabalhador, do direito à propriedade, da intervenção do estado na economia<sup>215</sup>.

O PDT, sob o comando de Brizola, defendeu, como vimos anteriormente, as minorias (povos indígenas, negros, mulheres e trabalhadores do Nordeste). Inspirado na social-democracia, defendia profundas reformas no sistema econômico, com ênfase na reforma agrária. Obviamente, representou o trabalhismo, intitulado de trabalhismo democrático, que em seu programa afirmava que a propriedade, o capital, e todos os meios de produção têm uma função social, e nesse sentido o trabalhismo proposto pelo PDT deveria promover a “diversificação e democratização das relações produtivas na direção do socialismo, de modo que diversas formas de gestão e propriedade social dos meios de produção possam ser incorporados, crescentemente, à vida econômica brasileira”<sup>216</sup>

Essa é a principal diferença entre o programa do PDT em comparação ao PTB. Enquanto o PDT acredita que a propriedade e os meios de produção em geral

<sup>214</sup> O *Globo*, *Tripartidarismo*, 12 de dezembro de 1981.

<sup>215</sup> CHACON, 1985, p.658.

<sup>216</sup> CHACON, 1985, p. 679.

deveriam levar a um caminho que chegasse ao socialismo, o PTB não pregava qualquer tipo de alteração no sistema econômico vigente. Embora o socialismo do PDT seja aqui representado na ideia do socialismo moreno, um socialismo adequado à realidade brasileira, isso representou uma grande diferença entre as duas propostas.

O PT, por sua vez, diferenciava-se do PDT e do PTB ao apresentar um programa que pregava um combate imediato ao sistema capitalista, e a construção de um sistema “que responda aos interesses dos trabalhadores e dos demais setores explorados pelo capitalismo”. O partido defendia o direito à greve e a criação de sindicatos independentes do poder público, e uma sociedade em que não houvessem explorados nem exploradores<sup>217</sup>.

Vimos, portanto, como os três partidos possuíam especificidades e objetivos diferentes. *O Globo*, ao afirmar que o tripartidarismo agruparia a classe política brasileira, desconsiderou essas diferenças. Vale lembrar que o sistema político-partidário citado pelo jornal encontrava-se, em 1964, desestabilizado e com profundos problemas.

No dia 2 de março de 1982, o Tribunal Superior Eleitoral aprovou a incorporação do PP ao PMDB, uma resposta dos partidos à lei da vinculação. *O Globo*, acompanhando o discurso do governo, se mostrou contrário à medida, em editorial do dia 4 de março, intitulado *Legalidade sem conveniência*:

Parece evidente, por exemplo, que o ato suicida do PP não apenas desfalcou de uma peça importante o sistema pluripartidário, sobretudo por privá-lo de uma base de moderação oposicionista, mas ainda vai privar a transição institucional e o País (sic) de participação de maior valia. [...] EM CONTRAPARTIDA, o PDS conquista filiações marcantes como a dos deputados Magalhães Pinto e Marcondes Gadelha, a partir das quais fortalecerá inclusive as suas potencialidades de liderança e mobilizações eleitorais para a disputa de novembro<sup>218</sup>.

Brizola, por sua vez, foi lançado oficialmente como candidato ao governo do estado do Rio de Janeiro no dia 15 de março de 1982. Já haviam sido lançadas as candidaturas de Miro Teixeira<sup>219</sup> pelo PMDB<sup>220</sup>, Sandra Cavalcanti<sup>221</sup> pelo PTB, e

<sup>217</sup> CHACON, 1985, p. 694.

<sup>218</sup> *O Globo*, *Legalidade sem conveniência*, 04 de março de 1982.

<sup>219</sup> Miro Teixeira é formado em direito, elegeu-se deputado pela primeira vez em 1970 pelo MDB do estado da Guanabara. Reelegeu-se deputado em 1974 e 1978, e novamente em 1986, 1990, 1994, 1998, 2002 e 2006, 2010 e 2014. Foi ministro das Comunicações de 2003 a 2004 durante o governo

Lysâneas Maciel<sup>222</sup> pelo PT. No PDS houve, inicialmente, a candidatura de Emílio Ibrahim, que com péssimos números nas pesquisas eleitorais desistiu e cedeu lugar a Wellington Moreira Franco<sup>223</sup>, que assumiu a candidatura em junho de 1982.

### 3.2 Pesquisas eleitorais

As pesquisas eleitorais para o governo do Rio de Janeiro começaram ainda em 1981, com Sandra Cavalcanti (PTB) e Miro Teixeira (PMDB) ocupando as primeiras posições. Em 22 de novembro de 1981, *O Globo* divulgou a evolução dos candidatos ao longo do ano, representada na tabela abaixo:

Tabela 3- Evolução dos candidatos nas pesquisas de 1981 segundo *O Globo*

Candidatos	Primeiro Trimestre (%)	Segundo Trimestre (%)	Terceiro Trimestre (%)	Novembro (%)
Miro Teixeira (PP)	8.9	15.0	16.9	23.2
Sandra Cavalcanti (PTB)	32.6	32.0	28.9	20.8
Roberto Saturnino (PMDB)	6.1	4.1	6.4	7.7
Leonel Brizola (PDT)	7.6	4.9	5.1	7.3
Moreira Franco (PDS)	3.2	4.2	5.2	4.3
Indefinidos	41.6	39.9	37.5	36.7

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados do jornal *O Globo* de 22 de novembro de 1981.

---

Lula, passou pelos partidos MDB, PP, PMDB, PDT, PROS e atualmente está na REDE, onde exerce seu 11º mandato de deputado federal.

<sup>220</sup> Miro Teixeira era candidato pelo PP e com a incorporação tornou-se o candidato peemedebista.

<sup>221</sup> Sandra Cavalcanti é formada em Letras pela PUC, e atuou em diversos veículos de imprensa. Foi eleita vereadora em 1954, e deputada estadual em 1960, pelo estado da Guanabara. Voltou ao cargo de deputada estadual em 1975 e 1987. Ao longo de sua carreira, passou pelos partidos: UDN, ARENA, PTB, PDR, PFL, PPR e PPB.

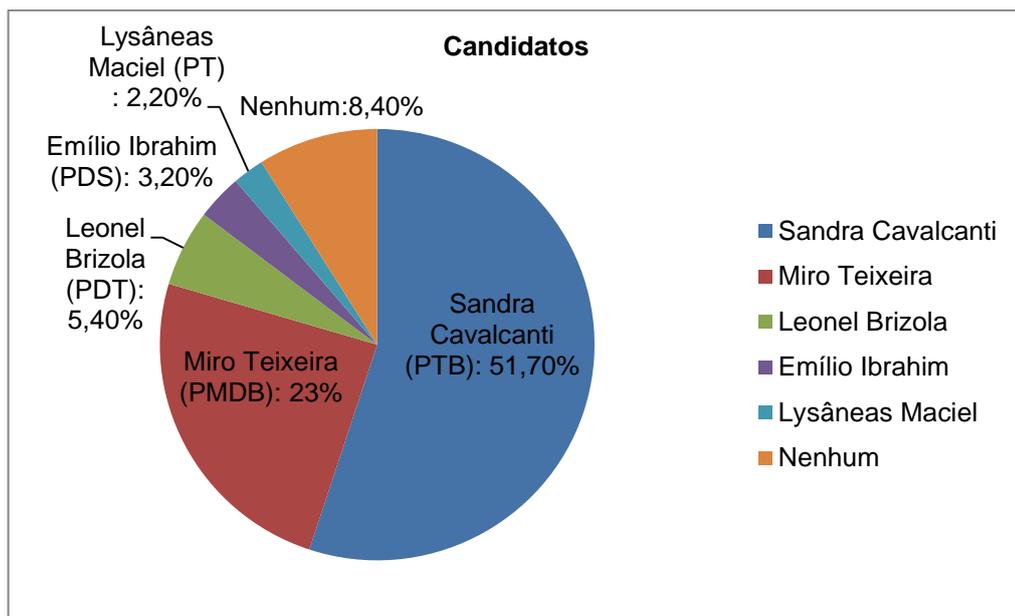
<sup>222</sup> Lysâneas Maciel formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Brasil. Elegeu-se deputado federal pelo MDB da Guanabara em 1970 e 1974. Em 1976, teve seu mandato cassado pelo regime militar e partiu para o exílio na Suíça, retornando em 1978. Elegeu-se deputado federal pelo PDT em 1987, e em 1996, elegeu-se vereador do Rio de Janeiro. Veio a falecer em 1999, decorrente de um câncer de estômago.

<sup>223</sup> Wellington Moreira Franco formou-se em Sociologia em pela PUC-RJ. Foi deputado federal em 1975 pelo MDB, prefeito de Niterói de 1977 a 1982, sendo que em 1979 trocou o MDB pelo PDS, retornando ao PMDB e elegendo-se governador do Rio de Janeiro em 1986, deputado federal em 1994 e 2003. Atualmente é ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República, nomeado pelo presidente Michel Temer.

Na tabela, podemos analisar a enorme vantagem que Sandra Cavalcanti possuía nos primeiros trimestres, e sua queda no mês de novembro. Segundo o jornal, a queda da candidata petebista ocorreu por dois motivos: o primeiro é o fato dela ser a primeira a lançar-se como candidata e iniciar a campanha; e o segundo uma denúncia de parlamentares, na Assembleia Legislativa, de que Sandra tinha usado o Serviço Nacional de Informações (SNI) para ameaçar seus colegas<sup>224</sup>.

Já em de março de 1982, em pesquisa realizada pelo Ibope e publicada no *Jornal do Brasil* no dia 14 daquele mês, Sandra retomou a primeira posição e apareceu bem à frente dos outros candidatos. A pesquisa apontava ainda a preferência dos eleitores em relação aos partidos<sup>225</sup>:

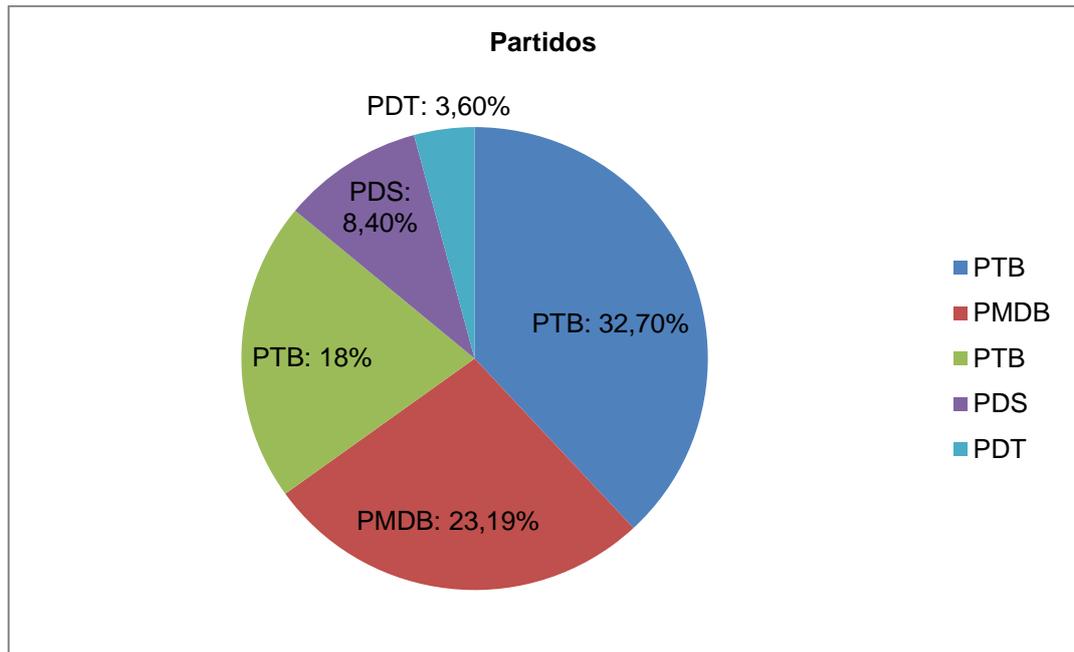
Gráfico 6: Pesquisa Eleitoral publicada pelo *Jornal do Brasil* em 14 de março de 1982:



Fonte: Elaboração do autor com base em: SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1999, p. 219.

<sup>224</sup> *O Globo*, Pesquisa mostra ascensão de Miro, que já lidera preferência popular, 22 de novembro de 1981.

<sup>225</sup> Sento-Sé, 1999, p.219.

Gráfico 7: Pesquisa eleitoral publicada pelo *Jornal do Brasil* em 14 de março de 1982:

Fonte: Elaboração do autor com base em SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1999, p. 219.

Nos gráficos acima, podemos analisar como já no ano da eleição, a candidatura de Sandra apresentava altos índices de aprovação, com um percentual bem acima dos demais candidatos. Logo, porém, Sandra começou a cair nas pesquisas, e na eleição, em novembro, foi apenas a quarta colocada. Segundo Sento-Sé,

A força da candidatura de Sandra estava nela própria e em sua imagem, mais do que na recentemente tão disputada sigla. Podemos entender tal fenômeno de duas maneiras: 1) o poder da sigla do PTB fora superestimado e não era tão fundamental atrair votos como supunham aqueles que por ela haviam brigado; 2) a figura de Sandra não era vinculada à sigla. Sendo assim, apenas uma parte dos votos potenciais do PTB ao de fato para o partido, enquanto que os demais votos se dispersavam por outros (PDT, PMDB e, quem sabe, PT).<sup>226</sup>

Sandra Cavalcanti não conseguiu vincular sua imagem à sigla PTB por não possuir a liderança entre os trabalhadores que a sigla requeria. Nos outros partidos haviam líderes como Brizola e Miro Teixeira que conseguiam potencializar seu discurso à sigla que representava, exatamente o que Sandra não conseguiu fazer.

O jornal *O Globo*, no entanto, não faz nenhuma menção à pesquisa em que Sandra apareceu com enorme vantagem, e continua a citar o nome de Miro Teixeira com ampla vantagem em relação aos demais. A estratégia do jornal atou no sentido

<sup>226</sup> SENTO-SÉ, 1999, p.220.

de publicar apenas as pesquisas que indicavam aumento do candidato Miro Teixeira, e posteriormente de Moreira Franco (PDS), quando este decidiu se candidatar.

Segundo Patrick Charaudeau, é difícil analisar os efeitos da interferência da mídia no campo político, uma vez que é difícil medir a natureza e a importância das relações de influência entre as mídias e a opinião. O linguista diz que, portanto, devemos começar por verificar quem informa, com quais intenções e procedimentos<sup>227</sup>.

Charaudeau também afirma que para que haja manipulação por parte da mídia, é preciso que alguém tenha a intenção de fazer crer a outro alguém alguma coisa (que não é necessariamente verdadeira), na intenção de fazê-lo pensar ou agir em um sentido que traga benefício ao primeiro, inserindo-o no jogo sem que perceba:

Toda manipulação se acompanha então de uma enganação cuja vítima é o manipulado. Ora, não se pode dizer que as coisas acontecem exatamente assim entre as mídias e os cidadãos. Não se pode dizer que os primeiros tenham vontade de enganar os demais, nem que estes engulam todas as informações que lhes são dadas sem nenhum espírito crítico. A coisa é bem mais sutil, e diremos, para encurtar, que as mídias manipulam de uma maneira que nem sempre é proposital, ao se automanipularem e, muitas vezes, são elas próprias as vítimas de manipulações de instâncias exteriores<sup>228</sup>. [...] É claro que as mídias nos impõe suas escolhas dos acontecimentos. Não é, como dizem, porque elas tornem visível o invisível, mas porque só tornam visível aquele visível que decidiram nos exibir, e esse visível não é necessariamente igual àquele que o cidadão espera ou deseja: agenda midiática, agenda política e agenda cidadã não são sempre as mesmas. É preciso ter em mente que as mídias informam deformando, mas é preciso destacar, para evitar fazer do jornalista um bode expiatório, que essa deformação não é necessariamente proposital. Mais uma vez, é a máquina de informar que está em causa, por ser ao mesmo tempo poderosa e frágil, agente manipulador e paciente manipulado<sup>229</sup>.

Podemos entender a partir das considerações de Charaudeau que a mídia pode manipular os espectadores, mas esse não é um ato em que não existe resistência. Não é verdadeiro afirmar que os leitores acreditam cegamente no que a mídia diz, pois não são apenas receptores sem pensamento crítico. Acontece, no entanto, que na posição de leitor, podemos nos habituar a compreender os acontecimentos da maneira como as mídias o fazem.

---

<sup>227</sup> CHARAUDEAU, Discurso Político, 2015, p. 280.

<sup>228</sup> Idem, p. 252.

<sup>229</sup> Ibidem, p. 253.

É importante, ainda, ressaltar a explicação de Charaudeau sobre as mídias se automanipularem. É evidente que, no caso do jornal *O Globo*, há uma intenção, um desejo de vitória no pleito eleitoral de determinado grupo político. Ocorre, no entanto, que essa motivação tem respaldo na intenção do governo federal e estadual. Primeiramente, o jornal apoiou a candidatura de Miro Teixeira pela continuidade do governo de Chagas Freitas, e porque o próprio candidato do PDS no momento, Emílio Ibrahim, apresentava baixas chances de vitória no pleito.

Logo, com a troca de Ibrahim por Moreira Franco, e pela própria crise interna no PMDB fluminense, *O Globo* passou a apoiar Moreira Franco em sintonia com o governo federal, e por não aceitar que candidatos como Brizola, que representava uma mudança na estrutura política do estado, pudessem ocupar o governo. Como Charaudeau afirmou, considerando que as mídias podem ser vítimas de instâncias exteriores, podemos entender *O Globo* como um agente de comunicação alinhado com o governo federal, que não admitia a volta do trabalhismo no país.

Até a candidatura de Moreira Franco, *O Globo* apoiou o candidato do PMDB, Miro Teixeira, fazendo um número de matérias sobre sua candidatura muito maior em relação aos demais, como veremos nas tabelas. A troca de candidato do PDS ocorreu, inclusive, por iniciativa da imprensa ligada ao governo, que acreditava que Ibrahim não teria chances de vencer, e depositava maior confiança em Moreira Franco.

A questão em si é que *O Globo* se mostrou, desde a reforma partidária, contrário à volta do trabalhismo. Em editorial de 17 de abril de 1982, intitulado *Pluritrabalhismo*, o jornal tornou a manifestar sua posição em relação aos partidos trabalhistas:

COM TRÊS pequenos partidos ditos trabalhistas num total de cinco legendas apenas, o pluripartidarismo brasileiro resultou numa composição evidentemente desarmônica. MASSA trabalhadora no País não falta para representar. Mas será que existe tantas ideias e ideologias trabalhistas disponíveis? OU DESEMPREGADAS?<sup>230</sup>.

Assim, o jornal voltou a defender que os três partidos deveriam se fundir em apenas um. Como afirmado no capítulo anterior, a questão é o enfrentamento entre capital e trabalho na visão do jornal. *O Globo* acreditava que os três partidos

---

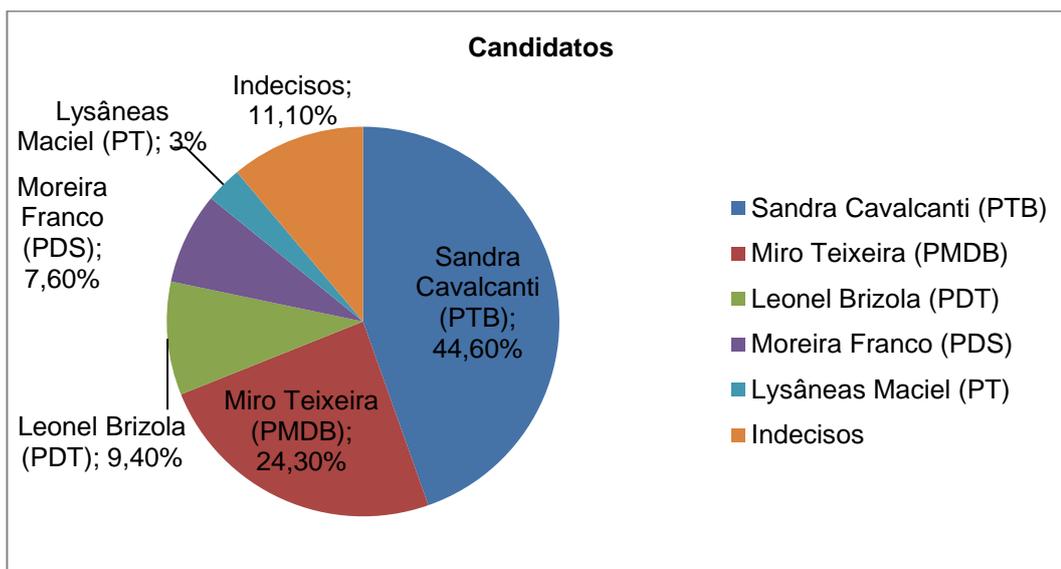
<sup>230</sup> *O Globo, Pluritrabalhismo*, 17 de abril de 1982.

trabalhistas atrairiam uma grande quantidade de trabalhadores para realizar manifestações e greves, em especial o PDT e o PT, centrado nas lideranças de Brizola e Lula da Silva.

As eleições de 1982 foram importantes, pois representavam a volta dos eleitores às urnas para escolherem seus governadores após quase 17 anos. No início da campanha e das pesquisas eleitorais, despontaram as candidaturas de Miro Teixeira (PMDB) e Sandra Cavalcanti (PTB).

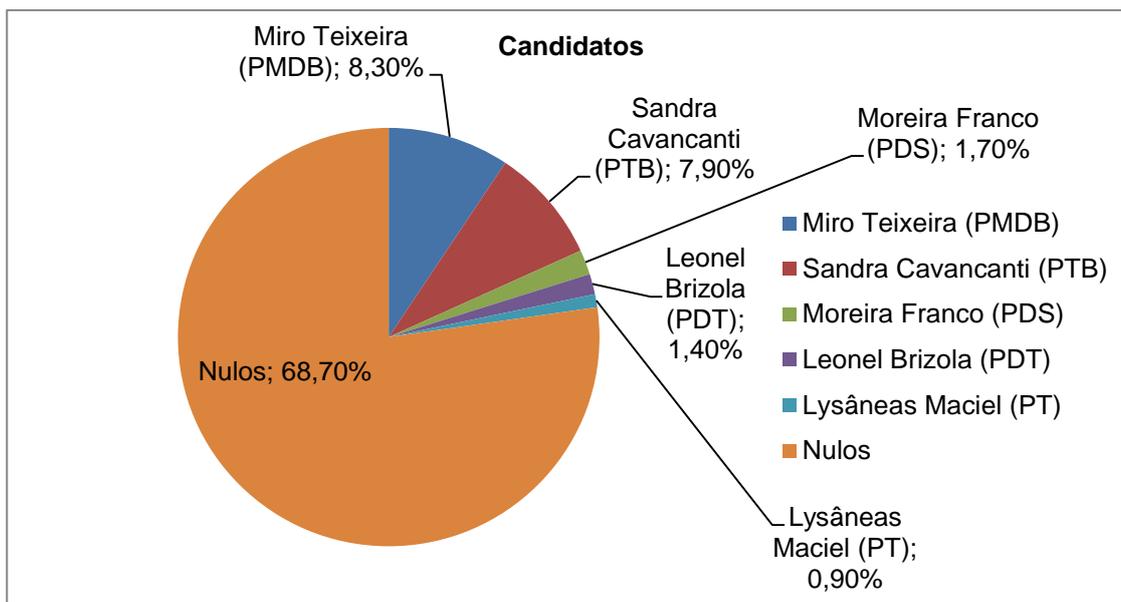
No dia 19 de junho, após optar por não divulgar a pesquisa de março em que Sandra apareceu bem à frente dos demais candidatos, o jornal publicou sob o título de *Sandra mantém liderança, mas está caindo* a última pesquisa do Ibope, realizada entre os dias 16 e 19 de junho:

Gráfico 8: Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal *O Globo* de 19 de junho de 1982:



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de 19 de junho de 1982.

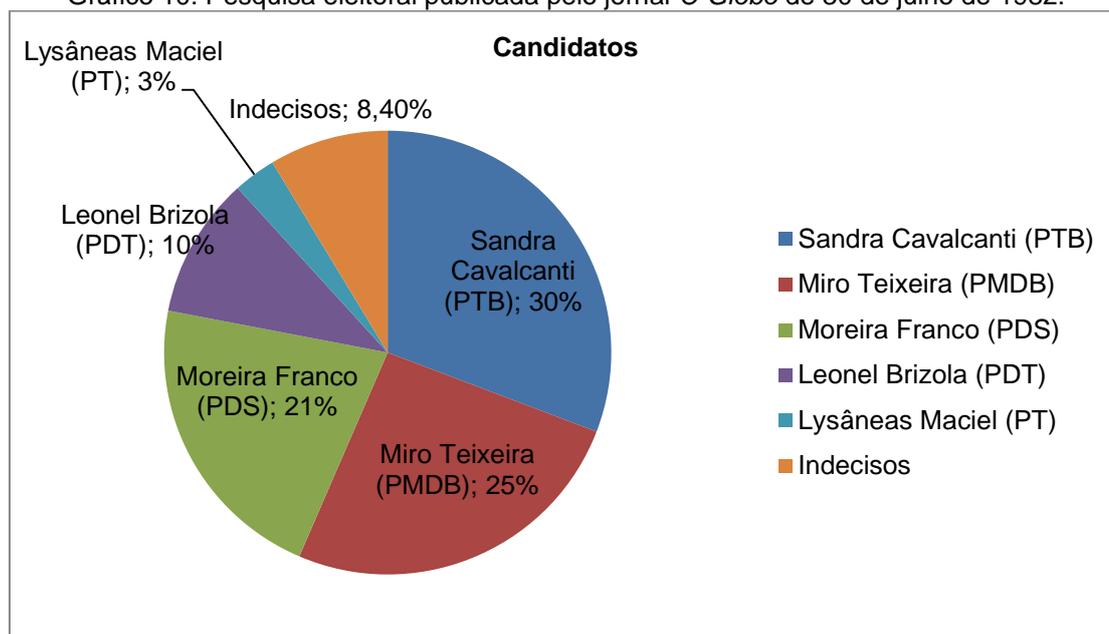
Já em junho, a candidatura de Sandra Cavalcanti continuava forte, visto a indefinição do candidato do PDS e o fato de a campanha de Brizola estar ainda no início. Na pesquisa com o voto vinculado, porém, o cenário mudou completamente:

Gráfico 9: Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal *O Globo* de 19 de junho de 1982:

Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de 19 de junho de 1982.

Na pesquisa com o voto vinculado, percebemos a enorme quantidade de votos nulos. Isso demonstrou que o eleitor não estava planejando votar pelo partido, mas pelo candidato. O candidato do PMDB, Miro Teixeira, que apareceu em segundo lugar, firmou-se como o principal nome após a queda de Sandra nas pesquisas. Além dos motivos já mencionados para a queda de Sandra, a imprensa também questionava sua capacidade política e de seu partido, o PTB.

Em 30 de julho, *O Globo* publicou a seguinte pesquisa, em que Sandra, apesar de continuar na liderança, apresentou queda nas intenções de voto, ao mesmo tempo que aumentaram os números de Miro Teixeira e de Moreira Franco, enquanto Brizola e Lysâneas ainda permaneciam estáveis:

Gráfico 10: Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal *O Globo* de 30 de julho de 1982:

Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo*, de 30 de julho de 1982.

Na mesma matéria, o jornal divulgou números de uma pesquisa realizada na semana anterior, em que Sandra obteve 30,1%; Miro 21,7%; Moreira 21,1%; Brizola 10,7%; Lysâneas 2,8%; e os indecisos somaram 13,6%. Percebemos como o jornal *O Globo* optou por divulgar as pesquisas que apresentavam queda de Sandra e aumento de Miro Teixeira e Moreira Franco. Na pesquisa vista acima, os próprios títulos das matérias (*Sandra mantém liderança, mas está caindo*, e *Sandra Lidera e Miro cresce nas pesquisas*) demonstraram a intenção do jornal de buscar criar no leitor a ideia de queda de Sandra e ascensão de Miro e Moreira.

Em 3 de agosto, *O Globo* trouxe cobertura de um debate realizado no dia anterior, no programa *O Povo na TV*, transmitido pela TVS, atual SBT. O jornal apresentou uma síntese das ideias dos candidatos. Sandra Cavalcanti afirmou que sua candidatura era apoiada pela maioria do eleitorado, que o Estado do Rio passava por uma grave crise e que qualquer tentativa de seguir com o atual governo seria um desastre<sup>231</sup>.

Brizola, ao corrigir o erro do apresentador do debate, que disse que o candidato pedetista pertencia ao PTB, afirmou que era o “candidato do velho, do autêntico, do verdadeiro PTB, o PTB do velho Vargas”. Ao referir-se à situação do Rio, Brizola diz: “Afinal, quem é o chamado candidato da Revolução? Ninguém. O

<sup>231</sup> *O Globo*, *Candidatos falam 5 horas e meia e pedem novo debate*, 03 de agosto de 1982.

senhor Moreira Franco não confirma isso. O senhor Moreira Franco se diz da oposição. Enfim, onde está a revolução?”<sup>232</sup>

Lysâneas Maciel, candidato do PT, iniciou seu discurso lembrando que “o golpe militar de 1964 foi o grande responsável por essa noite escura que o Brasil vive”, e que o PT “não é o partido dos empresários, do general Golbery e das forças militares”<sup>233</sup>.

Miro Teixeira argumentou que o PMDB era o único partido com condições de vencer, e respondeu à Brizola afirmando que havia “dois candidatos da Revolução, Sandra Cavalcanti e Moreira Franco”. Último a falar, Moreira Franco disse que acreditava na proposta do então presidente Figueiredo de redemocratizar o país, e que fora convidado “a marchar com ele neste processo de redemocratização”<sup>234</sup>.

Analisando as falas dos candidatos, percebemos como cada um elaborou seu discurso baseado em algumas premissas. Sandra, em aproveitar-se da liderança nas pesquisas para se intitular como favorita na disputa, além de oposição ao governo do PMDB no Rio de Janeiro. Brizola descrevia a si mesmo como o verdadeiro líder trabalhista, herdeiro do legado getulista. Ao questionar o candidato Moreira Franco, firmou sua posição como o “verdadeiro candidato da oposição”. Foi por meio desse discurso, e da desconstrução dos demais candidatos, que Brizola conseguiu vencer o pleito de novembro.

Lysâneas, por sua vez, permaneceu com um discurso que apenas remetia ao golpe de 1964, sem conseguir discutir problemas recorrentes ao governo do estado com maior profundidade, o que contribuiu para seu baixo desempenho. Miro Teixeira representava a ideia de que apenas o PMDB era oposição ao governo federal, e que sua candidatura significava o voto útil. Por fim, Moreira Franco citava a “benevolência” do presidente Figueiredo em redemocratizar o país, e que essa redemocratização deveria ocorrer sob o domínio do PDS.

Após a entrada de Moreira Franco na disputa, com um aumento considerável das intenções de voto nas pesquisas, *O Globo* passou a apoiá-lo, sem fazer exatamente oposição a Miro Teixeira, candidato a quem apoiara até a candidatura de Moreira. Quanto a PDT, PTB e PT, o jornal afirmou que não possuíam estrutura suficiente para disputar as eleições.

---

<sup>232</sup> *O Globo, Candidatos falam 5 horas e meia e pedem novo debate*, 03 de agosto de 1982.

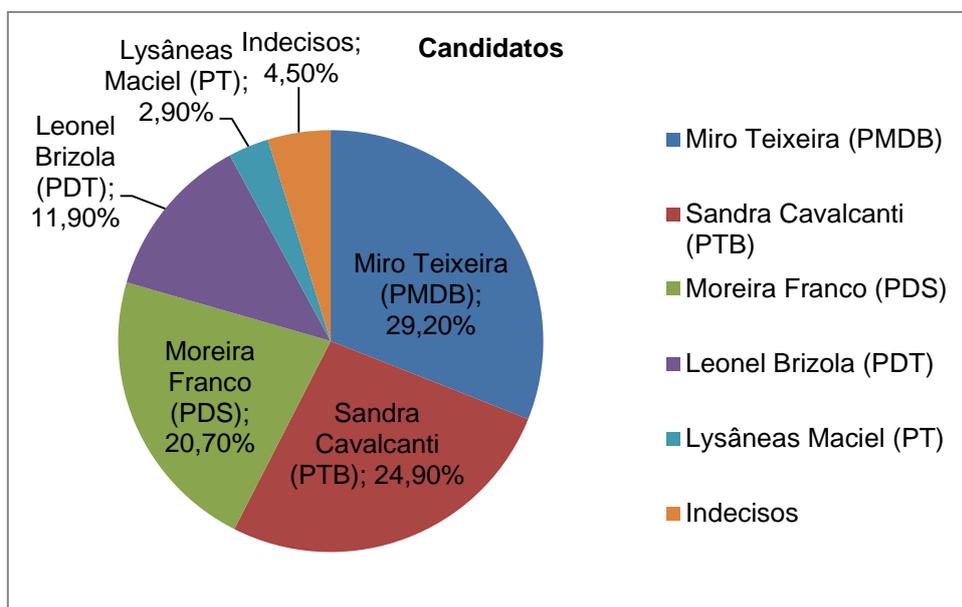
<sup>233</sup> *O Globo, Candidatos falam 5 horas e meia e pedem novo debate*, 03 de agosto de 1982.

<sup>234</sup> *O Globo, Candidatos falam 5 horas e meia e pedem novo debate*, 03 de agosto de 1982.

A preferência por Moreira Franco começou em agosto. Ainda no dia 3 o jornal afirmou que a campanha do candidato do PDS era sucesso de marketing<sup>235</sup>. No dia 8 publicou uma reportagem sob o título de *PTB, PDT e PT sem estrutura perderão votos no interior*. Segundo o jornal, esses partidos perderiam votos no interior do Estado do Rio de Janeiro, pois não se organizaram em boa parte dos municípios, nos quais não conseguiriam ser votados para prefeito, vice-prefeito e vereador. Para *O Globo*, a pior situação era a do PT, que não havia conseguido se estruturar em 43 municípios, seguido do PTB, que não teve diretórios em 22 municípios, e do PDT em 15.

Em agosto, já com Moreira Franco como candidato do PDS, Miro ultrapassa Sandra, e Moreira surpreende com uma colocação muito acima do candidato anterior, Ibrahim. Brizola e Lysâneas permaneceram estáveis. No dia 14, *O Globo* publicou os resultados da pesquisa Ibope, realizada entre os dias 9 e 12 de agosto, que mostra o candidato peemedebista pela primeira vez na primeira colocação:

Gráfico 11: Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal *O Globo* de 14 de agosto de 1982:



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de 14 de agosto de 1982.

Segundo *O Globo*, a pesquisa revelou que Miro era o primeiro colocado entre homens, e Sandra entre mulheres. Sandra apresentou maior apoio entre os que possuíam faixa de renda mais elevada, e Miro Teixeira entre os que ganhavam menos. Se considerada a idade dos entrevistados, Miro Teixeira tinha a maioria de

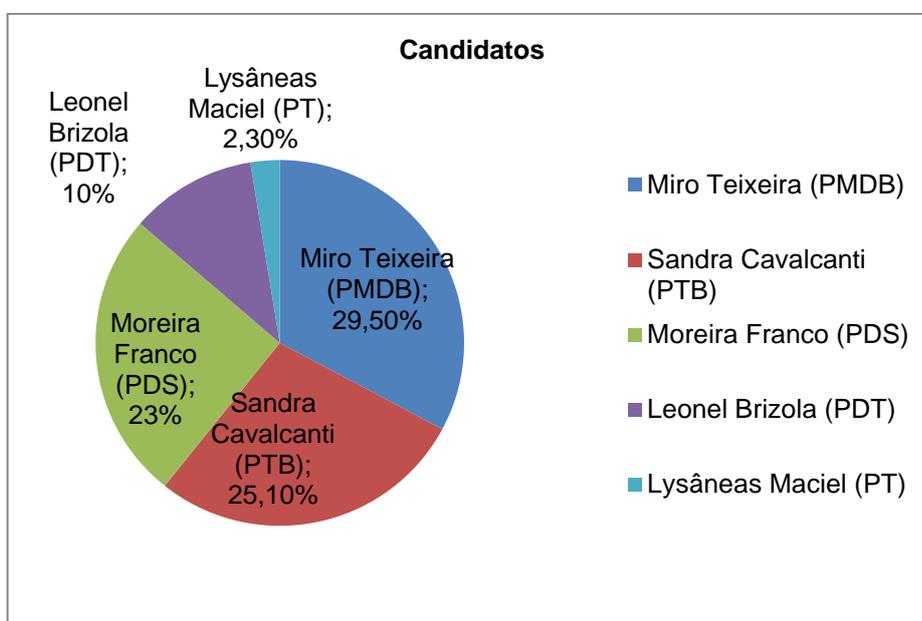
<sup>235</sup> *O Globo*, Professor: Campanha de Moreira Franco é sucesso de marketing, 3 de agosto de 1982.

seus eleitores entre 25 e 29 anos, enquanto Sandra tinha o maior número entre eleitores maiores de 50 anos<sup>236</sup>.

Moreira Franco tinha o maior número de eleitores entre os jovens, de 18 a 24 anos. Leonel Brizola ficava entre os extremos, com apoio entre os jovens de 18 a 24 anos e também entre os maiores de 50 anos. Entretanto, o maior número de seus eleitores possuíam entre 25 e 29 anos<sup>237</sup>.

No dia 20 de agosto, em pesquisa divulgada pelo *Jornal do Brasil*, os números seguem praticamente inalterados:

Gráfico 12: Pesquisa eleitoral publicada pelo *Jornal do Brasil* de 20 de agosto de 1982.



Fonte: Elaboração do autor com base nos dados de SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: Estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999, p. 221.

Chama atenção a queda acentuada de Sandra, em relação às pesquisas de março, em contrapartida à alta de Miro, e de Moreira, que se mostrou a escolha correta do PDS. Nesse cenário, as eleições se encaminhavam para uma disputa entre Miro e Moreira, vista a perspectiva da queda de Sandra continuar.

Miro Teixeira, que foi apoiado por diversos artistas fluminenses, e por parte da imprensa, inclusive o jornal *O Globo* antes da candidatura de Moreira Franco, adotou o discurso, compartilhado pelo PCB, do “voto útil”:

<sup>236</sup> *O Globo*, Miro passa à frente na pesquisa do Ibope, 14 de agosto de 1982.

<sup>237</sup> *O Globo*, Miro passa à frente na pesquisa do Ibope, 14 de agosto de 1982.

Muitos setores importantes, significativos da sociedade que estavam engajados no PT e no PDT, que são os dois partidos de oposição e que merecem todo o meu respeito, começaram a perceber que o voto dado ao PT e ao PDT não era um voto útil. Quer dizer, não era um voto que mudaria coisíssima alguma, porque são partidos que não tem condições de vitória. Nem no Rio, nem em qualquer outro estado brasileiro. Assim, está havendo uma concentração de forças oposicionistas em cima dos candidatos do PMDB<sup>238</sup>.

Essa ideia foi difundida exaustivamente ao longo da campanha de Miro, argumentando que PDT e PT eram partidos pequenos, e portanto não teriam forças para vencer o pleito. O candidato do PMDB apresentou-se como o voto útil, pois seu partido era o maior de oposição ao governo federal, de maneira que votar em Leonel Brizola ou em Lysâneas Maciel apenas dividiria os votos e daria margem para Moreira Franco vencer.

Para Michele Reis de Macedo, o PCB adotou essa ideia e apoiou a candidatura de Miro Teixeira, além da tese do voto útil, pelas ressalvas que havia entre os comunistas e os trabalhistas. Apesar de ser, segundo a autora, difícil para os pecebistas fazer críticas a Leonel Brizola, pois muitos fizeram parte de seu passado, eles procuravam motivos para se firmarem como a “verdadeira vanguarda da classe operária”<sup>239</sup>.

Mas o trabalhismo estava ali presente, disputando com o PCB, e também buscava naquele mesmo passado, tão rejeitado pelas outras esquerdas, bases para provar sua histórica liderança no mundo do trabalho. Entre PCB e PDT, as batalhas de memória conviveriam com as disputas políticas.<sup>240</sup>

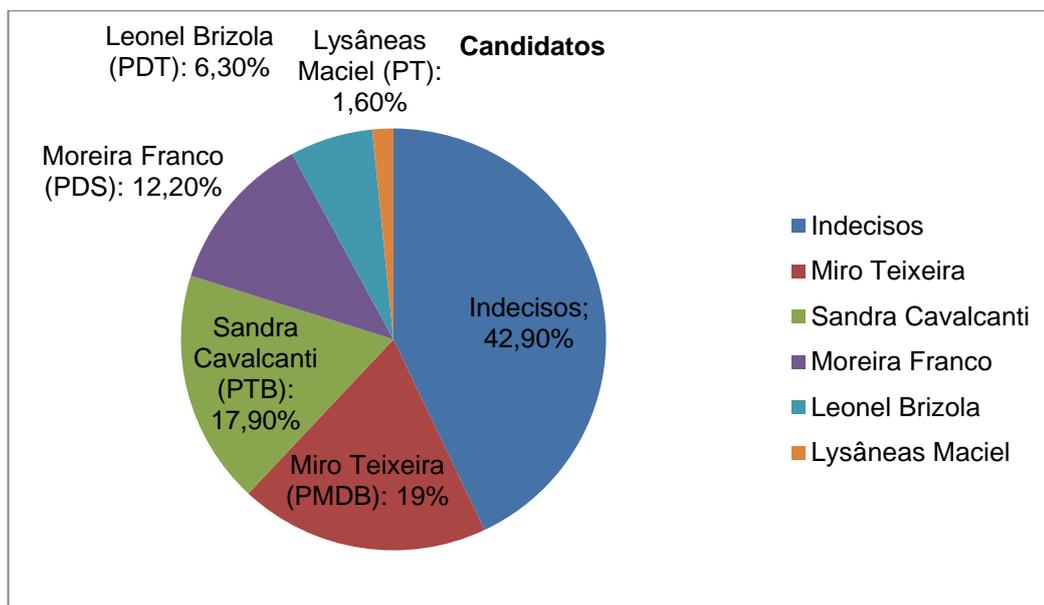
No dia 29 de agosto, o jornal *O Globo*, juntamente com a *Rede Globo* e a revista *Isto é*, divulgaram uma nova pesquisa, na qual em vez de perguntar em quem os eleitores votariam, apresentando os nomes possíveis, apenas perguntaram se o entrevistado já possuía candidato. Isso revelou uma grande quantidade de indecisos:

---

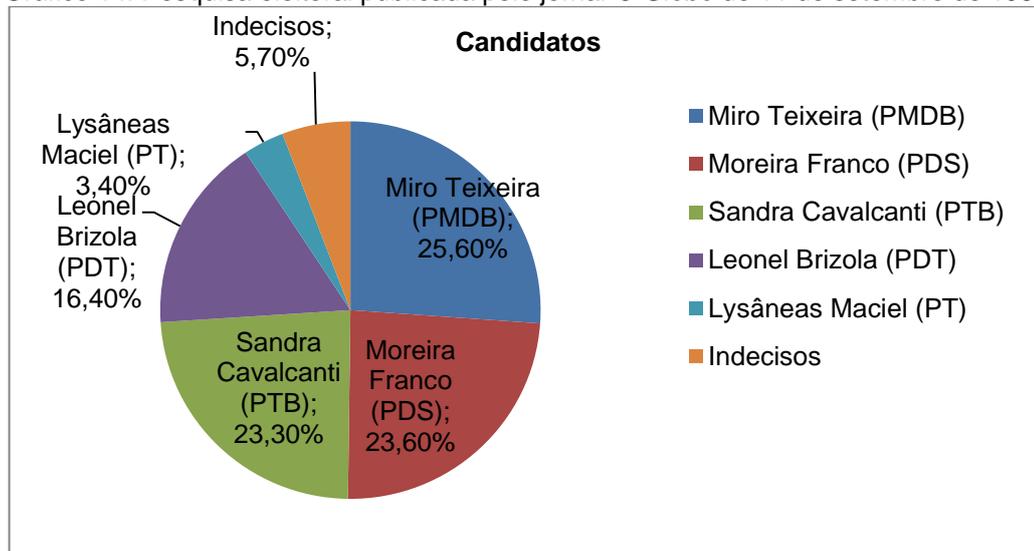
<sup>238</sup> MACEDO, 2016, p. 230.

<sup>239</sup> MACEDO, 2016, p. 231.

<sup>240</sup> *Ibidem*, p. 231.

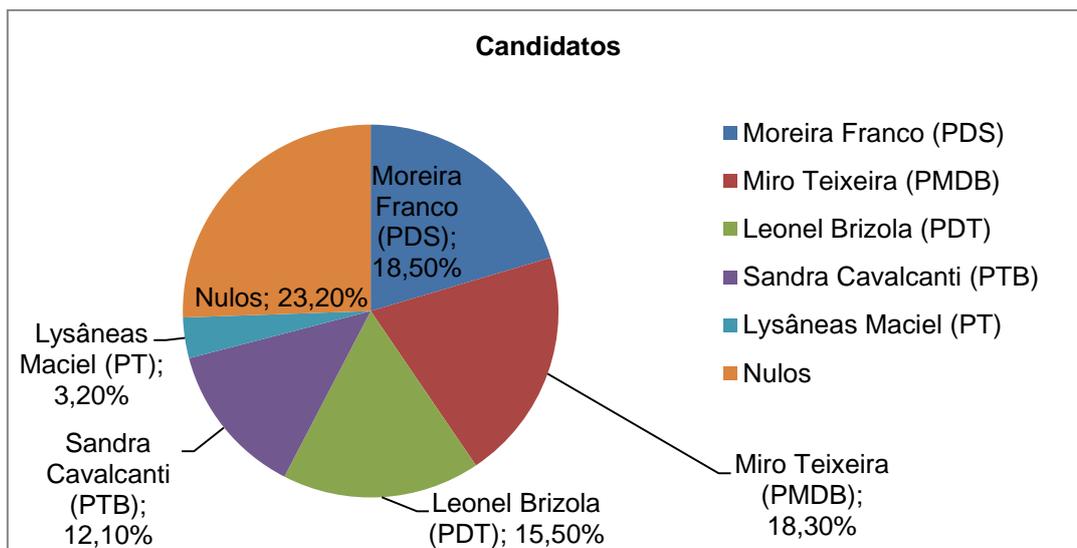
Gráfico 13: Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal *O Globo* de 29 de agosto de 1982:

Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de 29 de agosto de 1982.

Gráfico 14: Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal *O Globo* de 11 de setembro de 1982:

Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de 11 de setembro de 1982.

Em 22 de setembro de 1982, *O Globo* divulgou uma pesquisa em que Moreira Franco apareceu pela primeira vez na primeira colocação:

Gráfico 15: Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal *O Globo* de 22 de setembro de 1982:

Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de 22 de setembro de 1982.

### 3.3 Intensificação do discurso de Leonel Brizola e virada nas pesquisas

Quando a disputa mostrava cada vez mais tender entre PDS e PMDB (Moreira Franco e Miro Teixeira), o cenário da eleição se altera. Miro, que era identificado com o então governador Chagas Freitas, “estreita relações com os setores mais à esquerda do partido, afastando-se mais e mais de seu grupo original”<sup>241242</sup>.

A campanha do candidato peemedebista passou a ser coordenada pelos chamados Luas-Pretas<sup>243</sup>, e a crise existente dentro do partido aumentou, ocasionando o desligamento de Chagas e seu grupo da campanha (passam a apoiar Moreira Franco). Simultaneamente, Miro registrou queda nas pesquisas, fato ocasionado também pela radicalização do discurso de Leonel Brizola, que abandonou o tom conciliador adotado após o retorno do exílio, declarando à

<sup>241</sup> SENTO-SÉ, 1999, p. 222.

<sup>242</sup> Segundo Sento-Sé, essa estratégia estava relacionada à baixa popularidade de Chagas Freitas, pois problemas como segurança pública, ensino básico, rede hospitalar e denúncias de fraudes poderiam minar sua candidatura naquele momento.

<sup>243</sup> Os chamados “Luas-Pretas” foram um grupo de intelectuais, militantes de organizações clandestinas ligados ao PMDB. Teriam recebido esse nome devido à cega obediência de Miro Teixeira ao grupo, que, segundo versões, eram capazes de convencer Miro de posições radicais e absurdas, como de que a face da lua era escura. Ver: FREIRE, Américo; MOTTA, Marly; SARMENTO, Carlos. *A política carioca em quatro tempos*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

imprensa, no dia da homologação da sua candidatura, 6 de agosto, o seguinte<sup>244</sup>: “Sou o candidato para desmascarar o falso oposicionismo desses candidatos; candidatos que são o diabo, o demônio e o satanás, para que o inferno ganhe sempre. Falta-lhes legitimidade, exatamente o que me sobra”<sup>245</sup>.

Brizola tentou convencer, dessa forma, que ele era o único candidato verdadeiramente de oposição, utilizando-se de expressões como “o diabo”, “o demônio” e “o satanás” para representar os três candidatos que estavam a sua frente naquele momento: Moreira Franco, Miro Teixeira e Sandra Cavalcanti. Com esse discurso cada vez mais agressivo, Brizola conseguiu consolidar-se como líder oposicionista, passando à liderança das pesquisas. Em 15 de outubro o *Jornal do Brasil* publicou as intenções de votos, separadas por região e pelos meses de setembro e outubro:

Tabela 4 – Intenções de voto por regiões do estado do Rio de Janeiro em setembro e outubro de 1982:

Candidatos	Intenções de voto por regiões do estado					
	Setembro			Outubro		
	Capital	Periferia	Interior	Capital	Periferia	Interior
Brizola	31,3%	23,3%	6,2%	44,8%	37,8%	14,0%
Moreira	16,5%	26,8%	30,5%	13,4%	26,4%	30,8%
Miro	18,7%	17,5%	33,5%	13,5%	13,8%	31,4%
Sandra	19,5%	19,9%	18,4%	14,5%	11,4%	13,4%
Lysâneas	5,4%	2,9%	1,6%	4,8%	3,8%	2,4%

Fonte: SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

Segundo Américo Freire, se Moreira Franco possuía o apoio da máquina federal, e Miro Teixeira da estadual, Brizola dispunha fundamentalmente de seu carisma, “do seu temido talento de mobilizar as massas e de sua histórica condição

<sup>244</sup> SENTO-SÉ, 1999, p.222.

<sup>245</sup> Ibidem, p. 222.

de agitador político, fato esse que o levou a abandonar, ao menos temporariamente, o perfil de estadista moderado que encarnara nos últimos anos”<sup>246</sup>.

O jornal *O Globo* não publicou a pesquisa em que Brizola apareceu como primeiro colocado. Porém com esse indicador, o jornal, que havia apostado em dar pouca importância à candidatura do pedetista, voltou a criar um processo de desconstrução do candidato, e iniciou, a partir de outubro, uma série de notícias e reportagens que visaram a criticar Brizola depois de ele alcançar a liderança das pesquisas.

Como vimos, *O Globo* escolheu as pesquisas que deveriam ser publicadas no jornal, de acordo com o aumento das intenções de voto de Moreira Franco, ou da queda das intenções de voto de Brizola. Isso ocorre na tentativa de homogeneizar a opinião pública. Patrick Charaudeau, em sua obra mais recente: *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*, afirma que diante da diversidade dos grupos sociais, e das conseqüentes opiniões diversas, “as instâncias midiáticas “dedicam-se a homogeneizá-las através de pesquisas estatísticas, de comentários, de declarações peremptórias (“o povo está cansado dessa situação”), para melhor apropriar-se delas”<sup>247</sup>.

O jornal utilizou as pesquisas convenientes para provar seu ponto de vista na tentativa de induzir o voto a Moreira Franco. Segundo Patrick Charaudeau,

Há as pesquisas de opinião das quais as mídias se tornam cúmplices por não questionar nem sua validade nem a maneira de apresentá-las. As pesquisas que se tornaram o pão nosso de cada dia, principalmente em período eleitoral, e que participam dessa imposição de se reconhecer como “ser que pensa coletivamente”. Elas são apenas um dos meios de medir a opinião pública e, no entanto, se apresentam como definitivas. Isso incita as sociedades modernas a buscar os meios de captar o que as pessoas pensam, seja qual for a maneira de chama-las (público, população, consumidor, eleitor, povo)<sup>248</sup>.

Charaudeau explicita como as pesquisas de opinião eleitorais tendem a criar um cenário fechado, como representando, com uma baixa margem de erro, a realidade, quando na verdade é uma forma de medir a opinião, e que, segundo o

<sup>246</sup> FREIRE, Américo: O fio da história: Leonel Brizola e a renovação da tradição trabalhista no Brasil contemporâneo (1980-1990). IN: FERREIRA, Jorge. FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos: (1961-1964 e 1979-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

<sup>247</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. São Paulo: Contexto, 2016, p.37.

<sup>248</sup> Ibidem, p. 124.

autor, apresenta três problemas: o da elaboração das pesquisas, de sua publicação e de sua influência. As pesquisas divulgadas pelo *O Globo* ficaram comprometidas por serem selecionadas de acordo com o desempenho dos candidatos Miro Teixeira (inicialmente) e Moreira Franco (na reta final da campanha eleitoral).

Já no mês de outubro, *O Globo* passou a reproduzir a “Carta ao Leitor” da *Revista Veja* e editoriais do *Correio Brasiliense*. No dia 6 de outubro, a “Carta ao Leitor” da *Veja* reproduzida em *O Globo* atacava Brizola, afirmando que votar nele não significava apenas apoiar suas críticas ao governo federal e estadual, mas também “anistiar suas aventuras anistiadas, como sua conexão cubana, e sua demagogia do presente”<sup>249</sup>.

No dia seguinte, em transcrição do *Correio Brasiliense*, *O Globo* divulgou um manifesto de João Carlos Gavillan<sup>250</sup>, intitulado *Brizola: fracassado e um grande pé-frio*:

Enquanto o gaúcho Leonel Brizola acalenta seu velho sonho de chegar ao Palácio Guanabara, seria de bom alvitre recordar algumas passagens de sua vida, que lhe parecem conferir peculiar característica: a má sorte o acompanha, e se transfere àqueles que cruzam o seu caminho. Em 1964, o cunhado deposto, João Goulart, confiou na “Cadeia da Legalidade” e nas “forças democráticas”, mas na hora H, o então Deputado Brizola não quis voar para o Rio para “liderar a reação”, nos primeiros dias de abril, ambos partiram para o Uruguai, abandonando à própria sorte os que os apoiavam. [...] Mas dia 15 de novembro vem aí. Que os cariocas e fluminenses em geral reflitam bem. E se na hora de preencher a cédula sentirem uma vontade irreversível de preencherem o nome do caudilho, lembrem-se das enchentes do começo do ano, dos viadutos e coisas parecidas. Principalmente porque o gaúcho se cuida. Depois de abraçar Prestes, foi correndo tomar a benção ao cardeal<sup>251</sup>.

O jornal buscou, com o aumento de Brizola nas pesquisas de opinião, trazer fatos da sua carreira política para evidenciar porque ele não deveria ser eleito. Com a possibilidade real de vitória do candidato pedetista, passou a publicar diversas vezes críticas a ele. Nessa publicação, o jornalista afirmou que Brizola não quis voar para o Rio de Janeiro para reagir à deposição de Goulart. Como vimos no primeiro capítulo, Brizola planejava iniciar uma reação ao golpe, partindo do Rio Grande do Sul, e foi Jango quem ordenou que não houvesse confronto.

<sup>249</sup> *Carta ao leitor*, *O Globo*, 06 de outubro de 1982. Transcrito da *Revista Veja* de 6 de outubro de 1982.

<sup>250</sup> Não foi possível encontrar maiores informações sobre o autor.

<sup>251</sup> *O Globo*, 7 de outubro de 1982. Transcrito do *Correio Brasiliense* de 6 de outubro de 1982.

Gavillan afirmou que Brizola e Jango abandonaram à própria sorte os que os apoiavam, quando na verdade Brizola passou um mês se escondendo pelo Rio Grande do Sul e teve de se exilar no Uruguai porque estava sendo perseguido pelos militares, que tinham ordem para prendê-lo ou matá-lo. O que o jornalista faz, e por conseguinte o *Correio Brasiliense* e *O Globo* ao publicá-lo, é distorcer a história para provar um ponto de vista, nesse caso que Brizola não teria condições de ser governador do Rio de Janeiro.

Devemos analisar então se a atitude de João Carlos Gavillan foi uma mentira na cena pública. Para Charaudeau, a mentira é um ato de linguagem que obedece a três condições: o sujeito falante diz o contrário daquilo que sabe ou julga como indivíduo pensante; saber que aquilo que diz é contrário ao que pensa; e “dar ao seu interlocutor signos que o façam crer que aquilo que ele enuncia é idêntico ao que ele pensa”. Charaudeau também afirma ser necessário inscrever uma relação entre locutor e interlocutor, de maneira que o primeiro deve considerar o saber do segundo para proteger seu próprio saber<sup>252</sup>.

Para o autor, há diversas formas de mentira: “pode-se mentir pelo silêncio, pela omissão, pela dissimulação, pela fabulação ou pelo blefe, como no jogo”<sup>253</sup>:

Efetivamente, encontramos aqui na fronteira entre as duas forças que animam a vida política: o ideal dos fins e o uso dos meios para atingi-los. Perversidade do discurso político, que deve sustentar permanentemente a coexistência de uma *desejabilidade social e coletiva*, sem a qual não pode haver busca de um bem soberano, e de um *pragmatismo* necessário à gestão do poder [...] Efetivamente, entram aqui em colisão uma verdade das aparências, encenada pelo discurso, e uma verdade das ações, empregada pelas decisões. No discurso político, as duas misturam-se em uma “verossemelhança” sem a qual não haveria ação possível no espaço público. Está aqui, talvez, um dos fundamentos da palavra política.

Com isso, entendemos que a mentira no discurso político está presente quando há um ideal a ser atingido, e é preciso criar meios para isso. Como afirmou o autor, quando entram em colisão a verdade das aparências e a verdade dos discursos, a palavra política é formada, sendo esta um “conjunto de verdades” em que podem ocorrer mentiras para alcançar os meios definidos. No caso em questão, o jornalista distorceu os fatos para reforçar seu ponto de vista. Se confrontarmos as declarações historicamente, podemos admitir que ele fez uso da mentira para legitimar seu discurso.

<sup>252</sup> CHARAUDEAU, Discurso Político, p. 105.

<sup>253</sup> Ibidem, p.105.

Em 15 de outubro, *O Globo* fez uma extensa cobertura de um suposto atentado de brizolistas, que teriam atacado a pedradas o comício do PMDB na Central do Brasil, em que quatro pessoas ficaram feridas. Na capa, o título foi *Brizolistas atacam a pedradas manifestantes do PMDB na Central* e na reportagem, *Caminhões do PMDB atacados por manifestantes na Central* e *Quatro feridos em pancadaria na Central*. No dia seguinte, em editorial intitulado *O luxo e as pedradas*, o jornal afirmou:

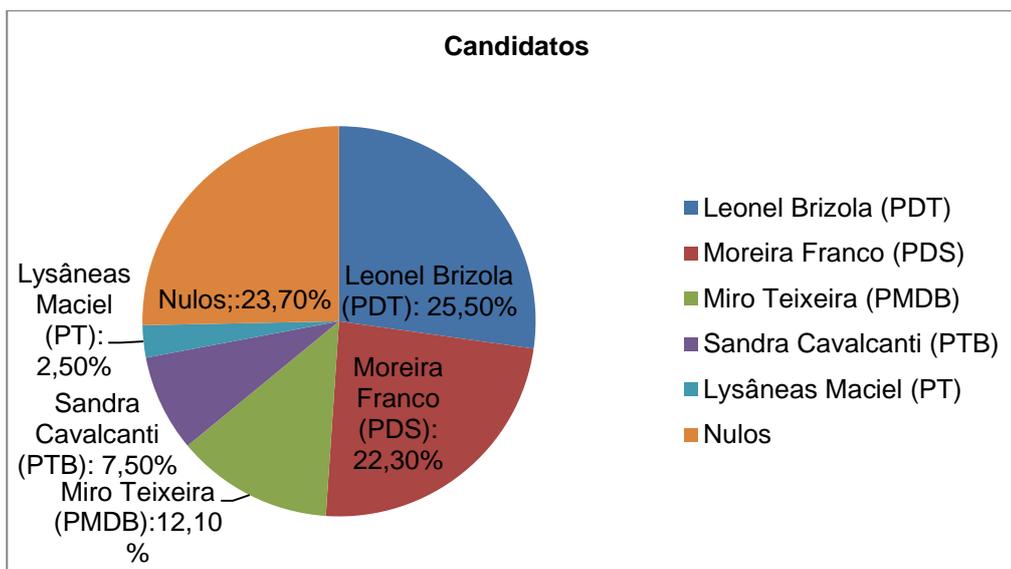
PROCURANDO justificar os atos de violência praticados por partidários seus quinta-feira na Central do Brasil, o candidato do PDT ao governo do Estado definiu a agressão como “reação natural” ao “luxo” da campanha do PMDB. TEMOS ASSIM, esclarecida, a paternidade da violência. E CONSIDERANDO-SE QUE luxo e conforto são conceitos separados por fronteira imprecisa, fica a população alertada para o risco que corre. A qualquer momento, nos termos da doutrina brizolista, sobre a “reação natural ao luxo”, voarão as pedradas e serão brandidos os porretes. DESTES pesadelo confiamos que o Rio de Janeiro acordará no dia 15 de novembro<sup>254</sup>

O Globo continuou a publicar editoriais do jornal *Correio Brasiliense*. Sob o título *Se Brizola ganhar*, João Carlos Gavillan afirmou que se o candidato pedetista vencesse o pleito, o Rio de Janeiro continuaria sob permanente clima de tensão, com obras paralisadas, e funcionários com salários atrasados. E continua: “Politicamente, Brizola de nada valerá, que o seu Partido Democrático Trabalhista nasceu morto, apenas ganhou uma dádiva do Governo”. Gavillan afirmou, ainda, que Brizola sem apoio político se voltaria para explorar a insatisfação e favorecer a revolta do povo do Rio de Janeiro, e ainda para os recursos da “multinacional ideológica da Internacional Socialista”<sup>255</sup>.

Depois de não divulgar pesquisas que mostraram Brizola na primeira colocação nas intenções de voto, *O Globo* de 30 de outubro publicou uma pesquisa em que Brizola continuava na liderança, sob o título *No Rio, Brizola cai e Moreira dispara*:

<sup>254</sup> *O Globo*, *O Luxo e as pedradas*, 16 de outubro de 1982.

<sup>255</sup> *O Globo*, *Se Brizola ganhar*, 16 de outubro de 1982. Transcrito do *Correio Brasiliense*, de 15 de outubro de 1982.

Gráfico 16: Pesquisa eleitoral divulgada pelo jornal *O Globo* de 30 de outubro de 1982

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados do jornal *O Globo* de 30 de outubro de 1982.

A queda do candidato do PDT, Leonel Brizola, que tropeça seriamente no obstáculo da vinculação geral de votos, e o avanço impressionante de Moreira Franco, do PDS, são as principais constatações de uma pesquisa que o Ibope realizou com quase duas mil pessoas no Estado do Rio de Janeiro, entre os dias 23 a 27 desse mês. No momento em que os candidatos entram na fase final da campanha, o Ibope verificou que em cinco dias Moreira Franco deu um salto de quase seis pontos percentuais, aproximando-se da marca alcançada por Leonel Brizola. Agora, o candidato do PDS é o detentor da preferência de 22,3% das intenções de voto no Estado, aferidas com a aplicação da vinculação de votos exatamente como ela será feita no dia da eleição.<sup>256</sup>

Na reta final da campanha, a popularidade de Brizola crescia e seu nome ganhava força e adesão popular. Para Sento-Sé,

Contra as máquinas federal e estadual, Brizola contava com sua impressionante performance pessoal e um grupo de militantes extremamente coeso e combativo. A esta altura, surge um movimento que se tornaria famoso: a Brizolândia. Na estação Central do Brasil, em bairros do subúrbio e nas principais praças do centro da cidade ocorrem conflitos entre militantes que apoiam Brizola e cabos eleitorais de candidatos de outros partidos. Os confrontos físicos eram o correspondente de rua entre os candidatos, marcados por agressões verbais e acusações recíprocas<sup>257</sup>.

No dia anterior à eleição, *O Globo* publicou um editorial intitulado *Em jogo, o destino do Rio*, em que induz, com todas as letras, os eleitores a votarem no candidato do PDS, Moreira Franco:

<sup>256</sup> *O Globo*, No Rio, *Brizola cai e Moreira dispara*, 30 de outubro de 1982.

<sup>257</sup> *Ibidem*, p.227.

O CANDIDATO DO PDT, Leonel Brizola, pretendeu apresentar-se ao eleitorado como uma espécie de opositor integral: contra o Governo Federal e o Governo do Estado (mesmo estando este nas mãos do maior partido nacional de oposição). Tal postura, inegavelmente lhe permitiu ascensão inicial nas pesquisas de opinião, embora as mais recentes tenham indicado significativa queda no seu prestígio. Isto se explica: a retórica fácil do oposicionismo generalizado ajustava-se com perfeição ao ambiente acalorado e dinâmico da campanha eleitoral. Some-se a isto a habilidade do candidato na exploração dos sacrifícios que as dificuldades econômicas impõe a população, e está definido o fenômeno Brizola. NO ENTANTO, não se governa de uma tribuna, mas de uma mesa de trabalho. E este deve ser o dado essencial da decisão do eleitor. [...] O PRIMEIRO GOVERNADOR que, em 17 anos, chega ao poder pelo voto direto deve preencher necessariamente duas condições: o conhecimento profundo das necessidades do Estado e acesso aos meios de satisfazê-lo. MOREIRA FRANCO responde a essas exigências com todas as qualificações. Foi bom deputado e bom prefeito; conduziu a campanha com sobriedade, sem personalismo nem promessas fantásticas. [...] SE A NOSSA principal preocupação neste momento, é, como deve ser, dar ao Rio um governante capaz de enfrentar com êxito nossos problemas graves e prementes, o voto em Moreira Franco será por certo o mais indicado<sup>258</sup>

Desse modo, *O Globo* firmou sua posição em favor de Moreira Franco e atacou principalmente Brizola, que aparecia em primeiro lugar nas pesquisas de opinião, na tentativa de induzir os eleitores a deixarem de votar em Brizola para votar em Moreira Franco. Além do citado no trecho acima, o jornal criticou Brizola por possuir apenas “ideias gerais” para governar o estado, por não conhecer o Rio e os problemas e reivindicações do povo<sup>259</sup>.

Segundo Patrick Charaudeau, por enfrentar um público heterogêneo, as mídias recorrem a certas técnicas para descrever os acontecimentos, comentá-los e colocá-los em debate:

Elas reportam os fatos de acordo com os cenários dramáticos de combate a fim de suscitar movimentos emocionais diversos: antipatia em relação aos agressores, simpatia para com os salvadores, compaixão pelas vítimas. Comentam esses mesmos acontecimentos ao reduzi-los na maior parte do tempo a esquemas de explicação mais ou menos estereotipados, sem perspectiva histórica, mas com aparência de evidência. Os debates que supostamente alimentam o espaço da discussão, confrontando opiniões diferentes e contrárias com o intuito de esclarecer o público, são apresentados como torneios oratórios, na verdade, espetáculos retóricos, que ao final das contas, convertem as opiniões em julgamento passionais<sup>260</sup>.

<sup>258</sup> *O Globo, Em Jogo, o destino do Rio de Janeiro*, 14 de novembro de 1982.

<sup>259</sup> *O Globo, Em Jogo, o destino do Rio de Janeiro*, 14 de novembro de 1982.

<sup>260</sup> CHARAUDEAU, *Discurso Político*, 2015, p. 284.

É dessa forma que o jornal *O Globo* construiu seu discurso contrário a Brizola e favorável a Moreira Franco. Em relação a Brizola, passou a imagem de um candidato sem condições de ser governador do estado, ou seja, a antipatia em relação ao agressor (nesse caso, um possível agressor ao estado do Rio de Janeiro). Ao mesmo tempo, procurou criar uma simpatia com um suposto salvador: Moreira Franco. O objetivo foi fazer com que o eleitor visse Moreira Franco como um salvador para o estado e Brizola, um inimigo.

Segundo o periódico, “nem o clima febril da campanha eleitoral pode transformar o candidato Brizola numa hipótese de governador viável e capaz”. O jornal ainda buscou desacreditar o eleitor dos demais candidatos. Sobre Miro Teixeira, apoiado pela publicação até a candidatura de Moreira, argumentou que ele apresentou, ao longo da campanha, contradições políticas, por sua aliança com organizações de esquerda<sup>261</sup>.

Quanto a Sandra Cavalcanti e Lysâneas Maciel, afirmou que o baixo desempenho dos dois nas últimas pesquisas não permitia que tivessem o mesmo espaço que os demais. Mas que seria injusto comparar Sandra a Lysâneas. Para o jornal, Sandra, que esteve em primeiro lugar nas pesquisas inicialmente, e por um tempo considerável, perdeu terreno à medida que se definia o quadro da disputa, pela sua transferência ao PTB, por não ter ligação com a causa trabalhista.

Sobre Lysâneas, *O Globo* afirmou que sua candidatura foi construída a partir de “um radicalismo que não encontra qualquer ressonância no eleitorado amadurecido do Rio de Janeiro”. Por fim, ao falar do candidato do PDS, Moreira Franco, o jornal não apresenta nenhuma crítica ou questionamento, colocando-o como o único capacitado para governar o Rio de Janeiro, e pedindo ao eleitor para que vote nele<sup>262</sup>.

Como vimos, *O Globo* se posicionou publicamente a favor do candidato do partido do governo federal, mas contra o partido do governo estadual. No início, o jornal apoiou a candidatura de Miro Teixeira, pela continuidade do governo de Chagas Freitas, através de seu sucessor. Ocorreu que ao longo da campanha, Miro se distanciou da corrente chaguista, aproximando-se de grupos de esquerda, até mesmo do PCB, que consideravam-no a opção viável, por conta da teoria do voto útil. Em função disso, e da candidatura de Moreira Franco ter tido maior aceitação

---

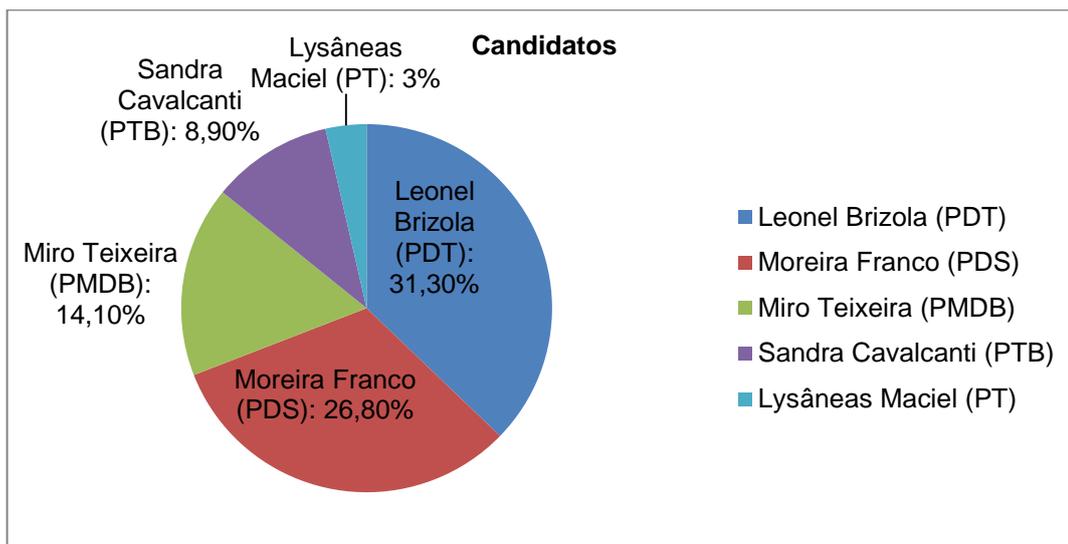
<sup>261</sup> *O Globo, Em jogo o destino do Rio de Janeiro*, 14 de novembro de 1982.

<sup>262</sup> *O Globo, Em jogo o destino do Rio de Janeiro*, 14 de novembro de 1982.

que a do candidato anterior do PDS, Emílio Ibrahim, o jornal passa a apoiar explicitamente o candidato pedessista.

Como o voto era manual, a contagem das células demorou alguns dias para ser finalizada. No dia 16, a última pesquisa foi divulgada, prevendo a vitória de Brizola:

Gráfico 17: Pesquisa eleitoral publicada pelo jornal *O Globo* de 16 de novembro de 1982:



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de 16 de novembro de 1982.

### 3.4 Cobertura de *O Globo* aos candidatos ao governo do Rio de Janeiro

Neste ponto, analisamos a cobertura do jornal *O Globo* a respeito das eleições de 1982. Para isso, tomamos nota do número de vezes que o jornal mencionou cada candidato e cada partido no período de março a novembro de 1982<sup>263</sup>:

<sup>263</sup> Iniciamos a contagem em março por ser o mês da candidatura de Brizola ao governo do Rio de Janeiro, estendendo-a até novembro por serem as eleições no dia 15 desse mês.

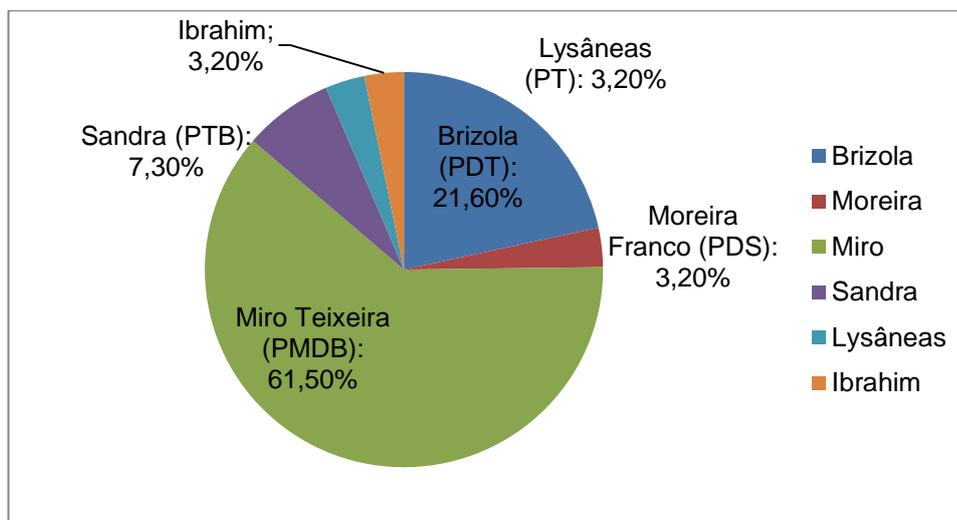
TABELA 5 – Quantidade de menções aos nomes dos candidatos ao cargo de governador do Rio de Janeiro no jornal *O Globo* de março a novembro de 1982.

1982	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Leonel Brizola	27	35	20	32	22	89	128	129	215
Moreira Franco	04	03	10	57	43	171	208	273	220
Miro Teixeira	76	219	76	70	117	225	201	196	174
Sandra Cavalcanti	09	187	25	60	42	107	99	68	63
Lysâneas Maciel	3	02	05	10	15	53	50	34	40
Emílio Ibrahim	4	03	49	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de março a novembro de 1982.

Nessa tabela, podemos observar a quantidade de vezes que os nomes dos candidatos a governador são mencionados. Nela percebemos como o peemedebista Miro Teixeira teve desde o início maior espaço no jornal que os demais candidatos. Para entendermos melhor a tabela, analisaremos mês a mês os gráficos a seguir com a porcentagem da quantidade de menções do jornal *O Globo* aos candidatos:

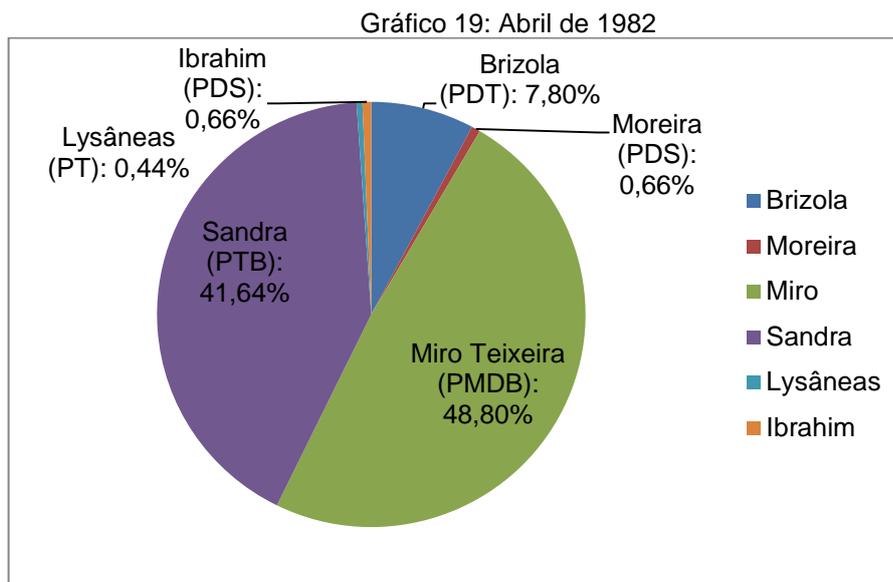
Gráfico 18: Março de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de março de 1982.

No mês de março, em que a maioria das candidaturas foram oficializadas, Miro Teixeira foi mencionado em grande escala se comparado aos demais, com uma porcentagem de 61,5%, em um cálculo levando em conta a quantidade de menções de todos os candidatos no jornal durante esse mês. É importante destacar que em março Sandra Cavalcanti possuía, como vimos anteriormente, 51,70% das intenções de voto, em pesquisa não divulgada pelo jornal *O Globo*.

Apesar de seu alto índice, Sandra teve apenas 7,3% das citações nominiais dos candidatos no jornal. Brizola teve a segunda colocação devido aos eventos de divulgação da oficialização de sua candidatura. Quanto ao PDS, Emílio Ibrahim era o candidato, mas tanto ele, quanto Moreira Franco, que em junho tornou-se o candidato oficial do partido, apresentam pouquíssimas vezes seu nome citado por *O Globo*. O mesmo vale para o candidato do PT, Lysâneas Maciel.

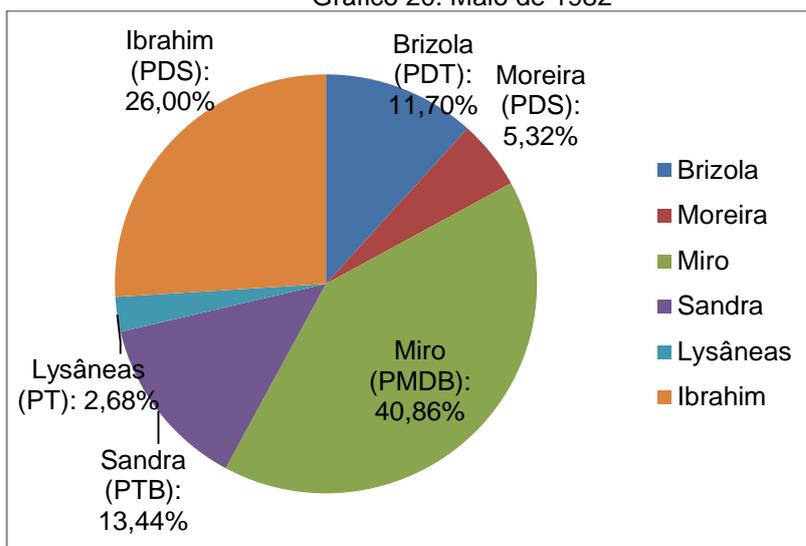


Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de abril de 1982.

Em abril, vemos que *O Globo* aumenta significativamente a cobertura à candidata do PTB, Sandra Cavalcanti. Nesse ponto, vemos o jornal polarizar a disputa entre Miro e Sandra, com 48,80% das menções para o candidato peemedebista e 41,64% para a candidata petebista. Isso deveu-se, sobretudo, ao fato de a TV Globo ter promovido um debate com a participação apenas de Sandra e Miro, e o jornal ter feito extensa cobertura e comentários acerca do debate. Observamos no gráfico que os demais candidatos possuem um número muito baixo de citações no jornal em comparação a Sandra e Miro.

A estratégia do jornal foi promover Miro Teixeira como único nome para derrotar Sandra, que estava com altos índices nas pesquisas de opinião. Em março, *O Globo* buscou escrever poucas matérias sobre Sandra, e ao ver que não teve resultado, pois ela permaneceu na primeira posição nas pesquisas, passou a citá-la quase na mesma intensidade que Miro Teixeira. Durante o mês de abril, procurou citar exaustivamente os nomes de Miro e Sandra, com reportagens que questionaram a idoneidade de Sandra e alçaram Miro Teixeira como o principal candidato.

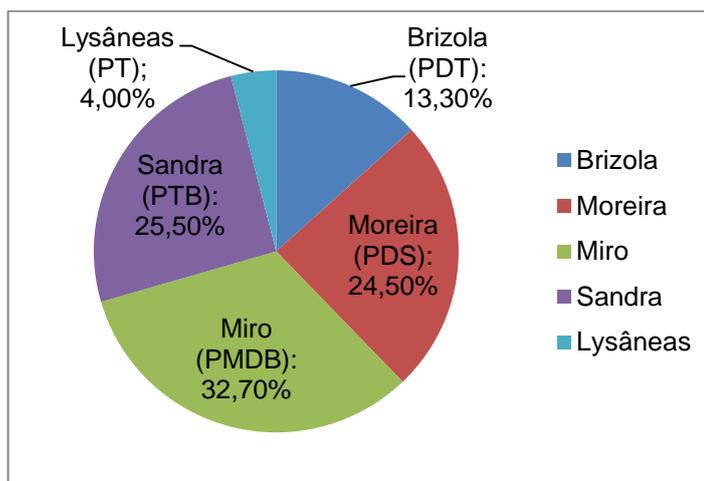
Gráfico 20: Maio de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de maio de 1982.

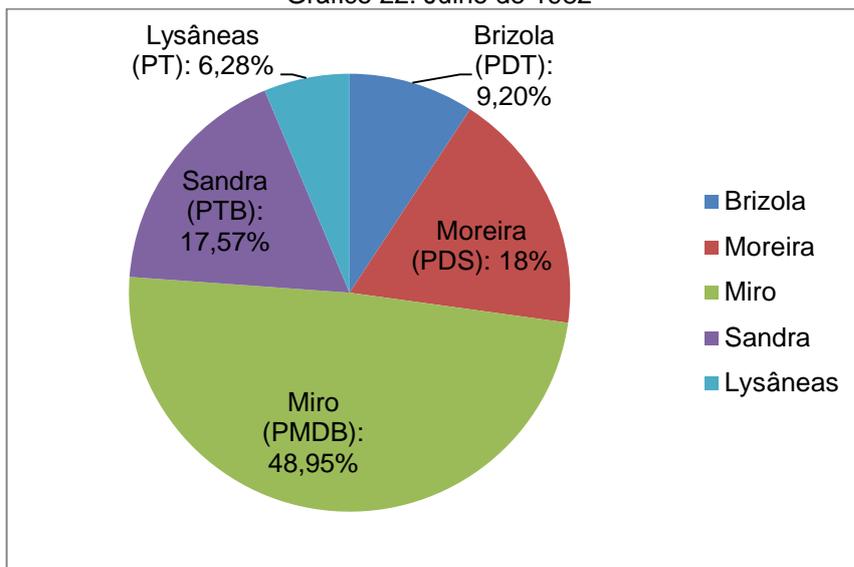
Já em maio, o nome de Miro Teixeira permaneceu, assim como ocorre desde março, com uma grande quantidade de menções no jornal, 40,86% em relação aos demais. O que surpreende é o aumento do espaço concedido ao candidato Ibrahim, que desde o início apresentou baixos resultados nas pesquisas eleitorais e também nos gráficos acima. Chama atenção principalmente pela análise dos meses de junho e julho:

Gráfico 21: Junho de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de junho de 1982.

Gráfico 22: Julho de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de julho de 1982.

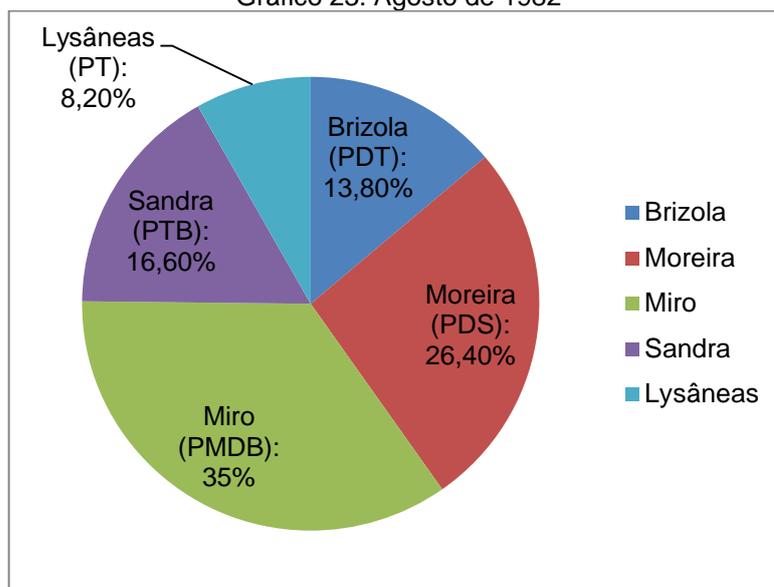
Em junho, com a troca de candidato do PDS, Moreira Franco passou a ocupar a segunda posição na escala de citações dos nomes dos candidatos. Miro continuou, durante a maior parte da campanha, como o candidato apoiado por *O Globo*. Podemos perceber como Leonel Brizola e Lysâneas Maciel permaneceram durante esse período com uma baixa quantidade de menções no jornal. Assim, o periódico adotou a estratégia do silêncio, um dos casos de mentira política descritos por Charaudeau:

A ação é mantida em segredo. Trabalha-se aqui com uma estratégia que avalia que anunciar o que é efetivamente realizado provocaria reações violentas e impediria a implantação do que é julgado necessário para o bem da comunidade [...] Isso não impede a existência de mentiras, que os cidadãos sejam enganados em função da discrepância entre os compromissos firmados e os atos realizados, mas, dirão alguns, mentira necessária, pois não é destinada a proteger pessoas em suas condutas delituosas, mas teria por finalidade servir ao bem comum<sup>264</sup>.

A estratégia do silêncio foi adotada pois se acreditou que os candidatos Brizola e Lysâneas representavam uma forte oposição ao governo federal, e uma vez eleitos disporiam da máquina pública para confrontar o governo federal.

<sup>264</sup> CHARAUDEAU, Discurso Político, p. 107.

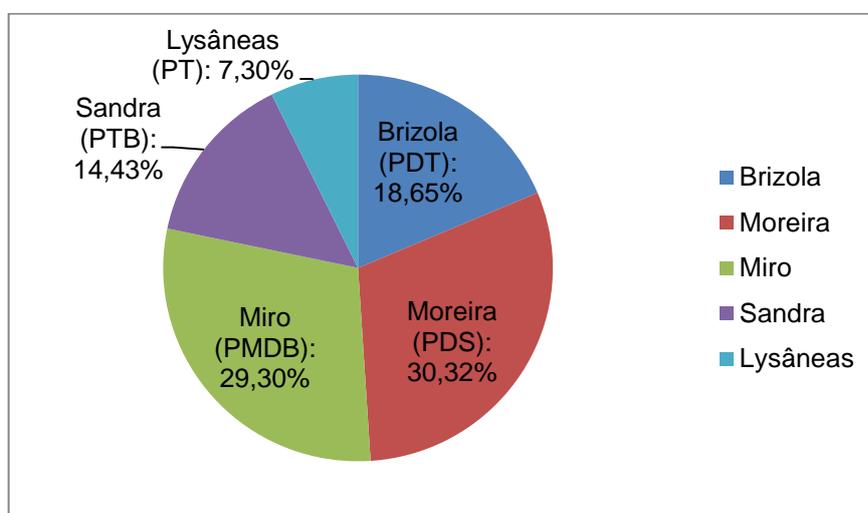
Gráfico 23: Agosto de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de agosto de 1982.

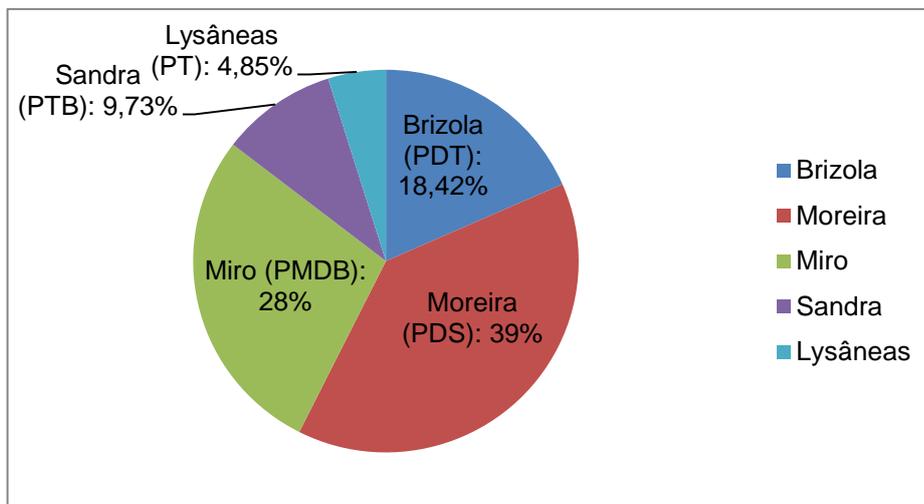
Em agosto, Moreira Franco firmou-se como o segundo candidato com maior cobertura pelo jornal *O Globo*. Enquanto Brizola manteve-se estável, notamos como o jornal deixa de noticiar Sandra, em comparação aos meses anteriores. Lysâneas permaneceu todos os meses como o candidato menos comentado, com a justificativa de o candidato petista estar em baixa colocação nas pesquisas de opinião. Nesse mesmo mês, é divulgada pesquisa em que Miro passa à liderança, com Sandra em segundo lugar.

Gráfico 24: Setembro de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de setembro de 1982.

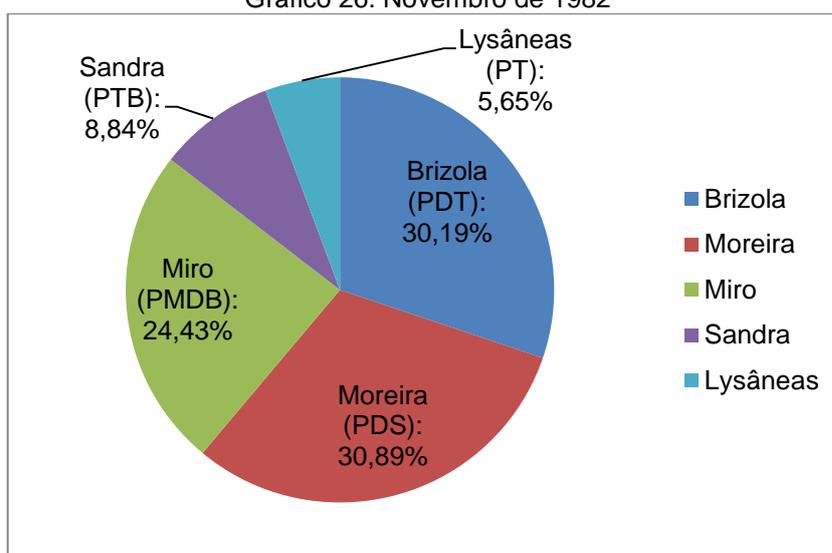
Gráfico 25: Outubro de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de outubro de 1982.

Em setembro e outubro, *O Globo* promoveu uma polarização entre Moreira Franco e Miro Teixeira, com Brizola como o terceiro candidato mais mencionado no jornal, ultrapassando Sandra. O curioso é que nesses meses Brizola assumiu a liderança nas pesquisas, e mesmo assim ainda era apenas o terceiro candidato mais citado, atrás de Moreira e Miro. Apenas no mês da eleição é que Brizola possui maior destaque no jornal, como vemos no gráfico abaixo:

Gráfico 26: Novembro de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de novembro de 1982.

No gráfico percebemos que no mês da eleição o jornal praticamente empatou as menções entre Brizola e Moreira Franco, ainda com uma quantidade considerável para Miro Teixeira. Entretanto, como vimos anteriormente, a maioria das matérias tiveram a intenção de desqualificar o candidato do PDT, trazendo colunas da *Revista Veja* e do *Correio Brasiliense* que criticavam Brizola e alertavam o eleitor fluminense para o perigo que ele representava.

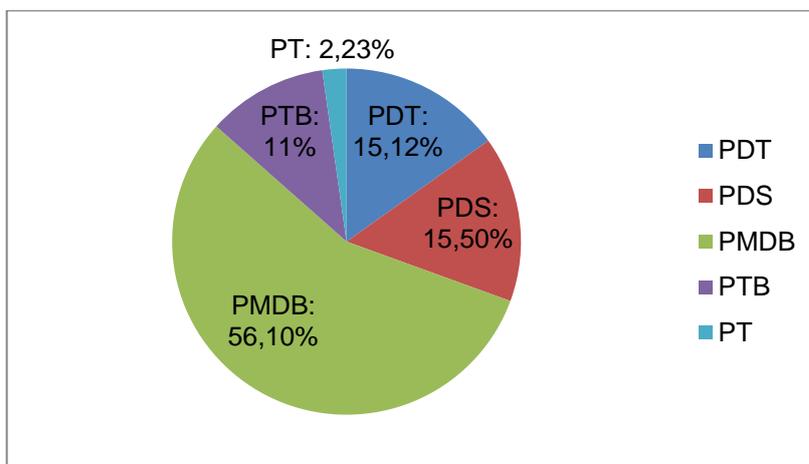
Também fizemos um levantamento da quantidade de vezes que os partidos foram citados no jornal, no mesmo período de março a novembro de 1982. Nele, vimos o PMDB dominar integralmente durante todo o período. Para melhor ilustrar, além da tabela, seguem os gráficos dos meses correspondentes:

Tabela 6 – Quantidade de menções aos partidos de março a novembro de 1982 no jornal *O Globo*:

1982	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
PDT	41	54	58	30	28	55	66	104	180
PDS	42	30	55	37	30	120	166	174	181
PMDB	152	110	88	60	85	169	196	206	196
PTB	30	20	25	58	41	73	60	51	66
PT	06	12	14	15	18	50	50	31	70

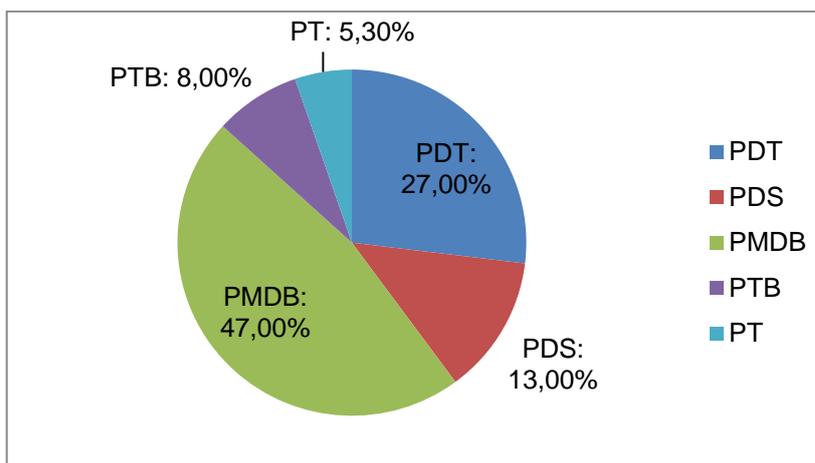
Fonte: Elaboração do autor com base nos dados do jornal *O Globo* de março a novembro de 1982.

Gráfico 27: Março de 1982



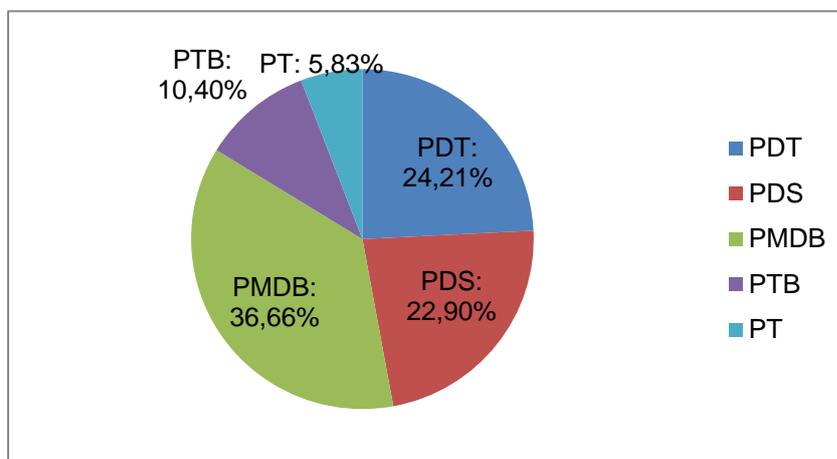
Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de março de 1982.

Gráfico 28: Abril de 1982



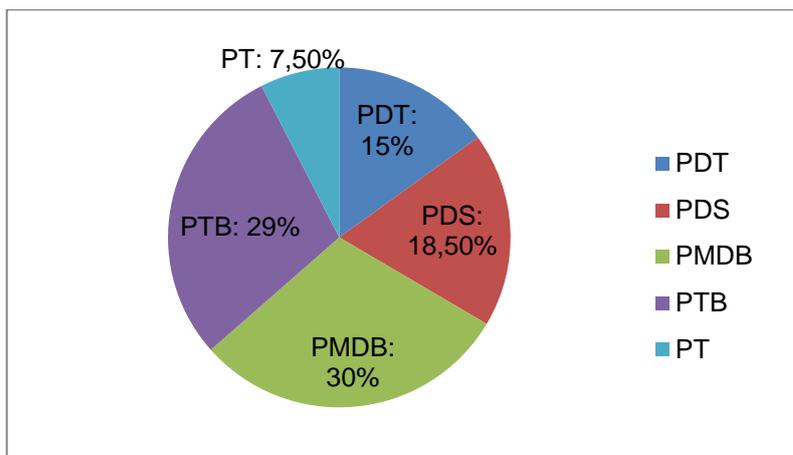
Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de abril de 1982.

Gráfico 29: Maio de 1982



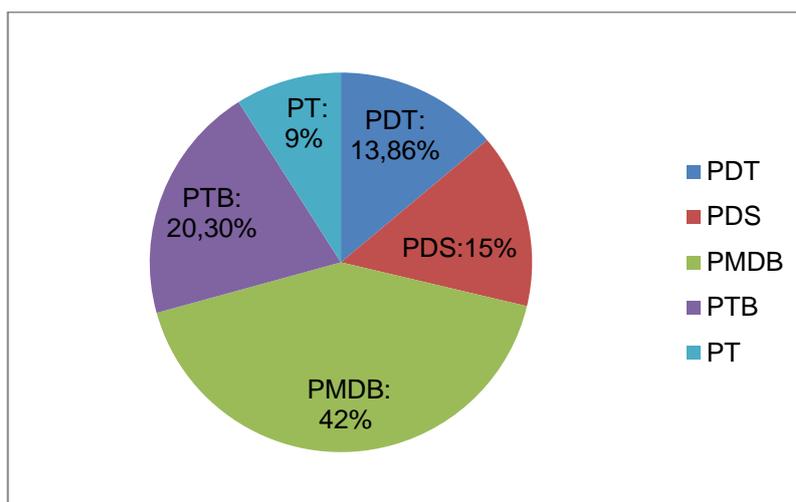
Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de maio de 1982.

Gráfico 30: Junho de 1982



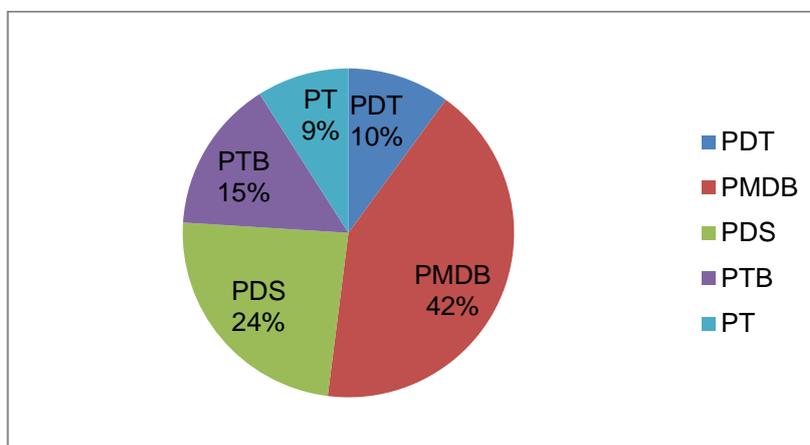
Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de junho de 1982.

Gráfico 31: Julho de 1982



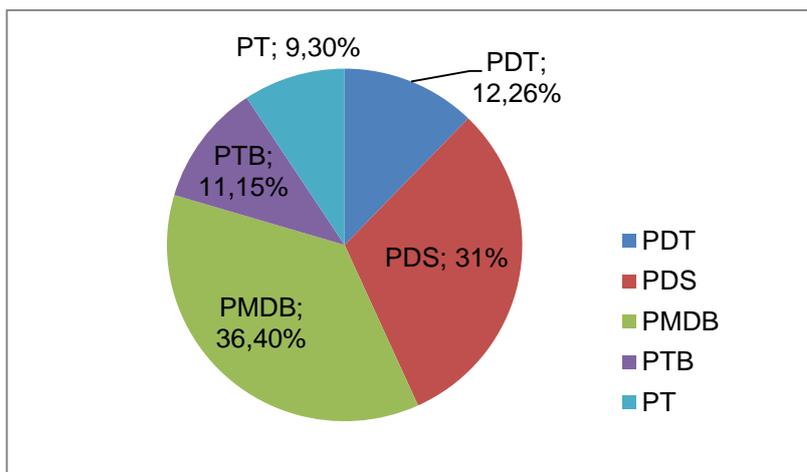
Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de julho de 1982.

Gráfico 32: Agosto de 1982



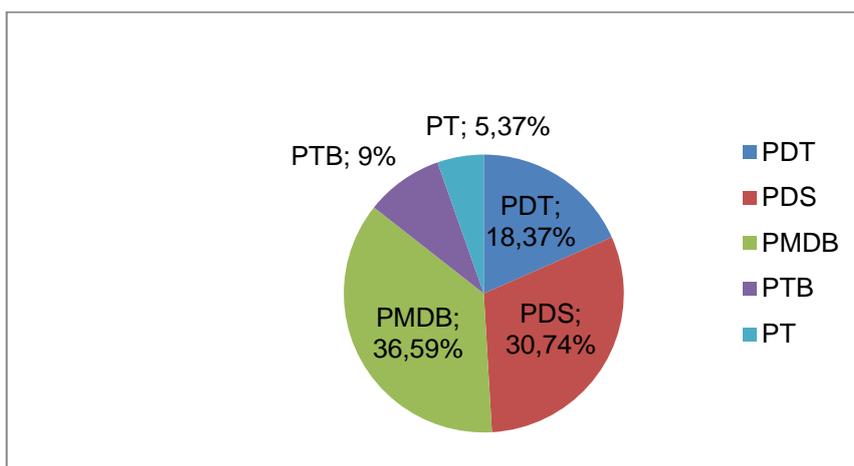
Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de agosto de 1982.

Gráfico 33: Setembro de 1982



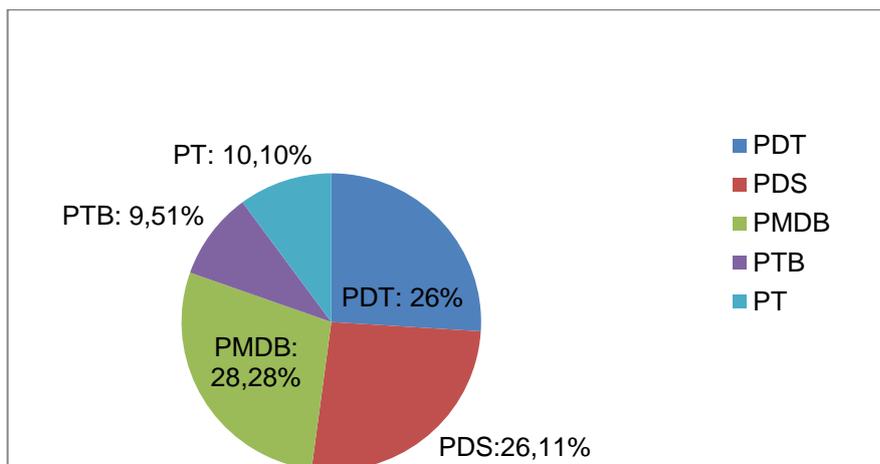
Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de setembro de 1982.

Gráfico 34: Outubro de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de outubro de 1982.

Gráfico 35: Novembro de 1982



Fonte: Elaboração do autor com base no jornal *O Globo* de novembro de 1982.

Nos gráficos acima, vimos que o PMDB dominou durante os meses de março a novembro a primeira colocação em menções de seu partido no jornal, seguido do PDS, PDT, PTB e PT, com alguns meses o PTB aparecendo antes que o PDT e o PDS. Neste caso, o jornal iniciou investindo na candidatura de Miro Teixeira, e podemos ver como, a partir do mês de agosto, com a opção em apoiar a candidatura de Moreira Franco, o PDS passou a ser mencionado em uma quantidade muito superior se comparado aos meses anteriores.

Analisando os dados obtidos na pesquisa, tanto das vezes em que os candidatos foram mencionados, como dos partidos, o jornal trabalhou em um processo de construção da candidatura de Moreira Franco, cujo espaço no jornal aumentou consideravelmente. Segundo Patrick Charaudeau,

Quando se está numa situação em que há a necessidade do outro para realizar um projeto, e não se tem maturidade sobre este outro para obriga-lo a agir de um determinado modo, empregam-se estratégias de persuasão ou de sedução que consistem em fazer com que o outro (indivíduo ou público) compartilhe de uma certa crença<sup>265</sup>.

O jornal *O Globo* empregou estratégias para alavancar a candidatura de Moreira Franco, e de desconstrução dos demais candidatos, especialmente Brizola. Essas estratégias estão comprovadas nos números obtidos na pesquisa. A escolha

<sup>265</sup> CHARAUDEAU, *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*, 2016, p. 68.

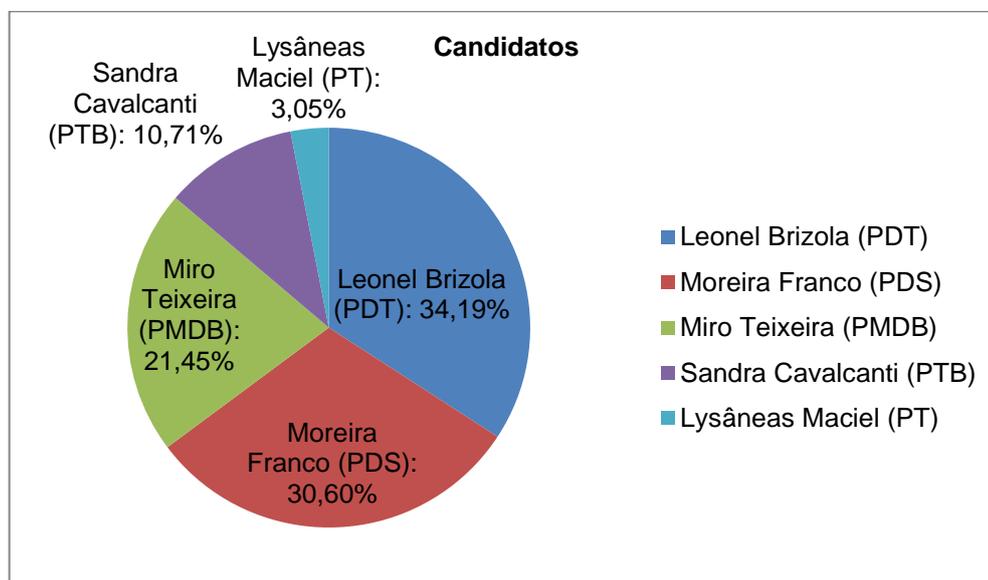
das matérias que deveriam ir às páginas, a forma como os títulos eram escritos e a seleção de conteúdos em um espaço demonstrou como o enfoque era, em sua maioria, dedicado ao candidato pedessista.

O *Globo* buscava, portanto, persuadir a opinião pública para seus interesses. Segundo Charaudeau, “a opinião pública existe tanto pelos discursos que produz sobre si mesma ou sobre os outros quanto por aqueles produzidos sobre ela, instaurando uma luta de influências entre tais discursos”<sup>266</sup>. O jornal caracterizava a opinião pública como influenciada pelo discurso por ele produzido, e buscava criar maneiras de desqualificar os seus adversários políticos.

### 3.5 Eleição de Brizola como governador do Rio de Janeiro

O resultado oficial das eleições foi divulgado apenas em 21 de novembro, com o seguinte resultado, levando em consideração os votos válidos<sup>267</sup>:

Gráfico 36: Resultado das eleições:



Fonte: Elaboração do autor com base em: Sento-Sé, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

<sup>266</sup> CHARAUDEAU, *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*, 2016, p. 47.

<sup>267</sup> Na apuração dos resultados, ocorreu uma tentativa de fraude

A vitória de Brizola, depois de ocupar a quarta posição nas pesquisas iniciais, ocorreu, principalmente, por força do desempenho do próprio Brizola. Diversos autores, como Sento-Sé e Américo Freire, concordam que ao partir para o ataque em uma estratégia de desqualificação dos demais candidatos, Brizola construiu sua própria vitória.

Segundo Américo Freire, Brizola valeu-se de um espaço nos meios de comunicação, investindo principalmente nos debates, e na política do corpo a corpo. Chamou para si as reivindicações das áreas populares, firmando seu compromisso contrário à política de remoção da população das favelas. Isso fez com que ele tivesse um grande número de votos na capital, entre as classes mais baixas financeiramente<sup>268</sup>.

Outra estratégia, para Freire, foi a de combater, simultaneamente, dois projetos de poderes estaduais, o chaguista, centrado na figura do governador Chagas e na de Miro Teixeira, e o amaralista, sob a influência do ex-governador Amaral Peixoto e da candidatura de Moreira Franco. Com forte crítica aos projetos dos ex-governadores, Brizola “praticamente nacionalizou as eleições, fazendo questão de bater muitas vezes na tecla da tradição e da responsabilidade nacional do Rio de Janeiro para com o país”<sup>269</sup>.

Sento-Sé estuda o carisma brizolista a partir de uma leitura weberiana. Para ele, o brizolismo deve ser entendido como um campo discursivo e uma prática política, pois as “semantizações produzidas giram em torno da tensão entre a imagem do estadista e a do líder de massas”.

A hipótese básica é a de que a centralidade da figura de Brizola e de suas qualidades é tão intensa que, se de um lado há momentos em que a lógica burocrática impõe uma espécie de rotinização do carisma, tal como estipulado por Weber, por outro, o brizolismo opera, no Rio de Janeiro, uma espécie de encantamento do funcionalismo burocrático em sua lógica rotinizada<sup>270</sup>.

De acordo com esse autor, três modelos contribuem para interpretar essa fase da carreira política de Brizola, em que o líder é apresentado como um indivíduo singular, com aptidões das quais carecem a maioria dos homens. O primeiro modelo diz respeito à capacidade de conduzir os negócios públicos com habilidade e

---

<sup>268</sup> FREIRE, 2016, p. 190.

<sup>269</sup> Ibidem, p. 190.

<sup>270</sup> SENTO-SÉ, 1999, p.198.

confiança, e foi formulado a partir de Tucídides (descrevendo Péricles), Sêneca e Maquiavel<sup>271</sup>.

No segundo modelo, “o líder extrai a legitimidade de seu poder de comando do fato de ser aquele que se dedica à contemplação da verdade última das coisas. O autor paradigmático é, como não poderia deixar de ser, Platão”. Já no terceiro modelo, o líder é o que possui capacidade de seduzir e conduzir massas urbanas, que surgem no processo de industrialização e urbanização, destacando-se, nesse caso, os chamados psicólogos das multidões: Tarde, Le Bon e Oakeshott. O carisma, para Weber, é a “capacidade de provocar nos liderados uma adesão irrestrita e condicionada apenas pela crença nos poderes superiores do líder”, e pode exercer papel positivo em um sistema político<sup>272</sup>.

Nos três modelos acima citados, percebemos que há elementos condizentes com a liderança exercida por Brizola após seu retorno do exílio. Quanto ao primeiro modelo, Brizola emergia com uma personalidade que demonstrava confiança em sua capacidade política, embora levantasse dúvidas por não ter experiência administrativa no estado do Rio de Janeiro. Esse modelo foi acionado pelos brizolistas quando buscaram destacar a vocação de estadista de Brizola.

Em relação ao segundo, há a convicção de que “existe uma essência no processo histórico e político brasileiro. Essência esta que é, segundo os brizolistas, recorrentemente captada pelo líder”. Por fim, o terceiro modelo é acionado de diversas formas pelos discursos contrários à liderança de Brizola<sup>273</sup>

Sento-Sé analisou os votos separados por regiões do estado do Rio de Janeiro. Na capital, segundo o cientista político, foi onde Brizola venceu a eleição, pois obteve 42,24% contra 27,35% de Moreira Franco. Nos bairros de maior poder aquisitivo da cidade, o chamado AP2 (Flamengo, Botafogo, Copacabana, Tijuca, Laranjeiras, Leblon, Ipanema e Grajaú), Brizola teve vitória apertada, com 34% contra 30,85% de Moreira Franco<sup>274</sup>.

Nos bairros mais pobres, AP3 (Rocha Miranda, Cascadura, Olaria, Madureira, Méier, Realengo, Engenho Novo, Bonsucesso, Irajá e Deodoro), Brizola aumentou sua vantagem: 46,23% contra 23,23% de Moreira. Porém, foi na Zona Oeste,

---

<sup>271</sup> Ibidem, p. 200.

<sup>272</sup> Ibidem, p. 200.

<sup>273</sup> Ibidem, p.216.

<sup>274</sup> SENTO-SÉ, 1999, p.227

principalmente nos bairros de Bangu e Santa Cruz, que o candidato pedetista obteve sua maior vitória, com 56,18% contra 19,19%.

Para o autor, esse desempenho é expressivo por razões históricas, uma vez que a Zona Oeste sempre foi uma região importante politicamente, e por ter sido um tradicional reduto trabalhista durante o auge do trabalhismo, entre 1945-1964. Durante o governo militar, essa área tornou-se um reduto chaguista, e portanto o PDT conseguiu atrair lideranças do antigo MDB.

Na baixada fluminense, Brizola obteve 42,57% dos votos, contra 30,12% de Moreira. Já ao sair da capital e da baixada, o quadro mudou completamente. Em Niterói, por exemplo, reduto de Amaral Peixoto, Moreira Franco, que fora prefeito da cidade, obteve 53,78%, e Brizola apenas 20,74% dos votos. No interior, Brizola teve ainda piores resultados, como no Norte Fluminense, na Região Serrana, Baixadas Litorâneas e no Centro-Sul Fluminense, ficou em quarto lugar, atrás de Miro, Moreira e Sandra. Assim, percebemos que Brizola venceu a eleição pela capital, em que teve grande aceitação entre as classes mais baixas das áreas urbanas<sup>275</sup>.

Além de Brizola, o PDT também saiu fortalecido da eleição, principalmente no Rio de Janeiro, que pelo voto vinculado também elegeu o senador Saturnino Braga. O PDT saiu das eleições como o terceiro maior partido nacional, ou seja, o principal dos partidos recém-criados, sem levar em conta o PDS e o PMDB, herdeiros da polarização ARENA-MDB.

O partido elegeu 26 deputados federais, dos quais 19 eram do Rio de Janeiro e sete no Rio Grande do Sul, isto é, construiu sua bancada federal nos dois estados em que Brizola concentrava sua força política. No Rio de Janeiro, confirmou-se como o principal partido ao conquistar 24 das 70 cadeiras da Assembleia Legislativa, e 12 das 33 cadeiras da Câmara dos Vereadores da capital<sup>276</sup>.

Sento-Sé analisou que a vitória do PDT foi uma vitória de Brizola arraigada em sua personalidade e carisma:

A capacidade privilegiada de arrebatrar multidões, o poder quase mágico de fazer-se ouvir e ter crédito junto ao eleitorado se confirmavam e superavam todas as expectativas. Brizola confirmava ser de fato o líder capaz de conduzir um partido de massas ao poder. Naquele momento, ele era maior que o próprio partido. Esse ainda estava para ser inventado, mas seu sucesso, diante do resultado eleitoral, parecia irreversível. Brizola derrotara

---

<sup>275</sup> SENTO-SÉ, 1999, p.228.

<sup>276</sup> Ibidem, p.229.

duas máquinas poderosíssimas, levava o eleitorado do Rio de Janeiro a ignorar as ameaças do poder autoritário, arrebatara as massas e comprovava a sua capacidade de “fazer as massas ouvirem a verdade e votarem com consciência”<sup>277</sup>.

Brizola foi o único governador eleitor fora do eixo PMDB/PDS, e sua vitória foi vista pelos brizolistas como a vitória do moderno, “representado pelo socialismo moreno, alinhado à Internacional Socialista e à ‘revolução’ socialdemocrata, contra o atraso representado pelo chaguismo, pelo PDS e pelos comunistas do PCB”<sup>278</sup>. Para muitos brizolistas, esse era o primeiro passo que o levaria a um caminho até o governo federal.

Para Sento-Sé, porém, sua morte política foi anunciada ao menos duas vezes: em 1986 quando seu candidato ao governo, Darcy Ribeiro, foi derrotado por Moreira Franco, que havia trocado o PDS pelo PMDB; e em 1989, quando perdeu para Lula a chance de disputar o segundo turno contra Fernando Collor de Mello.

Após a vitória, Brizola assumiu um estado com diversos problemas, especialmente no tocante à segurança e à educação. Quanto às políticas de segurança pública e ao combate à criminalidade, para Bruno Marques da Silva, no contexto da redemocratização, a dinâmica da criminalidade urbana do Rio de Janeiro apresentou novos padrões, novas práticas, e novos sujeitos. Nessa época, cresceram os crimes violentos e o consumo de drogas ilícitas<sup>279</sup>.

Os primeiros atos de Brizola como governador foram dedicados à questão dos direitos humanos e à violência policial. Extinguiu a Secretaria de Segurança Pública – identificada como aparelho de controle da ditadura – e em seu lugar criou o “Conselho de Justiça, Segurança Pública e Direitos Humanos”, que reunia representantes da sociedade civil, para debater políticas de segurança, aproximando a polícia e o conjunto dos cidadãos<sup>280</sup>.

Brizola elegeu-se governador do Rio de Janeiro após uma impressionante virada. De quarto lugar nas pesquisas de opinião, passou a liderança após intensificar o seu discurso, intitulando-se o único candidato verdadeiramente opositor ao governo federal e ao estadual.

---

<sup>277</sup> Sento-Sé, 1999, p. 230.

<sup>278</sup> Ibidem, p.230.

<sup>279</sup> SILVA, Bruno Marques. A segurança pública nos governos de Leonel Brizola no Rio de Janeiro (1983-1995). IN: FERREIRA, Jorge. FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos* (1961-1964 e 1979-2004). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p.242.

<sup>280</sup> Ibidem, p. 243.

*O Globo* declarou abertamente apoio ao candidato Miro Teixeira, inicialmente, e depois ao candidato Moreira Franco. Até Brizola assumir a liderança nas pesquisas, o jornal apostou no silêncio sobre a sua candidatura, com um baixo número de reportagens e notícias sobre ele quando comparado aos demais candidatos. Já com Brizola assumindo a liderança nas pesquisas, *O Globo* passou a criar discursos que visavam desconstruir sua imagem. Com editoriais fortes, criticou de forma veemente a chance de Brizola ser eleito e afirmou ao eleitor que a melhor opção para o governo do estado era Moreira Franco, do PDS.

Diante dos pontos apresentados até aqui, em que ficou clara a oposição do jornal *O Globo* em todos os momentos políticos de Brizola após sua volta do exílio, é necessário buscar compreender os motivos que levaram o jornal a oferecer tanta resistência a Brizola e ao brizolismo. Pois, mesmo que tenha sido um líder político de grande expressão e carisma, Brizola voltou enfraquecido do exílio.

Então, qual o motivo de *O Globo* oferecer resistência à Brizola? A resposta precisa ser construída tendo em vista o posicionamento ideológico do jornal e o contexto nacional e internacional. Em sua tese de doutorado já citada aqui, João Braga Âreas analisou a intenção do jornal de Roberto Marinho em defender a entrada do neoliberalismo na política brasileira. Segundo Âreas,

*O Globo* apontou a raiz dos problemas nacionais – o Estado – e apresentou a solução: as privatizações e o neoliberalismo em geral. Sustentou que a “iniciativa privada”, liberada dos entraves burocráticos e protecionistas, geraria dinamismo econômico, “modernizaria” o país e resolveria os problemas sociais. Nesse sentido, o jornal sustentou que os interesses do capital coincidiam com as demandas de toda a sociedade<sup>281</sup>.

Apesar de Âreas estudar o período de 1989 em diante, a intenção do jornal já vinha sendo demonstrada há um tempo considerável, e explica como o *Globo* passou a partilhar da ideia de que o culpado pelos problemas do país seria o Estado, ao exercer grande interferência na economia. O jornal, assim como os adeptos do neoliberalismo, acreditaram que a entrada de capital da iniciativa privada modernizaria o país, ao ser mais eficaz do que as estatais.

Brizola defendia o nacionalismo, a valorização das empresas estatais, e, portanto, contrário às privatizações, e isto ia contra a linha neoliberal que *O Globo*

---

<sup>281</sup> Âreas, 2012, p.328.

procurou defender. Isso pode ser observado na campanha para governador na qual *O Globo* atacava essas premissas do programa de Brizola.

Aqui é preciso discutir sobre o conceito de nacionalismo brizolista. O nacionalismo brasileiro no período de 1955 a 1964 defendia as reformas sociais e econômicas, tais como reforma agrária, reforma urbana, reforma fiscal e tributária e reforma educacional. Além das reformas, a política nacionalista caracterizava-se pelo “controle da remessa de lucros e encampação e nacionalização de empresas estrangeiras, que atuavam em setores estratégicos da economia brasileira, com o objetivo de incentivar os investimentos nacionais, privados e públicos”<sup>282</sup>.

Somado a essa ideia esteve o projeto nacional-desenvolvimentista, com uma “racionalização em relação aos recursos naturais do país, uma racionalização maior da gestão pública”. Para Lucilia Almeida Neves, este projeto foi adotado tanto por parcelas do empresariado como por intelectuais, embora tenha sido na sociedade civil e no Congresso Nacional que ocorreu a propagação dessas teses.

A partir de 1955, ganhou expressão o chamado nacionalismo reformista, em que as reformas citadas acima passaram a ser entendidas como primordiais, e que o patrimônio brasileiro deveria ser defendido frente à espoliação do capital internacional. Criou-se a Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), que em sua primeira manifestação contou com 55 deputados, que em um programa defendiam as seguintes ações:

Políticas efetivas para ampliação da participação brasileira no mercado externo; controle das remessas de divisas para o exterior; defesa das reservas de capital do país; defesa da indústria brasileira; proteção do país contra atuação de trustes e cartéis internacionais; defesa das instituições estatais de monopólio já constituídas ou que viessem a se constituir, entre outras (grifo nosso)<sup>283</sup>.

Segundo Lucilia Almeida Neves, a FPN atuou durante os governos de Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart, sendo com este último que ela ganhou maior visibilidade. De acordo com a autora, a FPN contribuiu para difundir teses nacionalistas, reformistas e desenvolvimentistas em um tempo em que “ a

---

<sup>282</sup> DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *Nacionalismo como projeto de nação: a Frente Parlamentar Nacionalista (1956-1964)*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 360. (As esquerdas no Brasil; v.2).

<sup>283</sup> DELGADO, 2007, p. 368.

questão nacional era considerada por expressivos setores da sociedade brasileira fator inequívoco de desenvolvimento econômico e social”<sup>284</sup>.

Podemos entender dessa forma que a questão do nacionalismo foi fundamental para o auge do trabalhismo nesse período, principalmente no que diz respeito à defesa das instituições brasileiras. Brizola foi um dos principais defensores desse nacionalismo e da proteção do patrimônio estatal, acreditando nas reformas como meio de promover justiça social.

Ronaldo Vainfas entende que Brizola, ao voltar do exílio, teria “amadurecido convicções” nacionalistas, ao propor reconstruir um partido trabalhista no Brasil. Embora tenha levantado à bandeira de defesa das minorias, situando-se à esquerda do espectro político, o novo partido se caracterizava como um partido de massas, e não um representante da classe operária, o que o afastava das ideias marxistas<sup>285</sup>.

Como dito anteriormente, a união do “antigo com o novo” foi base para a criação do novo partido. Manteve-se apegado nas ideias de “reassumir um papel renovador”, e da inspiração da carta-testamento de Getúlio Vargas, ao mesmo tempo em que abria espaço para os “desprivilegiados em geral, os miseráveis do campo e das cidades, os oprimidos de todas as formas”<sup>286</sup>.

Depois de eleito em 1982, Brizola assumiu um estado com diversos problemas, sobretudo na área de segurança pública. Após o seu governo, tentou eleger seu vice, Darcy Ribeiro, em 1986, sem sucesso. Em 1989, viu a chance de disputar um segundo turno para presidente da República com Fernando Collor de Melo escapar por pouco, e a partir de então, apesar de eleger-se novamente governador do Rio de Janeiro em 1990, não conseguiu retomar seu prestígio político, vindo a falecer em 2004 sem alcançar seu principal objetivo após o retorno do exílio: chegar ao poder federal.

Podemos refletir sobre o impacto do discurso político de *O Globo* nas derrotas de Brizola nas eleições de 1989 e 1994, quando ele se candidatou à presidência. Brizola denunciou diversas vezes que as *Organizações Globo* buscavam sabotar sua candidatura, através do poder que ela possuía e exercia.

O próprio presidente das *Organizações Globo*, Roberto Marinho, admitiu, em entrevista ao *New York Times* em 1987, que usava o poder da *Rede Globo de*

---

<sup>284</sup> Ibidem, p. 373.

<sup>285</sup> VAINFAS, 2007, p. 493.

<sup>286</sup> Ibidem, p. 493.

*Televisão* para difundir o que a emissora considerava correto, afirmando “Sim, eu uso este poder”, e que o faz “sempre de maneira patriótica, tentando corrigir as coisas, procurando caminhos para o país e seus estados. Nós gostaríamos de ter poder suficiente para consertar tudo o que não funciona no Brasil” <sup>287</sup>.

As *Organizações Globo* mostravam, dessa forma, ter consciência do poder e do papel que exerciam no país, e que usavam este poder para suas determinadas concepções. Apoiando declaradamente alguns candidatos, a emissora e o jornal ajudaram a elegê-los e, conseqüentemente, a derrotar seus oponentes.

Contudo, a vitória de Brizola em 1982 surpreendeu e demonstrou a capacidade do projeto brizolista, que incluía o nacionalismo reformista, retomando o legado do PTB de Getúlio Vargas e João Goulart, ao mesmo tempo em que trazia a novidade da social-democracia, principalmente na questão das minorias. *O Globo*, que possuía visões políticas e econômicas contrárias às defendidas por Brizola, travou um processo de desconstrução do ex-governador, que se estendeu durante o seu governo no Rio de Janeiro e por praticamente toda a sua vida política.

---

<sup>287</sup> HERZ, Daniel, *A História secreta da Rede Globo*, Porto Alegre, TCHÊ, 1987, p. 25

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda pesquisa histórica é fruto de uma inquietação ou de uma lacuna presente na historiografia. Vários são os estudos sobre Leonel Brizola no período do seu governo no Rio Grande do Sul, no Movimento da Legalidade e no período que antecedeu o golpe civil-militar de 1964. Poucos, no entanto, se dedicam a estudar Brizola na segunda etapa de sua vida política, após o retorno do exílio e a criação do PDT.

Esta dissertação teve por objetivo responder a seguinte questão: Como o jornal *O Globo* elaborou seu discurso sobre a ação de Leonel Brizola no processo de criação do Partido Democrático Trabalhista, nos anos de 1979 a 1982? Esse período compreende seu retorno do exílio, a criação do partido e a sua eleição como governador do Rio de Janeiro em 1982. Buscamos compreender conceitos que permeiam a trajetória de Brizola, tais como trabalhismo, brizolismo, nacionalismo, social-democracia, socialismo moreno, entre outros.

Brizola, que teve seu ápice político durante o movimento da Legalidade em 1961, precisou partir para o exílio em 1964 e sofreu um enfraquecimento político durante os anos em que esteve no Uruguai, afastado da vida política brasileira. Tentou comandar movimentos de guerrilha que fracassaram, e então focou seus esforços na reconstrução de um partido trabalhista, dessa vez com um diferencial: a influência da social-democracia europeia, com a qual teve contato em Lisboa nos anos de 1978 e 1979, registrada na Carta de Lisboa, documento que se tornou o programa do PDT depois de Brizola perder a sigla PTB.

Após o retorno de Brizola em 1979, o jornal *O Globo*, que permaneceu favorável ao regime militar por praticamente toda a sua duração, travou um processo de desconstrução de sua imagem a partir de notícias, manchetes e reportagens que continham críticas ao ex-governador. Isso ocorreu durante todo o período estudado, principalmente logo após a sua chegada ao Brasil, e quando de sua campanha e eleição para o governo do Rio de Janeiro em 1982.

Como visto, Brizola retornou em setembro de 1979 e logo buscou reconstruir o PTB. Em uma estratégia do governo, Ivete Vargas conseguiu a sigla e obrigou-o a criar o PDT. Com o novo partido, Brizola lançou-se como candidato ao governo do

Rio de Janeiro em 1982, e depois de ocupar a quarta posição nas pesquisas de opinião, conseguiu eleger-se governador, derrotando as poderosas máquinas políticas do PDS e do PMDB.

Para termos condições de entender o enfrentamento a Brizola, precisamos pensar o jornal *O Globo* inserido em um contexto amplo, um projeto que visava diminuir o poder do estado na economia, diminuir o direito às greves trabalhistas, incentivar a entrada do capital estrangeiro e às privatizações. Além da posição política de defesa ao regime militar, o jornal possuía uma posição econômica que era oposta àquela defendida por Leonel Brizola, um nacionalista defensor de bandeiras como reforma agrária, defesa do patrimônio brasileiro frente a potências internacionais e controle do Estado na economia.

Comprovamos isso em editoriais do jornal publicados nessa dissertação. O *Globo* criticou o direito a greve e líderes trabalhistas, por entender que se apropriavam das massas trabalhadoras a fim de ganhar votos. Defendeu que melhores relações entre o capital e o trabalho poderiam ser obtidas através de meios “regulares e pacíficos”, e não por intermédio de leis trabalhistas.

Brizola continuou defendendo teses nacionalistas e reformistas, porém a partir de seu retorno do exílio, essas teses continham um diferencial: a influência da social-democracia. Com as circunstâncias políticas alteradas no Brasil, em um processo de abertura política, o projeto político de Brizola, com especial atenção às minorias, teve embate de parte da mídia brasileira, principalmente de *O Globo*.

Outro fator é o passado radicalizador de Brizola. Ele foi apontado como o principal “agitador” do governo Goulart e o influenciador das reformas de base, sobretudo a reforma agrária. Brizola, que chegou a romper relações com Goulart por vê-lo como “demasiado conciliador”, era visto por parte da imprensa e da política conservadora como um perigo para as estruturas econômicas do país, caso chegasse ao poder.

O jornal seguia uma linha conservadora, contrária a reformas econômicas que propunham a distribuição de renda. Por isso optava por defender candidatos com uma linha política que não gerasse alterações no sistema econômico. Logo, no processo de disputa da sigla PTB, procurou desconstruir Brizola, visto que Ivete Vargas, ligada ao próprio governo federal, significava um trabalhismo moderado, sem mudanças econômicas profundas como as propostas pelo ex-governador.

Pelo mesmo motivo, o jornal atacava líderes trabalhistas como Luís Inácio Lula da Silva, e ao defender um “tripartidarismo”, com Brizola, Ivete e Lula juntos em um mesmo partido, procurava gerar conflitos entre os três e “quebrar” o trabalhismo no país, vistas as diferenças propostas por cada um.

Na análise de discurso do jornal, identificamos as estratégias de desqualificação, a mentira na cena pública, as formas de manipulação, da conquista da opinião pública, entre outras. Com essa metodologia, baseada na reflexão teórica de Patrick Charaudeau, foi possível perceber como o jornal construiu um discurso que, de diversas formas, buscava induzir ao eleitor o erro que seria o voto em Brizola.

Com a análise, em que identificamos a intencionalidade de *O Globo*, seja na estruturação das matérias, seja na linguagem utilizada, afirmamos que o discurso midiático por muitas vezes não retrata a realidade, pelo contrário, ele é construído a partir de uma série de fatores que influenciam a sua posição.

Conforme afirma Patrick Charaudeau, os procedimentos utilizados pelas mídias “permite cada vez mais criar a ilusão do factual, do autêntico, da prova da realidade dos fatos, pela investigação do privado, do íntimo, do testemunho, persuadindo-nos de que isso realmente aconteceu assim”<sup>288</sup>. Entendemos que os procedimentos midiáticos constroem um discurso adequado a suas visões, e que por diversas vezes não representam o fato e a realidade em si, embora se esforcem para difundir que “realmente aconteceu assim”.

É nesse contexto que o pesquisador utiliza o método de análise de discurso para confrontar o discurso das mídias e a realidade em si. Na forma da construção dos títulos das reportagens, na repetição de entrevistas com críticos a Brizola, na falta de espaço dedicado à fala dele próprio, em contraste com o grande espaço de outros políticos, constatamos a posição de *O Globo*, ora optando pelo esquecimento do ex-governador, ora pelo excesso de críticas a ele.

O PDT se formou em um projeto que prometia retomar o legado trabalhista-nacionalista do pré-1964 ao mesmo tempo em que incorporou elementos da social-democracia. Além de um projeto nacionalista, que era capaz de dialogar principalmente com as classes sociais de baixa renda, Brizola possuía a seu favor o

---

<sup>288</sup> CHARAUDEAU, *Discurso das mídias*, 2015, p. 273.

seu carisma, a sua retórica, a sua capacidade de mobilizar massas em prol de uma ideia.

Esse fator foi decisivo para a vitória do PDT nas eleições de 1982 no Rio de Janeiro. Ao ocupar o quarto lugar nas pesquisas eleitorais pouco tempo antes da eleição, Brizola criou um discurso de “verdadeiro candidato oposicionista”, e conseguiu legitimá-lo e difundi-lo no eleitorado principalmente pelo seu carisma, que mobilizava a população ao elencar os problemas do estado e apresentar um projeto que incorporava questões nacionais e sociais, como alternativa aos modelos do PDS e do PMDB.

Pela sua linha nacionalista, que também defendia reformas no sistema econômico, e pela sua capacidade de reunir multidões a partir de seu carisma, Brizola mostrou que possuía visões políticas diferentes das defendidas pelo jornal<sup>289</sup>. O *Globo* reconhecia que Brizola ainda possuía força política, e, portanto, adotou uma linha de desqualificação ao ex-governador.

Pelos temas já elencados defendidos por *O Globo*, interessava ao jornal que o PMDB ou o PDS permanecessem como os principais partidos. A criação do PDT, por um líder que tinha um passado de lutas por reformas sociais no país que atendessem demandas trabalhistas, e defendia o combate à desigualdade social e o amparo aos mais pobres ia contra o que *O Globo* defendia, e por isso, o jornal ofereceu resistência à Brizola e ao PDT.

Durante a pesquisa, identificamos as formas de construção do discurso de *O Globo* e os interesses presentes no processo de desconstrução da imagem de Brizola. Recorrendo a um extenso trabalho na fonte, coletamos os dados aqui divulgados, com o que ficou claro, principalmente na cobertura das eleições para o governo do Rio de Janeiro em 1982, que Brizola teve espaço consideravelmente menor em relação aos candidatos do PDS e do PMDB.

A pauta do jornal deveria favorecer candidatos que não defendessem questões trabalhistas, socialistas ou que representassem reformas profundas no sistema econômico. O enfrentamento entre capital x trabalho e a agenda neoliberal foram os principais motivos de *O Globo* oferecer tanta resistência ao retorno de Brizola à cena pública brasileira.

---

<sup>289</sup> Nesse caso, nos referimos à visão política em sentido amplo, de princípios políticos, entendendo a política como campo onde se decidem todas as disputas.

Ao término dessa pesquisa, em que pese várias constatações já extraídas, outras tantas permanecem aguardando novos estudos. A relação de Brizola e *O Globo* apresentou novas variáveis com os governos de Brizola no Rio de Janeiro nos períodos 1983-1986 e 1991-1994, em que o modelo de governo brizolista contrariava os ideais que *O Globo* passou a adotar, principalmente a pauta neoliberal.

Nas décadas de 1980 e 1990, a questão da regulação das mídias passou a ser abertamente defendida por Brizola, criticando um modelo de mídia hegemônica que encontrava nas Organizações Globo seu principal alicerce. Essa relação de Brizola e *O Globo* a partir de seus governos no Rio de Janeiro merece ser pesquisada pelas diferenças propostas por cada um em um momento importante da história brasileira, em que a democracia estava sendo reestabelecida.

Enfim, estudar história através da imprensa comprovou a necessidade da interdisciplinaridade entre essas áreas, pois a forma como a imprensa seleciona e estrutura os conteúdos divulgados necessita ser analisado através de metodologias próprias da pesquisa histórica. Para a história do tempo presente, as mídias constituem-se como fonte ao historiador, que por sua vez, analisa seus procedimentos e recorre à análise do discurso para compreender a complexidade, as intencionalidades e as estratégias presentes na instância midiática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, P; TERROU, F. *História da Imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ANTUNES, Clarissa. *Brizola: um percurso na imprensa no norte do Rio Grande do Sul (1961-1964)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Passo Fundo, 2013.

ARÊAS, João Braga. *Batalhas de O Globo (1989-2002): O neoliberalismo em questão*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

ASTURIAN, Marcos Jovino. *Em busca do convecimento: disputas político-eleitorais entre peseedistas e petebistas no Rio Grande do Sul (1945-1954)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011.

BANDEIRA, Moniz. *Brizola e o trabalhismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

BILHÃO, Isabel (org.). *Visões do Brasil: realidade e perspectivas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 5ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRIGAGÃO, Clóvis; RIBEIRO, Trajano. *Brizola*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

CHACON, Vamireh. *História dos partidos brasileiros: discurso e práxis dos seus programas*. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

CHARTIER, Roger. *Defesa e Ilustração da noção de representação*. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CHAUVEAU, A; TÉTARD, Ph (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. *Discurso das Mídias*. 2.ed.São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. *Discurso Político*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *Nacionalismo como projeto de nação: a Frente Parlamentar Nacionalista (1956-1964)*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil; v.2).

FELIZARDO, Joaquim José; SCHMIDT, Matheus. *Partidos políticos e eleições no Brasil*. Porto Alegre: Editora Vozes, 1982.

FERREIRA, Jorge; FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FERREIRA, Jorge. REIS, Daniel Aarão. *As esquerdas no Brasil: Revolução e Democracia (1964...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge, *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Coord.). *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. 4 v.

FERREIRA, Jorge(org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FREIRE, Américo; MOTTA, Marly; SARMENTO, Carlos. *A política carioca em quatro tempos*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

FREIRE, Américo. *O fio da História: Leonel Brizola e a renovação da tradição trabalhista no Brasil contemporâneo (1980-1990)*. In: FERREIRA, Jorge; FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FICO, Carlos. *Além do golpe: Versões e Controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

FILHO, Daniel Aarão Reis. RIDENTI, Marcelo. MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *A ditadura que mudou o Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FILHO, FC Leite. *El caudillo: Leonel Brizola: um perfil biográfico*. São Paulo: Aquariana, 2008.

GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

- GONÇALVES, Leandro Pereira. MARQUES, Teresa Cristina Scheneider. A fundação do Partido Democrático Trabalhista no exílio. *Civitas*, Porto Alegre, v.16, n.3, p. 339-416, jul-set.2016, p.402.
- HEINSFELD, Adelar. *Sob a inspiração de Clío: Uma introdução ao estudo da história*. Passo Fundo: PPGH/UPF, 2012.
- HERZ, Daniel, *A História secreta da Rede Globo*, Porto Alegre, TCHÊ, 1987.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- KUHN, Dione. *Brizola: da legalidade ao exílio*. Porto Alegre: RBS, 2004.
- LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos, e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MACEDO, Michelle Reis. *As esquerdas revolucionárias, Leonel Brizola e a refundação do trabalhismo*. IN: FERREIRA, Jorge; FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- MARCON, Marcelo. O retorno de Leonel Brizola do exílio em 1979: Discursos de O Globo. *Revista Labirinto*, ano XVI, v.24, n.1. (Jan-Jun), 2016. p. 339-362.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012
- POCOCK, J.G.A.; MICELI, Sergio (org.). *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- REMOND, René. *Por uma história política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Um encontro em Lisboa. O novo trabalhismo do PDT*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Coord). *Revolução e democracia (1964--)*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil ; 3).
- SILVA, Marco A. Medeiros. *A última revolução: O governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul (1959-1963)*. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: De Castelo a Tancredo (1964-1985)*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro, Edições do Graal, 1977.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. *A luz própria de Leonel Brizola: do trabalhismo getulista ao socialismo moreno*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Coord). *Revolução e democracia (1964--)*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil ; 3).

VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

## FONTES CONSULTADAS

1 – Acervo do jornal *O Globo* de 1979 a 1982. Disponível em: [acervo.oglobo.globo.com](http://acervo.oglobo.globo.com)<sup>290</sup>.

2 - Manifesto de criação dos partidos PDS, PDT, PMDB, PT, PTB, PP. Disponível em: CHACON, Vamireh. *História dos partidos brasileiros: discurso e práxis dos seus programas*. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

3- Pesquisas eleitorais e quadro de migrações de parlamentares dos antigos partidos após a reforma partidária. Disponível em: SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1999.

---

<sup>290</sup> Também foram consultados os anos de 1964 e 1977.

## ANEXOS

ANEXO 1: Encontro de Brizola e Che Guevara no Uruguai em 1961.



Fonte: <http://g1.globo.com/platb/geneton/tag/leonel-brizola>.

ANEXO 2: Brizola visita Ivete Vargas no Hospital Sírio-Libanês em 03/12/1983.



Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/a-briga-pela-sigla-ptb-10250932>

ANEXO 3: Brizola rasga a sigla PTB após a perda da legenda para Ivete Vargas em 12 de maio de 1980.



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html>